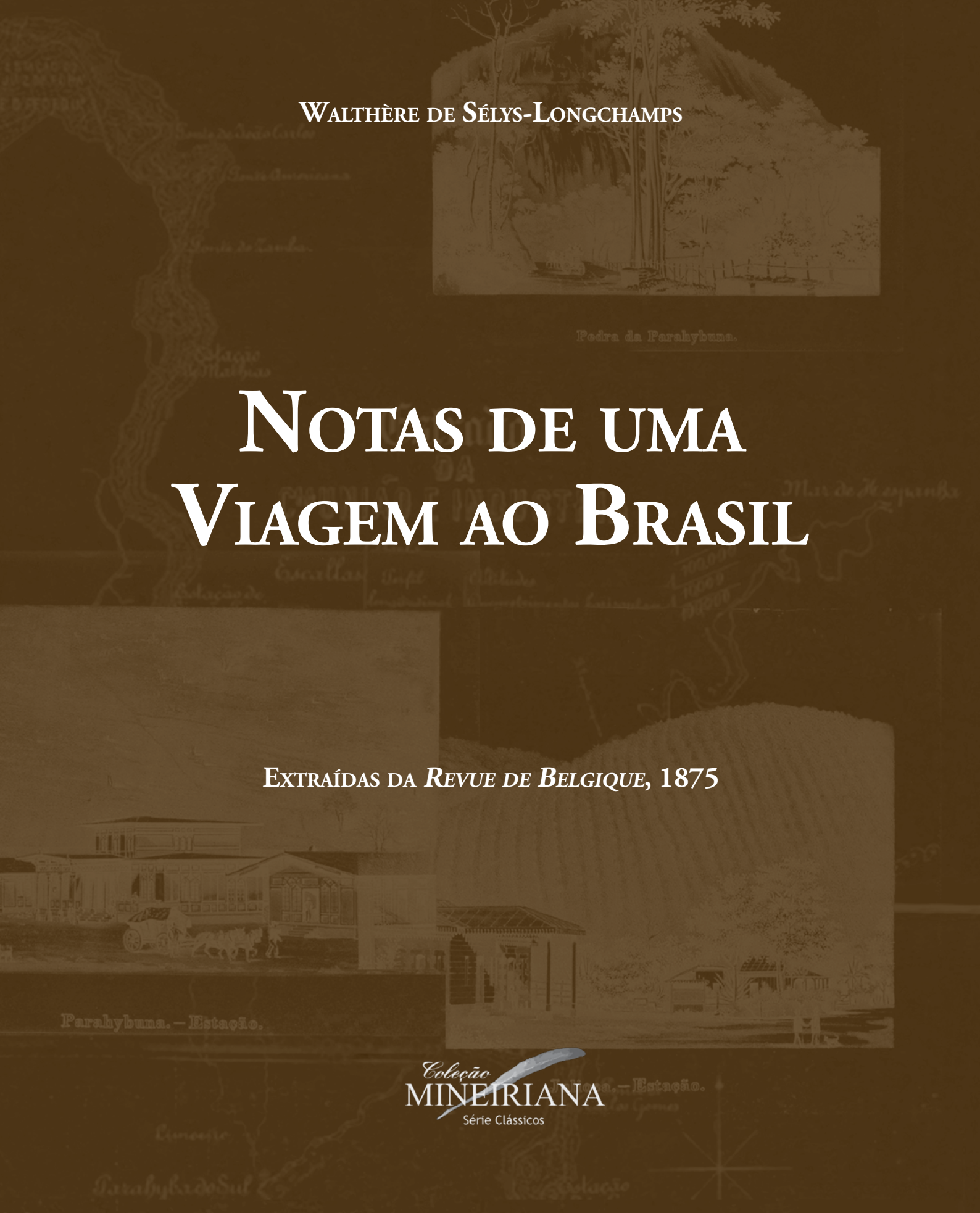


Walthère de Sélys-Longchamps

Notas de uma Viagem ao Brasil

Extraídas da *Revue de Belgique*, 1875

Coleção Mineiriana
Série Clássicos

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

GOVERNADOR
Romeu Zema Neto

VICE-GOVERNADOR
Mateus Simões

SECRETÁRIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO
Silvia Caroline Listgarten Dias

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Presidente
Luciana Lopes Nominato Braga

Vice-Presidente
Mônica Moreira Esteves Bernardi

DIRETORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS
Diretor
Mauro César da Silveira

COORDENAÇÃO DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS
Luís Felipe Zilli

PROGRAMA DE PESQUISA HISTÓRICA E EDIÇÃO COLEÇÃO MINEIRIANA
Maria Marta Araújo (Coordenadora)
Renato Somberg Pfeffer

Walthère de Sélys-Longchamps

Notas de uma Viagem ao Brasil

Extraídas da *Revue de Belgique*, 1875

1ª EDIÇÃO

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro
2025

NOTES

D'UN

VOYAGE AU BRÉSIL

PAR

WALTHÈRE DE SELYS-LONGCHAMPS

EXTRAIT DE LA REVUE DE BELGIQUE

BRUXELLES
Librairie C. MUQUARDT
MERZBACH & FALK, ÉDITEURS
RUE DE LA RÉGENCE, 45
MÊME MAISON A LEIPZIG
1875

Walthère de Sélys-Longchamps

Notas de uma Viagem ao Brasil

Extraídas da *Revue de Belgique*, 1875

Tradução
Irene Ernest Dias

Ensaios Críticos
Eliana de Freitas Dutra
Maria Marta Araújo

Esta obra é dedicada ao eminente historiador belga e brasilianista Eddy Stols

© 2025 Fundação João Pinheiro. Diretoria de Políticas Públicas.

É permitida a reprodução do conteúdo deste livro para fins didáticos e não comerciais desde que citada a fonte.

Título original: *Notes d'un voyage au Brésil: extrait de la Revue de Belgique*

Publicação original: 1875

Fundação João Pinheiro
Alameda das Acácias, 70 – São Luiz
31.275-150 – Belo Horizonte/MG
Telefone: (31) 3448-9701
Home *page*: http://www.fjp.mg.gov.br

S469n Sélys-Longchamps, Walthère de
Notas de uma viagem ao Brasil : extraídas da Revue de Belgique, 1895 / Walthère de Sélys-Longchamps; traduzido por Irene Ernest Dias. – Belo Horizonte: FJP, 2025.

160 p. (Coleção Mineiriana).
ISBN 978-65-88757-28-4 (versão impressa)
ISBN 978-65-88757-25-3 (versão digital)

1. Descrição de viagens – Brasil. I. Dias, Irene Ernest. II. Título. III. Série.

Ficha catalográfica elaborada por Ana Paula da Silva CRB-6 / 2390

EQUIPE TÉCNICA

Tradução
Irene Ernest Dias

Redação de Notas
Maria Marta Araújo

Ensaios Críticos
Eliana de Freitas Dutra
Maria Marta Araújo

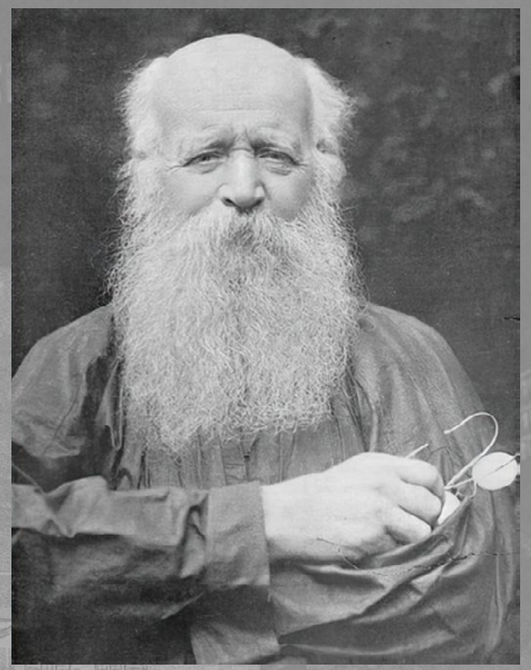
Núcleo de Pesquisa Histórica
Maria Marta Araújo
Nathálya Aparecida Ferreira

Núcleo de Revisão
Isabella de Oliveira Andrade Guedes
Lobélia Hadassa Rodrigues Comini de Carvalho

Coordenação de Editoração
Ana Paula da Silva
Ariane Machado
Graziella Napoli Terra Caldeira
Marielle Durães Ferreira
Mariza Gabriela de Lacerda

Apoio Técnico e Administrativo
Gislene Aparecida de Andrade Cruz
Maria Helena de Miranda

Design Gráfico e Diagramação
Nemer Fornaciari Design



Walthère de Sélys-Longchamps
Liege (Bélgica)1846, Les Planches ou Territet (Suíça) 1912

Coleção MINEIRIANA
Série Clássicos

CONSELHO EDITORIAL

Luciana Lopes Nominato (Presidente da Fundação João Pinheiro)

Mauro César da Silveira (Diretor de Políticas Públicas da Fundação João Pinheiro)

Carlos Alberto Arruda de Oliveira (Presidente da Fapemig)

Amílcar Vianna Martins Filho

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Bernardo Novais da Mata Machado

Caio César Boschi

Carlos Antônio Leite Brandão

Eleonora Santa Rosa

Eliana Regina de Freitas Dutra

Jacyntho José Lins Brandão

João Antônio de Paula

João Paulo Cunha

Lucília de Almeida Neves

Maria do Carmo Andrade Gomes

Maria Marta Martins Araújo

Renato Pinto Venâncio

Roberto Borges Martins

Roberto do Nascimento Rodrigues

Apresentação

É com grande satisfação que a Fundação João Pinheiro (FJP), por intermédio de sua renomada Coleção Mineiriana, oferece ao público mais uma obra de grande relevância para a historiografia e valorização da memória de Minas Gerais e do país: *Notas de uma viagem ao Brasil*, do viajante belga Walthère de Sélys-Longchamps, publicadas originalmente em francês na Bélgica, em 1875. O autor visitou o Brasil em 1872, no contexto de uma expedição científica pelo Rio de Janeiro e por Minas Gerais, patrocinada pelo governo belga e chefiada pelo famoso zoologista Edouard Van Beneden. Bastante proveitosa por suas descobertas, a expedição rendeu artigos nos periódicos científicos da Bélgica.

Destinado ao grande público, o texto original da obra é fruto de uma compilação feita pelo autor de seu diário de viagem e das longas cartas que enviou ao pai, o entomologista e senador belga, Edmond de Sélys-Longchamps, que incumbiu o filho de coletar espécimes para ampliar ainda mais a sua vasta coleção. Apesar de pouco extenso, o relato é rico em informações, distinguindo-se pelo interesse do autor em torno das questões sociais e políticas que agitavam o império brasileiro e a Europa à época.

Esta obra integra uma das linhas mais profícuas da Coleção Mineiriana, constituída pela edição de viajantes inéditos em português, que percorreram ou residiram em Minas no século XIX. Fonte e objeto para a história há muito reconhecidas, as narrativas de viagem são testemunhos valiosos, que numa perspectiva crítica, podem evidenciar aspectos da realidade que o olhar estrangeiro não deixou passar desapercebidos.

A tradução do texto original foi realizada no final da década de 1990, na gestão de Eleonora Santa Rosa, na direção do Centro de Estudos Históricos e Culturais (CEHC), e de Roberto Borges Martins, na Presidência da FJP, aos quais agradecemos, assim como à historiadora Marta Araújo por dar continuidade ao projeto e garantir a presente edição.

Um agradecimento especial é devido à eminente historiadora Eliana Regina de Freitas Dutra pelo belo ensaio que enriqueceu ainda mais a publicação do ponto de vista científico e histórico.

Luciana Lopes Nominato Braga
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Mauro César da Silveira
DIRETOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Agradecimentos

A edição desta obra só foi possível graças à tradução do texto original em francês realizada na gestão de Eleonora Santa Rosa, à frente do Centro de Estudos Históricos e Culturais (CEHC), e de Roberto Borges Martins, na Presidência da Fundação João Pinheiro (FJP). Por essa e outras iniciativas no âmbito do programa da Coleção Mineiriana, os mais sinceros agradecimentos.

À Carolina Proietti Imura, pelo incentivo e pela dotação de recursos que permitiram esta e outras edições da Coleção Mineiriana durante sua gestão na Diretoria de Políticas Públicas da Fundação João Pinheiro (DPP/FJP).

À Ana Paula da Silva e equipe, pela editoração e pelo compromisso com a qualidade técnica das publicações da Coleção Mineiriana e da FJP.

À historiadora Nathálya Ferreira, pelo trabalho competente na pesquisa e nas atividades de suporte à coordenação editorial.

À Isabella Guedes e Lobélia Hadassa Carvalho, pelo aprendizado e profissionalismo na execução das atividades de revisão e normalização dos textos.

Aos designers Martuse Fornaciari e Lúcia Nemer, pela excelência gráfica desta publicação e pelo apreço para com o programa da Coleção Mineiriana.

À Gislene Aparecida de Andrade Cruz, pelo apoio na gestão técnica e administrativa dos projetos da Coleção Mineiriana.

Pela parceria na condução do programa da Coleção Mineiriana, um agradecimento especial a Renato Somberg Pfeffer.

Nota Sobre a Edição

O Programa de Pesquisa Histórica e Edição Coleção Mineiriana destaca-se por sua excelência na pesquisa, pela rigorosa seleção de seus títulos e, sobretudo, por seu interesse público e sua relevância no campo da pesquisa científica, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos disponíveis sobre a história de Minas Gerais e do Brasil.

A tradução e edição crítica de obras inéditas em português de viajantes que percorreram e, por vezes, residiram em Minas Gerais têm sido uma constante, como se observa pela relação de títulos publicados: *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil: do Rio de Janeiro ao Maranhão*, de James W. Wells (1995); *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil*, de Ernest de Courcy (1997); *Viagens na América do Sul*: extrato da obra contendo relato sobre o Brasil, de Alexander Caldcleugh (2000); *Jornal do Brasil 1811-1817 ou relatos diversos do Brasil*, coletados durante expedições científicas, do Barão de Eschwege (2002); *Viagens através da América do Sul*, de Johann Tschudi (2006); *A canção das palmeiras: Eugenius Warming, um jovem botânico no Brasil* (2006); *Ernst Hasenclever e sua viagem às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (2015) e *Um ano no Brasil*, de Hastings Charles Dent (2025).

Para integrar esse importante acervo, o programa traz a público a presente obra, *Notas de uma viagem ao Brasil*, do viajante belga Walthère de Sélys-Longchamps, publicadas originalmente na Bélgica, em 1875. Como de praxe, além da criteriosa tradução do texto original em francês para o português, foram acrescidos na nova edição ensaios críticos sobre o autor e sua obra, além de notas explicativas que contribuem em muito para sua compreensão e contextualização. Para diferenciá-las das notas de rodapé elaboradoras pelo autor, foram adotadas e inseridas no início de cada nota as siglas:

a) N.A.: NOTA DO AUTOR;
b) N.E.: NOTA DO EDITOR;
c) N.T.: NOTA DO TRADUTOR.

Além disso, foi acrescida uma iconografia constituída de imagens do século XIX, com datação próxima à passagem do autor pelo Brasil e condizente com os assuntos por ele tratados, bem como um índice geral de assuntos que facilita a busca por palavras específicas, principalmente em relação aos topônimos.

Referências

CALDCLEUGH, Alexander. *Viagens na América do Sul*: extrato da obra contendo relato sobre o Brasil. Tradução de Júlio Jeha. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000.

COURCY, Ernest de. *Seis semanas nas Minas de Ouro do Brasil*. Tradução de Júlio Castanõn Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

DENT, Hastings Charles. *Um ano no Brasil*. Tradução de Irene Ernest Dias. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2025.

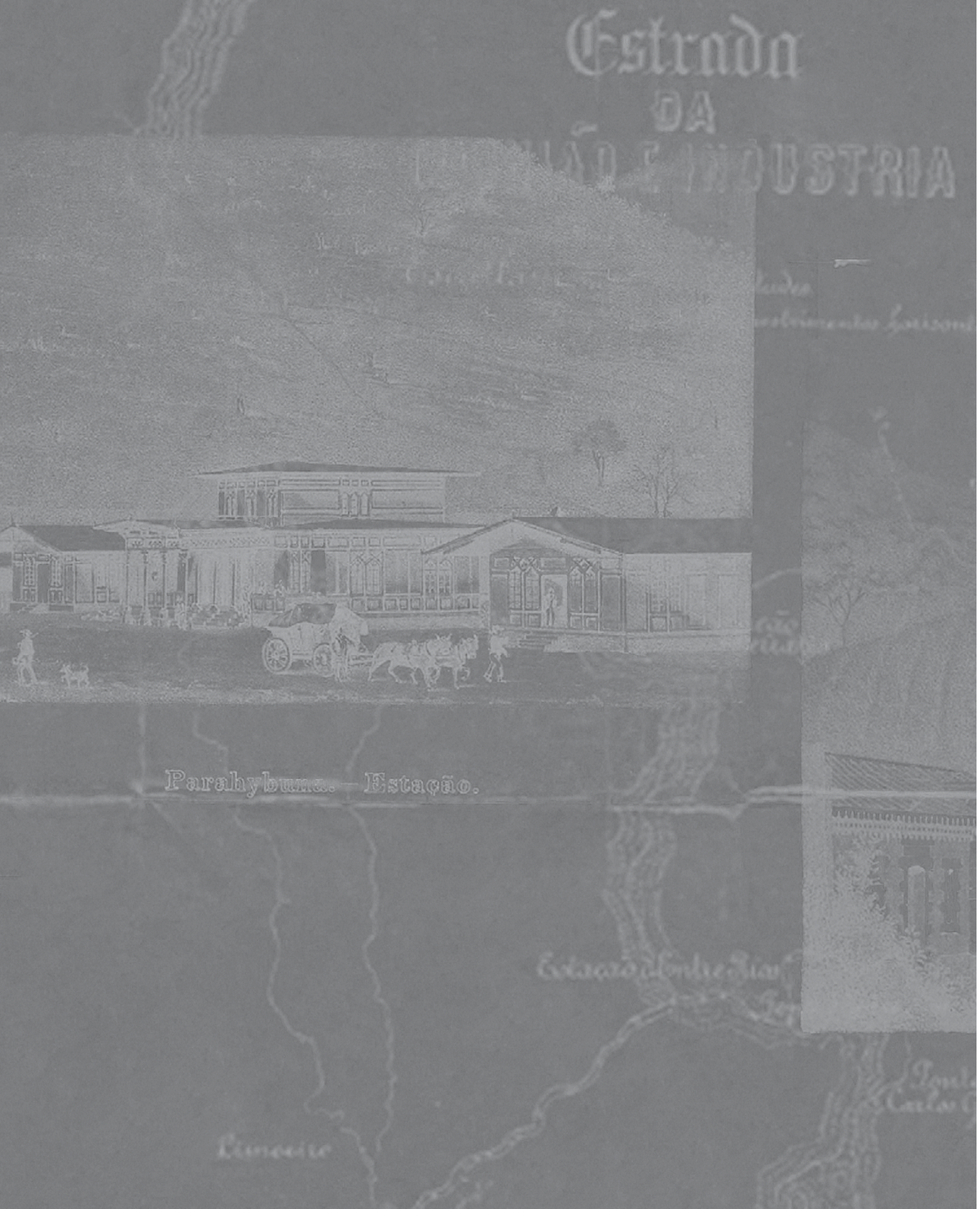
GOMES, Maria do Carmo Andrade (org.). *A canção das palmeiras*: Eugenius Warming, um jovem botânico no Brasil. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006.

HASENCLEVER, Ernst. *Ernst Hasenclever e sua viagem às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução de Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2015.

VON ESCHWEGE, Wilhelm Ludwing. *Jornal do Brasil 1811-1817 ou relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas por Wilhelm Ludwing von Eschwege*. Comentário crítico, revisão da tradução e notas de Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.

VON TSCHUDI, Johann Jakob. *Viagens através da América do Sul*. Tradução de Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2015.

WELLS, James W. *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil*: do Rio de Janeiro ao Maranhão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.



Sumário

Ensaios Críticos | 21

Prelúdio a Sélys-Longchamps, um viajante belga no Brasil | 22
Eliana de Freitas Dutra

O barão de Sélys-Longchamps e seu olhar sobre Minas e Rio de Janeiro no Império | 32
Maria Marta Araújo

Notas de uma Viagem ao Brasil | 53

1. Rio de Janeiro | 54

2. Excursões na província do Rio | 83
I. O Rio Preto e o Paraíba | 83
II. Itaipu - A serra dos Órgãos | 97

3. Três semanas em Minas Gerais | 111

Índice Geral de Assuntos | 149

Iconografia | 155
Relação e Créditos das Imagens

Ensaios Críticos

Prelúdio a Sélys-Longchamps, um viajante belga no Brasil

Eliana de Freitas Dutra

A leitura da obra *Notas de uma viagem ao Brasil*, do belga Walthère de Sélys-Longchamps – com os registros de seu percurso, em 1872, pelo Brasil e por Minas Gerais, posteriormente disponibilizados em livro na Bélgica em 1875, e agora em edição cuidadosa da Coleção Mineiriana da Fundação João Pinheiro – provoca inúmeras interpelações aos historiadores.

Uma delas é provocada pelo autor já no início da sua narrativa. Nela, o viajante nos fala das suas impressões no momento do desembarque na qual diz ter experimentado pela primeira vez "o sentimento exato do meu distanciamento". Isto porque o navio, por ele chamado de "lar flutuante", ocupado com tantos belgas e os membros da missão científica que integrava, foi uma espécie de "prolongamento do solo natal", portanto um espaço que podemos intuir como conhecido, seguro, sem novidades. E o alto-mar com sua uniformidade monótona, lhe "pareceu bem menos imponente do que o mar visto da orla". Isto porque não ofereceria ao olhar um ponto de apoio ou de perspectiva, cansando o olho e enganando-o por sua regularidade. E conclui, "sua imensidão parece mesquinha e tacanha, e o espírito não pode nele perceber o menor esboço do infinito; lá ele encontra apenas a imagem do isolamento" (Sélys-Longchamps, 2025, p. 54).

Curiosamente, 59 anos depois, em maio de 1934, o escritor Thomas Mann, ao atravessar o Atlântico rumo a Nova Iorque – local em que na sua fuga do nazismo se exiliaria em 1938, lá permanecendo até seu retorno para a Suíça nos anos 50 – registra suas vivências dessa viagem as quais seriam a base do seu diário de viagem escrito em agosto do mesmo ano de 1934, intitulado *Travessia marítima com D. Quixote*. Nele, Mann nos fala do efeito do percurso, da distância e do olhar na sua carga transformadora, porque "visto do navio, e não de uma praia, o mar não me causa o mesmo efeito". Segundo ele,

> [...] não se produz o entusiasmo que me inspira o seu sagrado embate contra a terra firme em que me encontro. Trata-se de um desencantamento que por certo tem a ver com a sóbria conversão do elemento líquido em itinerário, em rota de viagem, com o que ele perde seu caráter de visão, sonho, ideia, vislumbre espiritual do eterno, para se tornar ambiente. O ambiente, ao que parece não é estético, só a imagem que nos confronta pode sê-lo (Mann, 2014, p. 82).

Aqui, até parecem ressoar as impressões de Alexander Von Humboldt na sua defesa do estilo da escrita de viagem, do tratamento estético e sensitivo dos objetos histórico-naturais na sua concepção paisagística dos dados científicos, que se tornaram referências modelares para todos os viajantes no século XIX – tal como já observado por vários estudiosos – por exemplo, nos escritos do viajante e naturalista Saint-Hilaire ao descrever suas viagens a Minas Gerais nas primeiras décadas dos oitocentos.

Para o que nos interessa assinalar, Sélys-Longchamps e Thomas Mann, na narrativa da sua decepção com o percurso no oceano, guardadas as devidas precauções face ao tempo de separação entre suas viagens, e ao formato do diário de viagem como espaço para o balanço da atividade literária/ficcional no caso de Mann – que escolheu *D. Quixote* de Cervantes como leitura de bordo durante a travessia do Atlântico – deixam notar, ainda assim, a expectativa por maior vivacidade, pelo desafio do embate por algo ainda não disponível ao olhar naquele momento da travessia, e a incógnita da sua forma final encoberta pela distância daquele horizonte. Afinal, a partir da orla, haveria a busca incerta, imprevisível, de um outro que, como o elemento líquido, escapava da forma, portanto era ainda incapaz de confrontar a identidade do viajante.

As concepções da distância e as elaborações da sua percepção são fundamentais para o pensamento histórico pelas implicações, para além do tempo e do espaço, às questões de método, de teoria da história, de historiografia, e da teoria literária. O pensar a distância – tópica chave da literatura de viagens, dos diários de viagem e da história – traz implicações para o enfrentamento de diversos desafios, a exemplo dos já explorados por Mark Salber Phillips, em *On historical distance* (2013), e Carlo Ginzburg no seu *Olhos de madeira*: nove reflexões sobre a distância (2001) – para a compreensão dos contatos culturais; das suas influências sobre os afetos, os sentimentos humanos e as questões morais; das definições do que seriam posições periféricas e marginais; da percepção dos estranhamentos étnicos e culturais; da identificação dos modelos cognitivos oriundos da relação entre perspectivas, formas e imagens; do reconhecimento das marcas das ideologias e das formulações de narrativas hegemônicas.

Um cuidado teórico, no entanto, se impõe: a não apologia do olhar distanciado, seja do viajante, seja do historiador. Afinal, as reflexões dos historiadores sobre a atualidade e sobrevivências do passado no presente da história têm problematizado que a produção da distância pode ser um jogo no presente do viajante/historiador entre proximidade e distanciamento o qual pode ocultar os estranhamentos, os jogos do poder, as persistências do passado, bem como as relações múltiplas e dinâmicas entre passado, presente e futuro. Esse jogo pode tentar nos fazer crer na existência de um passado dado, da história como uma única, verdadeira e objetiva versão, e na suposta isenção do olhar do estrangeiro e do historiador. O viajante ao escrever suas narrativas, e o historiador ao se debruçar sobre elas, compartilham relações com a temporalidade, tais como com o presente do passado, no caso do viajante, e do futuro do passado, no caso do historiador. Sabemos bem que o passado é construído pelos historiadores em um movimento de ir e vir constante a partir das questões do presente e das promessas de futuro. Podendo a qualquer tempo, portanto, tornar-se diferente à sociedade e aos historiadores através do que já se chamou de porta aberta – ou semicerrada – dos sujeitos do passado.

Assim, as contribuições dos relatos de viagens são valiosas não apenas por disponibilizarem elementos capazes de alicerçar o conhecimento do passado e os esboços de sua representação, mas também pelo que nos dizem hoje acerca das formas de suas sobrevivências no presente, permitindo o reconhecimento seja das durações, seja das mudanças na atualidade da história: no espaço geográfico, na vida econômica, na cultura política, nas persistências culturais, nos juízos de valor, nas hierarquias sociais, nos estereótipos e na sua impregnação nos imaginários sociais.

Muito já se disse que pensar a viagem e a distância remete às questões do tempo e do espaço e seus inevitáveis deslocamentos, especialmente enquanto locais de experiência de estranhamento, de si e do outro; de encontros e desencontros entre o tempo do viajante e as realidades do espaço de viagem; dos contrastes entre identidade e alteridade; dos contatos entre diferentes vivências e experiências históricas do tempo do "outro"; das distâncias temporais entre a experiência da viagem e o seu registro pela escrita; da expressão dos limites do olhar estrangeiro. Como reler os viajantes do século XIX nas suas andanças e expedições científicas pelo Brasil sem tentar identificar esses movimentos e suas implicações para a interpretação e a crítica histórica?

Parece-nos importante reter que a narrativa do belga Walthère de Sélys-Longchamps, como de resto outras similares – que, embora oriundas do século XIX, ultrapassam-no – ainda que com diferentes características, não pode ser lida fora de sua condição enunciativa fundamental, qual seja de uma escrita advinda da experiência e das persistências do poder colonial e do imperialismo europeu. Essa condição vai permear a literatura de viagem nas suas acomodações no interior do gênero, bem como nas contradições dos seus autores, dentre elas as de Sélys-Longchamps. Identificá-la na sua historicidade em nada diminui o valor da literatura e dos diários de viagem. Antes, ela alarga nossa compreensão crítica dos relatos e registros históricos que conservam e das persistências que carregam na longa duração temporal. Se em Longchamps, como o leitor poderá constatar, essas persistências surgem quase naturalizadas em meio à cultura de sua época, não deixa de ser ilustrativo resgatar, como exemplo, o texto final do diário de Thomas Mann, quando de sua chegada a Nova Iorque e a finalização da leitura de D. Quixote, em que afirma*:* "Ideias e sentimentos demasiadamente europeus voltados para trás! Bem à frente, em meio ao nevoeiro matinal, vão se desprendendo lentamente os altos edifícios de Manhattan, uma fantástica paisagem colonial, uma vertiginosa cidade de gigantes" (Mann, 2014, p. 131). Não deixa de surpreender aqui a associação da paisagem urbana de Nova Iorque, com seus arranha-céus, sendo figurada como uma paisagem colonial, e porque não dizer, exótica. Como não identificar na força do léxico e no olhar do viajante, a impregnação da cultura e da supremacia europeias na sua versão colonial? Como não perceber a manifestação de um tipo de desencontro temporal?

Em Sélys-Longchamps, meio século antes, em uma viagem de outra natureza, a expressão da modernidade das cidades, tal como a da visita à capital do Rio de Janeiro, se alterna com outra pré-industrial encontrada nos trajetos pelo interior rural, em que os choques com os contrastes são menos evidentes, pois os detalhes são apenas sugeridos, mas nem por isso inexistentes ou menos presentes. E eles se manifestam em meio a uma narrativa minuciosa, rica em detalhes, preciosos fragmentos arqueológicos do dia a dia do nosso viajante exposto a um cotidiano de estranhamento ao aceder a um mundo ao qual ele não pertence.

Como tão bem assinalado no ensaio da presente edição, em texto sensível e historicamente bem fundamentado de Maria Marta Araújo, o primeiro aspecto a qualificar

o texto de Longchamps é a natureza híbrida da sua narrativa, resultado da combinação de registros de seu diário de viagem e de documentação epistolar produzida na forma de cartas enviadas do Brasil ao seu pai, à qual não faltam as veleidades literárias do autor e tampouco certa ambiguidade frente aos registros de natureza científica nela contidos, e que o autor deseja esbater. Essas características não excluem sua narrativa da tipologia e das convenções do gênero, o qual transita em diferentes formatos e composições, mantendo, no entanto, sua marca matricial oitocentista: as viagens e as narrativas de viagem permitindo o conhecimento da natureza, dos habitantes, dos costumes, e, enfim, o estado da cultura e da civilização. A narrativa de Sélys-Longchamps conjuga o registro de aspectos sociais políticos e científicos, postos em diálogo com impressões memoriais, subjetivas, e imagens alegóricas, aos quais não faltam um forte apelo sensorial, típico das viagens dos oitocentos, e a curiosidade pelo exótico. Essa forma lhe permite transitar entre diferentes experiências do tempo de sujeitos particulares e coletivos, e nos possibilita, como leitores, descortinar outras formas de significação e outras narrativas para a história.

Sua passagem pela cidade do Rio de Janeiro é ilustrativa desse trânsito que, não por acaso, tem de um lado, a modernidade como a lente angular através da qual ele capta as afinidades e as contradições da cidade em contraste com o mundo europeu e a Bélgica em particular, e de outro a paisagem natural e as imagens de uma natureza bela, forte e pujante, entidade potente que circunda e delimita a cidade, impactam o viajante e lhe proporcionam a experiência de uma fruição desconhecida. O autor se reconhece, em inúmeras comparações, ao constatar a existência de vários itens do conforto urbano e cultural da vida moderna que encontra na cidade, e não lhe escapam ao escrutínio as potencialidades e os sinais dos avanços e progressos da vida econômica da capital (“um país de matérias-primas”), a iluminação em patamar elevado, a facilidade do transporte e organização eficiente das linhas de bonde, o uso corrente do papel moeda, os detalhes qualificados do traçado da cidade, os lugares do trabalho e do mundo dos ofícios, a existência de sociedades de poesia literatura, música, de diversões e de sociedades que, no seu entender, “aspiravam a ser científicas” (Sélys-Longchamps, 2025, p. 75).

Seu reconhecimento dos indícios civilizatórios é simultâneo aos seus desconcertos face à sua experiência de estranhamento, aos já assinalados encontros e desencontros entre o tempo do viajante e as realidades do espaço de viagem. Assim é que, a título de ilustração,

adiantamos ao leitor sua perplexidade com a difusão do uso das notas bancárias e da dificuldade dos membros da sua expedição científica em se adaptar a este uso no Brasil, dizendo:

> São *incômodas, atrapalhadas*, de difícil manuseio e sujas; algumas ficam reduzidas a *farrapos ignóbeis*. Nada iguala o *desleixo* com que a maioria das pessoas as enfiam em seus bolsos *como trapos vis*; é um *espetáculo estranho* a nossos olhos ver de vez em quando um *pobre diabo todo esfarrapado manipular com indiferença grandes maços de banknotes* (Sélys-Longchamps, 2025, p. 58, grifos nossos).

Tanto as menções às *pretensas* associações científicas assinaladas acima, quanto ao uso social indiscriminado das *banknotes* aqui referidas em adjetivos pejorativos, são demarcadores da percepção e elaboração de Selys de uma distância entre centro e periferia, e índices de uma sensação de desajuste no projeto político e social da modernidade. Esses demarcadores nos parecem indícios de uma volta no parafuso da noção de civilização inerente ao discurso colonial, pois são manifestação de dissonância com as hierarquias sociais estabelecidas e as atribuições presumidas de uma elite política e cultural, para a qual certos valores e práticas da modernidade foram concebidos. Esse desajuste é expressão da assimetria constitutiva da visão da modernidade colonial que foi vitoriosa no Brasil. Daí as recorrentes menções à preguiça, à indolência e às necessidades medíocres da população da capital, à indulgência da polícia e à complacência das pessoas com os estrangeiros, à sujeira reinante nas ruas e outros locais. Tais menções insistem em tensionar no texto de Longchamps as manifestações inequívocas de sua simpatia humana e sensibilidade por vezes manifestas com a sabedoria [de vida] do povo, e os seus esforços de reconhecimento do outro, os quais atravessam o relato desse viajante cuja biografia registra contatos permeáveis com a cultura e os valores republicanos e liberais. Seus pontos de vista, é preciso ressaltar, não sustentam uma representação do Brasil como um mundo selvagem, sem cultura e sem civilização.

Isso não significa desconhecer, no entanto, as contradições, as ambiguidades e os silêncios do seu texto a respeito, por exemplo do tema da escravidão, dos escravizados e do racismo. Embora defensor enfático da abolição da escravatura e do direito dos escravizados à liberdade, adota posições oscilantes. Assim é que se espraiam pelo seu texto diferentes ordens de comentários que vão da sua opinião de que os costumes no “Estado escravista”

brasileiro seriam isentos de "altivez e arrogância" uma vez que imperaria na sociedade um tratamento cordial entre brancos e negros libertos, de igual para igual; de que os negros no Brasil estariam melhor servidos em termos materiais que os operários do seu país; da identificação de espaços democráticos na sociedade, como na existência de uma única classe nos transportes públicos; à admissão de que quando de sua estada no Brasil teria firmado um juízo definitivo sobre a inferioridade intelectual e moral do negros, admitindo por isso restrições ao sufrágio universal, embora admitindo seu direito inquestionável à liberdade, porque o contrário seria "proclamar o triunfo da força" (Sélys-Longchamps, 2025, p. 140). Sobre os castigos físicos aplicados aos escravizados, Longchamps relata ter ouvido impressões de europeus e de brancos brasileiros de que a ausência deles por vezes era considerada pelos escravizados sinônimo de fraqueza e objeto de zombaria. Somadas, estas observações tendem a esbater a violência do regime escravista e do racismo, mas deixam no ar outra possibilidade instigante, tão bem explorada por Mary Louise Pratt no seu livro *Os olhos do Império* (1999): a de que as visões dos viajantes são também fruto das construções dos locais sobre si e sobre seu ambiente apresentados ao olhar dos europeus, pelas quais a periferia se apresenta ao centro. O que pode explicar quando Selys diz acreditar que as "verdadeiras crueldades são bem raras nos dias de hoje e quase desconhecidas no Rio e nas outras grandes cidades" (Selys, Longchamps, 2025, p. 139), bem como sua conclusão de que o destino dos negros no Brasil é "menos duro do que o de seus congêneres na África, local em que estavam submetidos à brutal crueldade de tiranos sanguinários que os dominavam" (Selys, Longchamps, 2025, p. 139).[1] Detectar, portanto, as tensões, as oscilações, os juízos rápidos e por vezes superficiais do texto de Longchamps, é necessário sob pena de se comprometer a análise crítica do historiador a identificação dos limites do olhar do viajante no seu contraste com outros que o precederam e/ou sucederam.

Nesta linha, suas manifestações atentas e entusiásticas pelas atividades da imprensa na capital e no interior da província do Rio de Janeiro, pelo seu desenvolvimento, variedade e liberdade, são dignas de nota ao salientarem, de um lado, a existência de uma

1. Aqui, um alerta ao leitor: esta denúncia precede o estabelecimento, em 1884, do Estado Livre do Congo pelo Rei belga Leopoldo II, com seu cortejo de horrores e crueldades, portanto quase dez anos após a viagem de Sélys-Longchamps ao Brasil. A barbárie no Congo foi retratada por Joseph Conrad na sua novela *Coração das trevas* (1899) e retomada por Sven Lindqvist no livro *Exterminem todos os malditos:* uma viagem a Coração das trevas e à origem do genocídio europeu (1992), um texto híbrido, pois diário de viagem, análise literária e investigação histórica sobre as persistências trágicas do modelo de violência colonial e das injustiças étnicas.

opinião pública politicamente atuante e, de outro, ao vislumbrar nos jornais, na profusão de anúncios – o que admite ser uma realidade apenas na Inglaterra – o mapeamento da vivacidade da vida cultural na cidade, bem como as práticas relativas ao sistema escravista então reinantes no país. Sua narrativa sobre esse ponto chama a atenção especialmente quando comparada àquela de *O Brasil pitoresco* (1859), de outro viajante, Charles Ribeyrolles, na sua vinda ao Brasil em 1858 junto ao fotógrafo Victor Frond. Nela o autor dizia que o Jardim Botânico, as bibliotecas, a academia de Belas Artes, e os gabinetes de história natural eram espaços vazios de brasileiros, e no qual se encontravam apenas estrangeiros. Ou seja, podemos concluir do seu relato que não havia estudiosos e nem leitores no país. Ora, é bom lembrar de que estudos sobre o Museu Nacional, à época o Museu Real, mostram que este iniciou a formação de sua biblioteca na segunda metade do século XIX com 3.000 volumes, e que no final do século XIX ela era considerada a mais rica da América Latina. E a constatação de estudos recentes que mostram o ritmo crescente de instalação de bibliotecas, de gabinetes de leitura e outras instituições voltadas à leitura e ao empréstimo de livros, e ainda sua diversificação espacial e regional no país durante os anos de 1841-1860 e, sobretudo nos anos 1861-1880. Certamente, essas não eram instituições voltadas à frequentação e ao atendimento exclusivo de demandas do público estrangeiro. Aliás, a passagem à segunda metade do século XIX assinala, no país, um verdadeiro progresso nas técnicas de impressão, na disseminação de tipografias, nas variedades de tipos de edição (jornais, almanaques, romances, *feuilletons*, revistas ilustradas) nos números dos jornais, bem como de bibliotecas que asseguravam aos leitores o alongamento dos horários de abertura à noite, e um expressivo movimento de importação de livros.

E não seria demais lembrar, entre outros exemplos, da existência do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, desde 1838; de inúmeras revistas de toda sorte, a exemplo da Revista Brasileira, de 1855; de editoras e editores estrangeiros em franca atuação no país. Não podemos esquecer, portanto, que junto ao resgate das contribuições dos relatos de viagem, é preciso colocar em questão os limites das narrativas de viagem, mas também a autoridade das mesmas. Esta vinha, de um lado, da sua origem europeia, sinônimo de civilização, de outro das impressões digitais da ciência, seja quando utilizada pelos viajantes como instrumento dos seus diagnósticos sobre o Brasil, seja pelo seu valor simbólico que assegurava aos relatos uma distinção, uma aura que os qualificava junto às elites locais no

seu desejo de adesão ao modelo de uma civilização ocidental europeia, na sua forma cosmopolita. A difusão da crença no valor da civilização teve, no prestígio dos viajantes e dos seus relatos, um importante ator coadjuvante, e mediador, no país.

As descrições de Longchamps das diversões públicas da cidade do Rio de Janeiro, com seus teatros e cafés-concerto e suas descrições da presença das mulheres, "prostitutas requintadas", nesses locais, são complementos decisivos às imagens da *sensualidade*, da *malícia* e da *lascívia* dos números musicais por ele assistidos, e das designações de "febre bestial", da "louca euforia" da plateia, afirmando serem de tal monta que seria impossível sua descrição. Mas seriam elemento suficiente para sua designação do Rio de Janeiro como uma "cidade dos prazeres" (Sélys-Longchamps, 2025, p. 42), tão ao gosto da curiosidade europeia, e, enquanto estereótipo, potencialmente capaz de produzir impregnação profunda no imaginário social.

Na sua viagem de três semanas à Minas Gerais notam-se registros muito simpáticos aos esforços civilizadores e modernizantes do Império brasileiro, a exemplo da implantação das estradas de ferro e o desenvolvimento das cidades. Seus trajetos até Minas e de retorno ao Rio são objeto de ricas descrições dos acidentes geográficos, da paisagem, da fauna, da flora, e da topologia das regiões; da vida cotidiana no interior da província, o trabalho dos escravizados e dos homens pobres, as atividades dos comerciantes, dos tropeiros, a vida das famílias – com a situação precária e de absoluta sujeição e isolamento das mulheres –, dos traços dos comportamentos tais como a dominação dos homens, a lentidão dos mineiros na sua relação com tempo ordinário, os hábitos de religiosidade, entre tantos outros. Também das vicissitudes das expedições científicas de naturalistas e viajantes, com as intempéries, a qualidade e o manejo dos animais, a infraestrutura disponível nos caminhos das Gerais, tal como a simplicidade das vendas e demais suportes materiais para os deslocamentos, a hospedagem nos ranchos, galpões ou nos inúmeros hotéis, resgatados na narrativa com seus nomes e pelas características dos seus serviços; a alimentação, com os hábitos imperantes na região, o típico e o disponível; a presença estrangeira e suas atividades no interior de Minas.

No seu conjunto, o relato de viagem de Longchamps é valioso menos por nos mostrar uma realidade objetiva e mais para nos precisar um cenário. Cenário este que pode ser tomado como um signo do tempo e do lugar em que a narrativa foi construída. Sair da

superfície do seu relato pode nos abrir novas possibilidade para a leitura da sua narrativa, permitindo-nos religar o nosso presente ao passado ao identificarmos as continuidades, as persistências de estereótipos, de preconceitos, de desigualdade e estruturas de domínio ainda vivas e atuantes na nossa história, portanto objeto de luta e de resistência no nosso presente. Eu concluiria este texto me apropriando das palavras do historiador Timothy Brook, no seu livro *O chapéu de Vermeer* (2010), que, ao justificar sua escolha dos quadros desse célebre pintor analisados por ele no contexto do alvorecer da mundialização no século XVII, afirma que importa não o que é mostrado nas pinturas – e no nosso caso no cenário criado pelo relato de viagens de Longchamps – "mas as alusões às forças históricas de grande amplitude que se dissimulam nos detalhes" (Brook, 2010, p. 18). Daí a importância de que sua narrativa possa ser relida na perspectiva da sua duração no tempo e em relação a uma realidade mais ampla, tal como a do poder colonial, a qual, com sua carga objetiva e subjetiva, foi conectada e vivenciada em diferentes espaços do globo, o que sugere outras perspectivas para a concepção da distância, e da viagem, na História.

REFERÊNCIAS

BROOK, Timothy. *Le chapeau de Vermeer:* le XVIIe siécle à l'aube de la mondialisation. Traduit de l'anglais par Odile Demange. Paris: Histoire Payot, 2010. p. 18.

GINZBURG, Carlo (ed.) *Olhos de madeira*: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. .

MANN, Thomas. *Travessia marítima com D. Quixote:* ensaios sobre homens e artistas. Tradução de Kristina Michahelles e Samuel Titan. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 82/131.

PHILLIPS, Mark Salber. *On historical distance.* New Haven; London: Yale University Press, 2013.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império:* relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bomfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco*. São Paulo: Livraria Martins, Biblioteca Histórica Brasileira, 1941. v. I.

SÉLYS-LONGCHAMPS, Walthère de. *Notas de uma viagem ao Brasil.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2025. (Coleção Mineiriana).

O barão de Sélys-Longchamps e seu olhar sobre Minas e Rio de Janeiro no Império

Maria Marta Araújo

O autor das *Notas de uma viagem ao Brasil*, publicadas originalmente em 1875,[1] Charles Michel Edgard Walthère de Sélys-Longchamps é um dos personagens mais instigantes da aristocracia e história política da Bélgica. O relato de sua viagem ao Rio de Janeiro e a Minas Gerais, realizada em 1872, apesar de não extenso, é uma contribuição relevante para a historiografia brasileira e para o conhecimento de um período extremamente rico para o país, a década de 1870: tempo de efervescência política e social, com a emergência do movimento republicano e de iniciativas de modernização da infraestrutura, como no caso da ferrovia.

Walthère de Sélys-Longchamps nasceu em Liege, na Bélgica, em 21 de dezembro de 1846 e faleceu na Suíça, em Les Planches, em 31 de dezembro de 1912. Aristocrata, com o título de barão, era filho do renomado entomologista e senador belga Michel Edmond de Sélys-Longchamps (1813-1900)[2] e de Sophie Caroline d'Omalius d'Halloy (1818-1869), filha de Jean Baptiste Julien d'Omalius d'Halloy (1783-1875), conhecido geólogo belga que exerceu diversos cargos administrativos e políticos no seu país.

Edmond de Sélys-Longchamps, pai de Walthère, é nome importante da história da ciência no século XIX e não só da Bélgica, destacando-se como zoologista e grande especialista no estudo dos insetos da ordem Odonata, popularmente conhecidos como libélulas e lavadeiras. O seu trabalho como taxonomista, assim como sua vasta coleção de espécimes, foi essencial para os estudos posteriores sobre esses insetos. As coleções de Edmond ficaram tão grandes que ele construiu um prédio extra no castelo de Longchamps, em Liege, para abrigá-las e que foram visitadas por especialistas de todo o mundo.

Além dos espécimes que coletou na Europa, recebeu e comprou exemplares de diversas fontes, inclusive os que foram trazidos do Brasil por seu filho Walthère. Ele teve, também, uma conexão especial com o naturalista inglês Henry Walter Bates (1825-1892),

1. Walthère de Selys publicou suas *Notas* na *Revue de Belgique* em 1875 e logo depois em formato de livro pela mesma casa editora da revista sem qualquer alteração ou adendo ao texto anteriormente publicado (Sélys-Longchamps, 1875).

2. Em 31 de julho de 1867, Michel Edmond garantiu para a família o título hereditário de barão do rei Leopoldo II.

que viajou e explorou o Brasil entre 1848 e 1859, para fins de coleta comercial. Edmond menciona em seu diário que, em 23 de janeiro de 1865, "recebeu 500 libélulas da Amazônia coletadas por Bates".[3] Atualmente, são conhecidas cerca de 5.400 espécies de libélulas, das quais 828 ocorrem no Brasil. O pai do nosso viajante também foi um pioneiro da ciência por sua preocupação com a degradação ambiental advinda do crescimento populacional e do desenvolvimento industrial no século XIX.[4] Em seu testamento deixou explicito o seu desejo de que outros cientistas completassem a descrição de suas coleções, reservando para isso uma considerável soma em dinheiro e incumbindo o seu filho Walthère da direção, por assim dizer, administrativa, dessa tarefa.

Edmond havia de ter, com certeza, grande influência sobre o filho, inclusive, iniciando-o no campo da história natural. Entretanto, Walthère de Sélys-Longchamps, apesar de seu interesse pela biologia, decidiu estudar direito na Universidade de Liege. Formou-se em 1870, com vinte e quatro anos, sendo o primeiro de sua família a obter o título de doutor. Logo depois foi para Paris, estudando no *Collège de France* e na *Sorbonne*.

Admirador de Rousseau e profundamente interessado nas questões sociais e políticas de seu tempo, entrou tardiamente na política, sendo eleito senador por sua região, a Valônia, entre os anos de 1896-1912. Dessa forma, terminou por manter a tradição da família, como se verá com um pouco mais de detalhe adiante.

Em 1872, Walthère de Sélys-Longchamps veio ao Brasil com o propósito de conhecer o país e coletar espécimes para seu pai, integrando uma expedição científica, que também passou pela Argentina e foi patrocinada pelo governo da Bélgica.[5]

Essa expedição, chefiada pelo conhecido zoologista belga e professor da Universidade de Liege, Edouard Van Beneden (1846-1910),[6] contou ainda com a presença

3. As informações dos diários de Edmond que aparecem citadas neste texto encontram-se em: Wasscher; Dumont, 2013.

4. Em 1882, escreveu sobre a poluição das águas dos pequenos rios e, em 1897 publicou uma conferência que realizou na Academia Real da Bélgica com o título "Le decline d'une faunule", denunciando o potencial destrutivo das técnicas agrícolas "modernas" sobre a natureza e o declínio da fauna em nível mundial e local, com observações sobre o que estava ocorrendo nos arredores de Longchamps (Wasscher; Dumont, 2013).

5. Essa expedição ganha especial relevo, tendo em vista que a Bélgica, até então, esteve mais interessada na expansão de suas relações comerciais com o Brasil do que no conhecimento científico, conforme aponta Costa (2011).

6. Van Beneden começou a lecionar na Universidade de Liège com apenas 24 anos, em 1870, e é reconhecido internacionalmente por suas pesquisas nos domínios da anatomia e da embriologia comparada. Além disso,é o fundador do Museu e do Instituto de Zoologia "Edouard van Beneden" da mesma Universidade de Liège, na Bélgica.

do entomologista belga Camille Van Volxem (1848-1875)[7] e rendeu inúmeras descobertas e estudos científicos, destacando-se a identificação de um gênero de coleóptero que recebeu o nome de *volxemia* em homenagem a Volxem e que compreende apenas duas espécies restritas ao Brasil. Mais importante ainda foi a identificação, por Van Beneden, de um novo golfinho ou boto ao qual deu o nome de *sotalia brasilienses* e que, na época, ainda habitava a baía de Guanabara.[8]

Diferentemente de seus companheiros – Van Beneden e Volxem, Longchamps não se encaixava tão perfeitamente no perfil do viajante naturalista.[9] Atraído por diversas disciplinas do saber, mas sem se dedicar profissionalmente à ciência, ele foi uma espécie de sábio diletante, o que transparece no seu relato sobre o Brasil.

O texto, conforme diz o autor em sua primeira nota de rodapé, foi compilado do seu diário e das longas cartas que enviou ao pai durante a viagem e adaptado sem os detalhes de "ciência pura", ao perfil da *Revue de Belgique*. Periódico político e literário, escrito em francês e de orientação liberal, onde publicou pela primeira vez as suas *Notas*.[10] Nessa mesma nota ao leitor e para justificar ainda mais o estilo de sua narrativa, reitera o fato de que o relato científico da missão já tinha sido publicado por Van Beneden num dos boletins da Academia Real da Bélgica.[11]

A despeito de tais ressalvas, Sélys-Longchamps narrau com vivas cores o cotidiano, os desafios e atropelos dessa expedição científica pela Corte do Rio de Janeiro, seus arredores, e por Minas Gerais, nesse último caso durante uma excursão de três semanas.

Num estilo conciso e, por vezes, literário, o autor descreve o que viu nas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais de um ponto de vista único e sempre conectado com as grandes questões políticas e sociais que movimentavam o império brasileiro, mas também a Europa e a Bélgica.

---

7. Van Volxem faleceu logo depois, em 1875, mas o Anuário da Sociedade de Entomologia da Bélgica publicou diversos estudos sobre os insetos recolhidos por ele no Brasil, como este, em 1882, com a lista dos besouros que coletou no país (Liste [...], 1882, p. 74-84).

8. Em 1874, Van Beneden publicou um artigo científico sobre a sua descoberta (Beneden, 1875).

9. A respeito ver: Leite, 1994/1995.

10. O periódico circulou entre 1869 e 1914.

11. Esse artigo foi publicado em 1873 (Beneden, 1873).

Castelo de Sélys-Longchamps, Liege, Bélgica

As *Notas* de Walthère de Sélys-Longchamps ganham assim um sabor especial pelos temas de sua preferência, pela perspectiva crítica e muitas vezes universalista. Apesar de despretensiosas, têm assim certa profundidade em relação às ideias, representações e práticas vigentes no Brasil, tornando-se de grande interesse para o historiador que se debruça sobre o século XIX.

Como qualquer outro testemunho, o relato do viajante tem que ser apreciado de forma crítica e compreendido dentro de seus limites, o que não impede de perceber a sua contribuição, como objeto e fonte, para o conhecimento histórico. Afinal nenhum documento é isento de subjetividade e até mesmo as fontes mais oficiais, onde os preconceitos e os estereótipos também aparecem, mesmo que de forma dissimulada.

Mesmo assim, não há que se esquecer que se trata aqui de mais um membro da elite europeia a descrever para um público europeu também elitizado as idiossincrasias e curiosidades de um país emergente e distante como o Brasil, mas que aos olhos desse viajante em particular não estava em total desvantagem em relação à Europa e a Bélgica.

De outra parte, a biografia de Walthère de Sélys-Longchamps e de sua família ajudam a entender melhor as singularidades dessa narrativa de viagem sobre o Brasil, sobretudo do ponto de vista político. Aristocratas de orientação republicana que tiveram importante papel na história da monarquia belga desde a independência a partir de 1830. Uma história, portanto, que vale a pena, mesmo que brevemente, retomar.

Em função dos acordos de paz do Congresso de Viena (1814-1815), as províncias belgas e neerlandesas foram reunidas em um só Estado sob a direção do monarca holandês, Guilherme I, que apesar de adotar uma política favorável aos interesses da burguesia belga, ao tentar impor o neerlandês como língua oficial, em detrimento do francês, e a orientação protestante no ensino, levou católicos e liberais a se unirem em 1828. E dessa união surgiu o movimento revolucionário e a declaração da independência da Bélgica a 4 de outubro de 1830. Ainda a esse respeito, cabe observar que o Brasil reconheceu logo de imediato a independência belga, assinando um importante tratado de comércio com a Bélgica em 1834.[12]

12. Para maiores informações sobre a atuação de empresários belgas no Brasil ver: Stols, 2001.

O avô paterno de Walthère, Michel Laurent de Sélys-Longchamps (1759-1837), que já tinha ocupado várias posições políticas em Liege, na província da Valônia, teve papel destacado nos acontecimentos que levaram à independência dos belgas. Integrou o Comitê de 21 membros que assessorou o Congresso Nacional sobre a organização política do país, e que, a despeito da orientação republicana Michel Laurent e de sua atuação nesse sentido, adotou a forma monárquica. Com uma constituição bastante progressista para a época, a Bélgica elegeu o príncipe Leopoldo de Saxe-Coburgo-Gota como o primeiro rei, com o título de Leopoldo I e cujo reinado durou de 1831 a 1865.

A Constituição de 1831 definiu a Bélgica como uma monarquia unitária, na qual o rei compartilhava o poder com as duas câmaras legislativas, câmara e senado. O poder executivo cabia ao Rei, que o exercia por intermédio de ministros, e o poder legislativo coletivamente, sendo os membros do senado eleitos da mesma forma que os representantes da câmara.[13] Diferentemente do Brasil, onde a Constituição de 1824 estabeleceu que os senadores eram vitalícios e escolhidos pelo Imperador a partir de listas tríplices enviadas pelas províncias.

Durante o reinado de Leopoldo I e de seu filho Leopoldo II (1865-1909), o desenvolvimento econômico da Bélgica foi considerável, apoiando-se na tradicional indústria têxtil e na indústria siderúrgica, alimentada pelo carvão da região da Valônia. Em busca de matérias-primas, a Bélgica conseguiu ter possessões na África.[14] Entretanto, o século XIX belga foi marcado por inúmeros conflitos internos derivados das divergências educacionais, dos problemas sociais decorrentes da rápida industrialização e da falta de um idioma comum. Lembrando que em Flandres, ao norte, a população manteve como idioma nativo o neerlandês (flamengo) e que, a Valônia, ao sul, adotou como idioma oficial o francês.[15]

13. A Constituição da Bélgica passou por duas revisões, a de 1893, que instaurou o voto plural, e a de 1921, que adotou o sufrágio universal. Ver a respeito: Rangel, 1966.

14. Em 1884, a divisão da África entre as potências europeias, consagrada na Conferência de Berlim, outorgou ao monarca belga, como patrimônio pessoal, o Estado livre do Congo, explorado pelos belgas desde 1876. A brutal exploração empreendida pela administração congolesa a serviço de Leopoldo II – com o massacre, estima-se, de mais de 10 milhões de congoleses – levou a comunidade internacional a pressionar o governo belga, que transferiu a propriedade do Estado livre do Congo para o parlamento, dando-lhe o estatuto de colônia em 1908. Esse território passou a ser conhecido como Congo Belga até a sua independência em 1960, quando se tornou a República do Congo.

15. As leis linguísticas votadas entre 1873 e 1963 constituem uma etapa importante da reforma do Estado belga e levaram ao reconhecimento como línguas oficiais: o neerlandês, o francês e o alemão, falado no leste do país.

A questão do ensino era o ponto principal de discórdia entre os partidos católico e liberal, o que acarretou, inclusive, o rompimento de relações com o Vaticano em 1880, quando os liberais conseguiram impor seus princípios laicos.

O pai de Walthère, Edmond, iniciou sua carreira política em 1843, exercendo os cargos de conselheiro comunal e provincial pelo distrito de Waremme, onde se localiza, ainda hoje e preservado, o castelo de Longchamps, na província de Liege, região da Valônia que era reduto dos liberais. Participou, inclusive, do primeiro Congresso Liberal do país, realizado em 1846. E, como liberal, foi enviado ao senado nacional em 1855, cargo que manteve até alguns meses antes de sua morte, em 1900. Republicano, como seu pai, Edmond deixou vários diários escritos entre 1823 e 1900, a partir dos quais é possível obter informações preciosas sobre sua vida política e científica, bem como sobre sua família e o filho Walthère (Wasscher; Dumon, 2013, p. 369).

Logo após a Revolução de fevereiro de 1848 na França, conhecida como a "Primavera dos Povos", Edmond foi a Paris para "respirar o ar revolucionário", como escreveu em seu diário e foi testemunha ocular da ação dos trabalhadores sob o comando de Louis Blanc e Alexandre Albert nas revoltas de junho que ocorreram na capital francesa. A força dos eventos que levaram à derrubada da monarquia e à instauração da Segunda República na França foi emblemática para o jovem político e não apenas para ele, pois reconfigurou o mundo. De volta à Bélgica, poucos dias depois, Edmond assistiu a abertura do parlamento por Leopoldo I e foi o único, como escreveu em seu diário, que não o aplaudiu. E chegou a recusar um convite para jantar com o rei, em 5 de julho de 1848, com a justificativa de que não iria "assombrar a corte". Todavia, foi avisado por alguém do palácio real, logo no dia seguinte, de que o estavam considerando "republicano demais" (Wasscher; Dumon, 2013, p. 369). Com o passar do tempo, porém, chegou a bom termo com a família real, participando dos jantares promovidos por Leopold I e por seu filho Leopold II, o que não é de se estranhar pois foi por diversas vezes eleito para o senado no decorrer de mais de quatro décadas, exercendo o importante cargo de presidente daquela Casa.

É possível dizer que o filho Walthère tinha ainda um espírito mais progressista e, até mesmo, desprendido das hierarquias sociais, conforme se depreende das anotações que o pai deixou em seus diários. Segundo relata, o filho escreveu-lhe uma carta em 1875, confessando ter engravidado Philomène Joséphine, cozinheira do Castelo de Longchamps

e que o casal, sem oficializar a união, tinha ido para Paris e depois para a Suíça.[16] Apesar do casamento dos dois só ter ocorrido em 13 de outubro de 1881 em Paris, a certidão foi datada de 10 anos, como se a união tivesse ocorrido em 1871 (Wasscher; Dumon, 2013, p. 375), que parece ter sido o início do romance, antes mesmo de sua viagem para o Brasil.

Walthère e Philomène tiveram seis filhos, duas filhas, Irene e Rachel, e quatro filhos, Marc, o mais velho, Hector, Edgar e Roger. Após a estadia na França, Walthère e sua família foram morar em Bruxelas. Mas a morte de sua irmã, Irene, em I884, fez com que se mudassem novamente, instalando-se em partir de 1885 no castelo d'Halloy, apesar da família continuar a manter uma vida simples e austera como em Paris e Bruxelas.[17]

O castelo que pertenceu a Jean Baptiste d'Omalius d'Halloy foi herdado pela mãe de Walthère e, em seguida, por ele. Ali, ele se dedicou aos estudos nos mais diversos ramos do conhecimento, principalmente filosofia, sociologia, história e arqueologia, enriquecendo a biblioteca do castelo e transformando-a numa das mais importantes bibliotecas privadas da Bélgica. Dedicando-se também a estudar zoologia e botânica, com especial interesse pela horticultura e pela exploração agrícola das fazendas situadas nos domínios d'Halloy.

Anticlerical, progressista e sensível aos problemas sociais, não conseguiu escapar da tradição familiar e acabou aceitando o pedido dos liberais de sua região para representá-los no parlamento belga. Grave e simples, com a barba bem cheia e vestido à moda dos agricultores da Valônia, percorreu a cavalo a região, mais interessado em defender a emancipação política, social e cultural dos habitantes do que a obtenção de votos para a sua campanha eleitoral.[18] Eleito para o senado em 1896 pela província de Namur, permaneceu no cargo até a sua morte, ocorrida prematuramente em julho de 1912, destacando-se como um dos mais dignos representantes da *gauche parlamentaire libèrale* no país (Brien, 1965).

Bibliófilo, Walthère de Sélys construiu, como dito, uma vasta biblioteca para abrigar os seus milhares de livros e cuidou pessoalmente da conservação dos documentos

16. O filho do casal, nascido em Paris, em 30 de junho de 1875, Marc-Aurele, que herdou o título de Barão de Sélys-Longchamps, destacou-se como zoologista e por sua contribuição científica na Bélgica e faleceu em Bruxelas em 1963. A respeito ver: Brien, 1965.

17. Assim como o castelo de Longchamps, o castelo d'Halloy encontra-se preservado e está situado na comuna de Braibant, próximo à cidade de Ciney, na província de Namur e, também, na Valônia.

18. Essas informações foram obtidas na nota biográfica já citada sobre o filho do autor: Brien, 1965.

de sua família depositados nos arquivos do castelo d'Halloy. Inventariados pela Biblioteca Geral de Filosofia e Letras da Universidade de Liege, esses documentos contam a história de cinco gerações de políticos e cientistas de enorme relevo para a Bélgica. Observa-se que em meio à profusão de documentos do fundo relativo a Walthère de Sélys-Longchamps é possível encontrar o caderno de notas e as correspondências para o pai, utilizados na preparação de sua publicação sobre o Brasil (Inventaire [...], 2010, p. 60). Um cotejo entre os documentos e o texto publicado poderia revelar outros aspectos sobre a sua visita ao Brasil, sobre as informações trocadas com o pai em relação aos aspectos científicos e políticos, o que extrapola, no entanto, os limites dessa nova edição traduzida para o português.

Na Bélgica, os relatos de viagem escritos sobre o Brasil passaram a ser mais favoráveis ao país a partir da década de 1860, contribuindo em parte para diminuir a impressão negativa causada pela manutenção da escravidão e pelas doenças tropicais, como a febre amarela, e em função das notícias sobre os progressos técnicos, sobre o transporte ferroviário e as perspectivas econômicas abertas pela expansão da cafeicultura no sudeste brasileiro. Além de Sélys-Longchamps, podem ser destacados o relato de Eugène Hins, que trabalhou como preceptor numa fazenda em Pernambuco durante o ano de 1863 e publicou *Un an au Brésil l*, (Hins, 1884); e o conde Charles d'Ursel, que visitou o país logo depois, entre 1873 e 1876, cuja obra foi publicada em 1879 (D'Ursel, 1879).

Essa curiosidade do público leitor belga em relação ao Brasil fica evidenciada, no caso de Sélys-Longchamps, pela publicação "em primeira mão" de seu relato num periódico de grande circulação à época e pelo formato que adotou, excluindo o que chamou de "detalhes de ciência pura", apesar de ter integrado uma expedição científica.

O adjetivo "pura" que colocou na sua advertência aos leitores é indicativo de que a ciência, numa perspectiva mais ampla, tinha ali o seu lugar. Mesmo porque os artigos de divulgação acerca dos progressos técnicos e científicos da época atraiam bastante os leitores de periódicos como a *Revue de Belgique*, ávidos por novidades e por conhecer países longínquos, e que tornaram as narrativas de viagem tão populares.

Como todos os gêneros literários, a narrativa de viagem acaba por ter suas convenções. Na verdade, trata-se de um gênero híbrido que mescla o estilo jornalístico e o literário, dando liberdade à subjetividade do autor, que dialoga com o seu leitor, compartilhando impressões e sentimentos.

Michel Edmond de Sélys-Longchamps (1813-1900)

No caso específico de Longchamps é interessante observar que manteve em diversas passagens os diálogos que manteve com o pai em suas correspondências, criando certa intimidade com o leitor. “O Rio é essencialmente uma cidade de prazeres, como você já pode constatar em mais de um de seus traços” (Sélys-Longchamps, 2025, p. 80).

Por outro lado, a biografia do autor é sempre um elemento a mais para compreender-se os pontos de vista e os elementos, paisagens, costumes etc. que o viajante seleciona para descrever, enaltecer ou criticar. Nesse sentido, os dados biográficos trazidos até o momento são úteis e ajudam a entender o porquê da narrativa de Sélys-Longchamps sobre o Brasil ser pontuada por suas observações pessoais sobre a política e as relações sociais vigentes no país. Como nesse trecho onde descreve a experiência de viajar nas embarcações e bondes no Rio de Janeiro, reiterando o fato de que eram muito democráticos e extrapolando essa impressão para a própria sociedade.

> [...] assim como nos barcos de Niterói e, também, em todos os bondes, há apenas uma classe para todo mundo, escravos ou livres, pretos ou brancos. Os costumes aqui são, de resto, o que talvez a você possa parecer estranho, num Estado escravista, absolutamente isentos de altivez e de arrogância: o primeiro estivador que chegue tratará a maior personalidade de igual para igual, um ministro proseará familiarmente com um condutor de ônibus, e o rico fazendeiro apertará tranquilamente a mão do negro, do negro liberto, bem entendido: e mais, eu não poderia afirmar que, conforme as circunstâncias, ele não agiria da mesma forma com um escravo. Ao lado disso, há, no entanto, uma grande subserviência aos poderosos, um amor desenfreado aos títulos, honras e distinções, a estima à riqueza, qualquer que seja sua fonte, o prestígio das aparências e das palavras; o gosto pelo brilho, pela pompa, em detrimento da realidade; a vaidade, a inveja, o orgulho... O mesmo homem que acaba de rir com seu escravo será mortalmente ofendido se for chamado de mulato, sobretudo se ele de fato o for (Sélys-Longchamps, 2025, p. 101).

Apesar de longa, a citação ilustra bem o interesse e certa perspicácia do autor em relação ao mundo social brasileiro.

Abolicionista, apesar de reforçar o estereótipo da inferioridade intelectual das pessoas da raça negra e de fazer julgamentos apressados, frutos desse preconceito tão arraigado à época, suas impressões sobre a escravidão não deixam de ter interesse, mesmo o autor reconhecendo que não teve tempo suficiente para abordar o assunto com maior

propriedade. “Vi pouquíssima coisa, mas não é nada duvidoso para mim que, em termos materiais, os negros estão melhor servidos sob esse regime do que sob o da liberdade, e melhor do que muitos de nossos operários” (Sélys-Longchamps, 2025, p. 139). Esse seria o caso, segundo o autor, dos escravizados que lidavam com os serviços domésticos e muito menos em relação aos “negros de aluguel”, tão numerosos no Rio de Janeiro e cuja situação causava-lhe grande pena (Sélys-Longchamps, 2025, p. 139).

Longchamps visitou o Brasil em 1872, logo após a promulgação da Lei Imperial nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, conhecida como a Lei do Ventre Livre e que declarou livres os filhos de mulher escravizada nascidos no Brasil. Longchamps faz menção à lei e, além disso, informa que foram previstas facilidades para a emancipação por meio da criação de fundos, estimando-se o desaparecimento completo da escravidão nos próximos trinta anos. No entanto, “todo mundo está convencido de que, bem antes disso, será tomada a decisão de decretar sua supressão radical” (Sélys-Longchamps, 2025, p. 139). Apesar do desejo do Imperador, das câmaras e da opinião pública, segundo o autor, o meio-termo impunha-se “unicamente por consideração aos direitos adquiridos e para se preparar a transição” (Sélys-Longchamps, 2025, p. 140). Para ele, todavia, a escravidão era injustificável sob todos os pontos de vista, bem como o jugo dos mandatários, “sem escrúpulos, sobre todos os demais seres vivos, sobre nossos irmãos em animalidade, sob o pretexto da superioridade...” (Sélys-Longchamps, 2025, p. 141).

O ponto de vista do autor em relação à colonização de estrangeiros também merece menção em função das críticas à sua organização, que não satisfaziam os colonos

> As causas desse insucesso são múltiplas: falta de aptidão dos imigrantes; má concepção nos planos de organização; ausência de medidas necessárias à instalação; dificuldade de comunicação e, por conseguinte, depreciação dos produtos nos pontos de produção; apoio deficiente, seja nos costumes, seja na administração, seja, até um certo ponto, na lei que nega aos estrangeiros o direito político, mas que, por outro lado, submete seu futuro, desde a primeira geração, ao serviço militar, impondo-lhe o colonato e, ao final, a surda hostilidade da maior parte da população contra os intrusos que vêm se estabelecer entre ela (Sélys-Longchamps, 2025, p. 112).

Entretanto, o autor é otimista e observa que tais obstáculos estavam sendo superados, seja pelo investimento em estradas de ferro e pelo fim dos velhos preconceitos

em função da "necessidade, plenamente compreendida, tanto pelos homens de Estado quanto pelos próprios fazendeiros, de atrair para o país braços estrangeiros para fazer frente aos efeitos da supressão do escravismo" (Sélys-Longchamps, 2025, p. 112).

Em virtude do caráter científico da missão, o autor conheceu de perto o imperador Pedro II e fez considerações favoráveis a ele e algumas, bastante irônicas, sobre a vida na corte do Rio de Janeiro. Falou ainda sobre as grandes questões que movimentavam o mundo político à época, sobre a maçonaria e sua especificidade no Brasil, sobre a aversão geral em relação ao ultramontanismo[19] e sobre os embates políticos entre liberais, conservadores e republicanos. Chamou-lhe a atenção o desenvolvimento da imprensa e o clima de liberdade vigente no país.

> A imprensa ocupa no Brasil uma posição considerável, tanto por seu desenvolvimento quanto por sua influência. Ela desfruta da mais ilimitada liberdade, sem que ninguém se queixe, e sabe praticá-la dignamente. Seus abusos, se os há, são corrigidos pelo único método eficaz e legal, a própria liberdade. Os jornais abrem largamente suas colunas a todas as comunicações que lhes são endereçadas, e estas são inumeráveis: pode-se dizer que é o próprio público quem escreve uma grande parte do jornal (Sélys-Longchamps, 2025, p. 72).

O autor não se restringiu apenas aos aspectos políticos e sociais, fazendo menção à realidade econômica, com a emergência da cultura cafeeira, e sobre a infraestrutura de transporte ferroviário e rodoviário.

Longchamps e seus companheiros, Beneden e Volxem, passaram três semanas em Minas Gerais, numa expedição que tinha por finalidade coletar espécimes. Viajaram de diligência de Petrópolis a Juiz de Fora pela estrada da Companhia União Indústria, daí para São João del-Rei e, depois, para Baependi, fazendo uma visita a Caxambu e de lá retornado ao Rio de Janeiro, passando por Pouso Alto e Barreira do Picu, desfiladeiro que era o ponto de separação das bacias do Paraíba e do Prata e ao mesmo tempo das províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Nesse trajeto, passaram por Barbacena e outros locais, descrevendo-os de forma rápida.

19. O ultramontanismo foi uma doutrina católica que buscou reforçar a hierarquia eclesiástica e as prerrogativas do Papa em matérias de disciplina e que cresceu extraordinariamente na Europa no século XIX. No Brasil, o movimento ultramontano coincide com a nomeação do lazarista Dom Antônio Ferreira Viçoso para o bispado de Mariana, Minas Gerais, em 1844, quando iniciou um processo de reforma que envolveu outros bispos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro. Em linhas gerais, o ultramontanismo surgiu em reação às conquistas do mundo moderno, contra o protestantismo, a maçonaria e a tese da laicidade do Estado.

Edouard Van Beneden (1846-1910)

Ganha relevo, no contexto da narrativa de Sélys-Longchamps, a Estrada União e Indústria, totalmente macadamizada em seus 144 quilômetros e que foi construída por Mariano Procópio Ferreira Lage, ligando a Corte e o interior de Minas Gerais e inaugurada em 23 de junho de 1861, com a presença da Família Real brasileira. A União Indústria foi considerada, à época, como o primeiro sistema moderno de ligação viária do Brasil e, conforme Longchamps, não ficava a dever "a nenhuma de nossas grandes estradas da Europa" (Sélys-Longchamps, 2025, p. 92).

Nas pesquisas realizadas em torno dessa nova edição das *Notas de uma viagem ao Brasil* e com o intuito de agregar ao texto uma iconografia que permitisse retratar alguns dos lugares visitados, encontrou-se um importante registro fotográfico da Estrada União e Indústria e dos pontos de parada das diligências (estações) mencionados por Sélys-Longchamps. Essas belas imagens foram feitas por Revert Henry Klumb, profissional agraciado com o título de "Fotógrafo da Casa Imperial". Essas fotografias datam de 24 de agosto de 1861, ou seja, dois meses após a inauguração da Estrada União e Indústria.

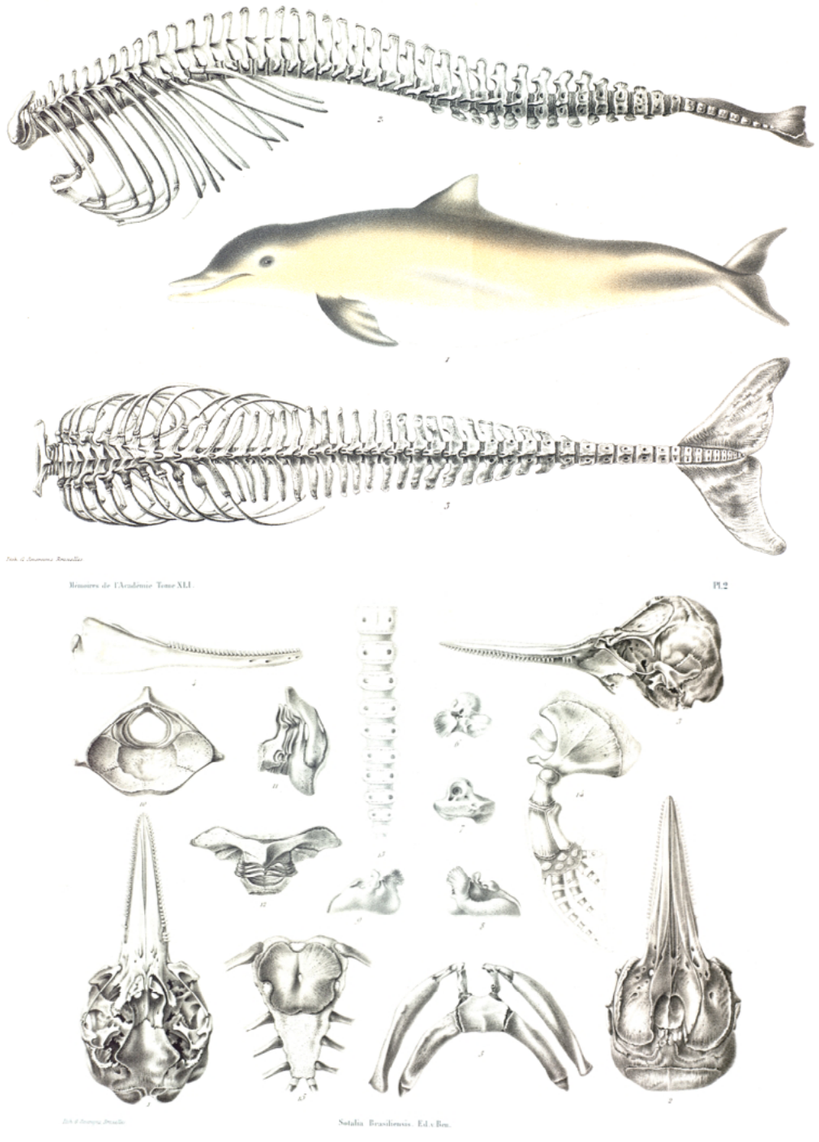
As fotografias de Klumb também serviram de base para as litografias reproduzidas no seu guia de algibeira – de bolso – intitulado *Doze horas em diligência:* guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora, publicado em 1872, no mesmo ano da vinda da missão belga (Klumb, 1872).

Em função dessa feliz coincidência, optou-se por incluir nesta tradução das *Notas de uma viagem ao Brasil*, imagens da Estrada União Indústria com algumas outras que pudessem enriquecer ainda mais a edição e ampliar o alcance do relato como fonte para os estudos históricos e principalmente sobre Minas Gerais.[20]

Importante mencionar que o trajeto anterior, do Rio de Janeiro a Petrópolis, era feito pela Estrada de Ferro Mauá, a primeira ferrovia construída no país, em 1854, por Irineu Evangelista de Sousa – o diligente barão de Mauá. [21]

20. O Guia de Revert Klumb tem ainda um sabor especial para os pesquisadores do período, pois além de trazer informações preciosas sobre a estrada União e Indústria é escrito de forma literária, transportando leitor para aquele tempo, dando maiores detalhes sobre o percurso e movimentação de pessoas e mercadorias, principalmente do café, que era produzido em larga escala na região.

21. Os bilhetes dessa ferrovia, em 1872, dividiam-se em três classes, sendo a última para os passageiros descalços. Segundo Klumb, estabeleceu-se a "3ª classe para os escravos, porém as pessoas que querem tirar o calçado ali são admitidas, o que frequentemente acontece com a maior parte dos trabalhadores dos campos." (Klumb, 1872, p. 9-10).



Sotalia brasilienses, espécie de boto identificada por Edouard Van Beneden na baía de Guanabara, Rio de Janeiro.

Após a viagem de trem, o viajante seguia pela União e Indústria a bordo das diligências que eram puxadas por intrépidas mulas, trocadas a cada hora nas doze estações ou "mudas" e em meio a um trajeto entrecortado por imponentes e belas obras de engenharia, projetadas por José Maria de Oliveira Bulhões,[22] que empregou quase todos os sistemas de pontes conhecidos, "combinando-os com uma inteligência rara, o que junto ao encanto da variedade", reunia a vantagem de servirem como objeto de estudo para um jovem engenheiro" (Klumb, 1872, p. 28). A ponte Carlos Gomes, construída por Bulhões com vigas tubulares mereceu, inclusive, "a honra de ser citada como modelo nas obras tecnológicas da Europa"[23](Klumb, 1872, p. 46).

Longchamps além de elogiar a estrada, ficou bem impressionado com Juiz de Fora, destacando-a como o "grande entreposto da província de Minas" e, principalmente com o Hotel União, de propriedade da Companhia União Indústria, "espaçoso, elegante, confortável, luxuoso, bem servido, enfim, montado sobre uma estrutura maior e melhor que a de qualquer hotel do Rio de Janeiro", com bastante gente – até mesmo da alta sociedade – que vinham do Rio até ali por divertimento (Sélys-Longchamps, 2025, p. 116).

Mesmo assim, quando retornou ao Rio de Janeiro, após a excursão a Minas, Longchamps não deixou de alegrar-se por estar novamente num "centro completamente civilizado" e com a sensação de voltar para "casa" (Sélys-Longchamps, 2025, p. 117). Afinal, havia muita coisa que lhe era familiar naquele Rio de Janeiro em processo claro de europeização dos costumes e particularmente de sua elite e, nesse ponto nem mesmo a língua era uma barreira, pois segundo o autor, quase todas as pessoas de "certa posição" falavam o francês "frequentemente com uma admirável pureza", o que em certa medida lamentou, por não o forçar a aprender o português (Sélys-Longchamps, 2025, p. 72).

Outra coisa que chamou muito a sua atenção no país foi o desenvolvimento – e a proliferação – dos anúncios na imprensa periódica e "do qual apenas, na Europa, os jornais ingleses podem nos dar uma ideia." Mesmo assim e para isso os próprios jornais já não eram mais suficientes: "todos os muros, até nos campos, estão cobertos de mensagens" (Sélys-Longchamps, 2025, p. 74).

22 . Bulhões contou com a assistência de José Koeller e seu filho, além de dois engenheiros franceses, Flageollot e Vigouroux.

23 . KLUMB, 1872, p. 46.

> Entre os anúncios, devo destacar alguns dos fatos que me impressionaram, como a frequência, nos avisos relativos aos escravos, de menções deste tipo: "À venda (ou aluguel) uma bonita mulata de ... anos (ou uma bela menina), que sabe etc., etc. Notei também a extrema abundância de sociedades de todos os tipos, de música, de diversão, de recreação, de beneficência, de poesia, de literatura etc. (Sélys-Longchamps, 2025, p. 75).

Como pode ser observado neste e noutros trechos aqui citados, há um Brasil oitocentista que emerge cheio de contradições e principalmente em relação à escravidão, mas não distante o suficiente para isolá-lo das transformações que fizeram do século XIX um período tão rico, inventivo e diferente, como destaca o historiador Maurice Agulhon (1992).

Como não se trata de fazer aqui uma ampla resenha dos assuntos e fatos narrados pelo autor, mas uma introdução, espera-se que, além de uma breve contextualização, tenha sido possível aguçar o interesse pela leitura de uma narrativa de viagem tão singular quanto o próprio personagem que lhe deu vida.

O universo do historiador é permeado pelas fontes que busca incessantemente levantar, e nos mais variados formatos, a fim de construir suas hipóteses e explicações. No entanto, não trabalha sozinho e está, a todo momento, à procura de bons interlocutores. Entre eles, encontram-se, com certeza, os viajantes, não só pelos testemunhos em diálogo com o leitor, mas pela possibilidade sempre aberta de contradizê-los.

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. Préface. *In*: MICHAUD, Stéphane; MOLLIER, Jean-Yves; SAVY, Nicole (dir.) *Usages de l'image au XIX siècle*. Paris: Éditions Créaphis, 1992, p. 8-9.

BENEDEN, Édouard Van. Mémoire sur un dauphin nouveau de la Baie de Rio de Janeiro, désigné sous le nom de Sotalia Brasiliensis. *Mémoires de l'Académie royale de Belgique*, Année 1875, n. 41, p. 1-45, 1875. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/marb_0775-3225_1875_num_41_1_3604 Acesso em: 23 jan. 2025.

BENEDEN, Édouard Van. Rapport sommaire sur les résultats d'un voyage au Brésil et à la Plata. *Bulletins de l'Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique*, v. 35, n. 1, p. 775-792, [1873]. Disponível em: https://orbi.uliege.be/handle/2268/160213 Acesso em 23 jan. 2025.

BRIEN, Paul. Notice sur Marc-Aurele-Gracchus Baron de Sélys-Longchamps. *Annuaire de l'Académie royale de Belgique*, v. 131, p. 3-81, 1965. Disponível em: https://academieroyale.be/academie/documents/DE-SELYSLONGCHAMPSMarcAureleGracchus8725.pdf Acesso em: 23 jan. 2025.

COSTA, Milton Carlos. *Visões políticas do Império*: diplomatas belgas no Brasil (1834-1864). São Paulo: Annablume, 2011.

D'URSEL, Charles. *Sud-Amérique*. Séjours et Voyages au Brésil, a la Plata, au Chili, en Bolivie et au Perou. Paris: E. Plon et cie, imprimeurs-éditeurs, 1879.

HINS, Eugène. *Un an au* Brésil. Mons: Hector Manceaux, 1884.

INVENTAIRE des archives provenant du Château d'Halloy par Nicole Caulier-Mathy et Nicole Haesenne--Peremans. Liège: Université de Liège/Bibliothèque générale de Philosophie et letres, 2010.

KLUMB, Revert Henry. *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora. Rio de Janeiro: Tipografia do Comércio de Pereira Braga, 1872.

LEITE, Míriam Moreira. Naturalistas-viajantes. *História, Ciências, Saúde*, *Manguinhos*, v. 1, n. 2, p. 7-19, nov. 1994-fev. 1995.

LISTE des criocérides recueillies au Brésil par feu Camille Van Volxem suivie de la description de douze nouvelles espèces américaines de cette tribu. *Ann. Soc. Ent. Belgique*, vol. 25, p. 74-84, 1882.

MICHAUD, Stéphane; MOLLIER, Jean-Yves; SAVY, Nicole (dir.) *Usages de l'image au XIXe siècle*. Paris: Éditions Créaphis, 1992.

RANGEL, Leyla Castello Branco. O poder legislativo na Bélgica. *Revista de informação legislativa*, v. 3, n. 10, p. 75-124, jun. 1966.

SÉLYS-LONGCHAMPS, Walthère de. *Notas de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2025. (Coleção Mineiriana).

SÉLYS-LONGCHAMPS, Walthère de. *Notes d'um voyage au Brésil*. Bruxelles: C. Muquardt, 1875.

STOLS, Eddy. Entrepeneurs belges et luxembourgeoises dans la modernisation et l'industrialisation du Brésil (1830-1840). *In*: STOLS, Eddy. *Brasil*. Cultures et Économies de Quatre Continents. Louvain: Acco, 2001. Disponível em: https://www.abphe.org.br/arquivos/eddy-stols.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

WASSCHER Marcel; DUMONT Henri. Life and work of Michel Edmond de Sélys-Longchamps (1813-1900), the founder of odonatology. *Odonatologica*, v. 42, n. 4, p. 369-402, 1 dez. 2013.

Notas de uma Viagem ao Brasil

WALTHÈRE DE SÉLYS-LONGCHAMPS

Extraídas da *Revue de Belgique*, 1875

NOTAS DE UMA VIAGEM AO BRASIL[1]

1. RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, quarta-feira, 31 de julho.

...Eis-nos aqui ao fim de nossa travessia. Estou quase surpreso por já ter chegado e, no entanto, me parece ter partido há um século. Até aqui eu tive apenas a impressão de estar fora de casa, pois este navio, sobre o qual eu passei na mesma classe na Antuérpia, em meio a um grupo de belgas, foi para mim como um prolongamento do solo natal e foi apenas no momento de desembarcar que eu comecei a experimentar o sentimento exato de meu distanciamento. O alto-mar me pareceu bem menos imponente do que o mar visto da orla. Esse círculo uniforme, no qual o olhar não encontra nenhum ponto de apoio, desprovido de qualquer perspectiva, cansa o olho por sua monotonia e o engana por sua regularidade; sua imensidão parece mesquinha e tacanha, e o espírito não pode nele perceber o menor esboço do infinito; lá, ele encontra apenas a imagem do isolamento. Quando muito, as velas mudas e espalhadas que, de longe em longe, surgem e se desmancham no horizonte, fazem pensar em fantasmas fugitivos que percorrem o reino das sombras. É raro que um navio passe ao alcance da voz ou dos sinais e possa, desta maneira, nos mostrar que leva seres vivos. O silêncio mortal que reina nesses espaços vazios nos quais nenhum som repercute, onde apenas ressoa de vez em quando o grito estridente de um pássaro perdido, deixando nossos ouvidos sem defesa contra todos os barulhos habituais de nosso lar flutuante, parece-me feito para predispor a alma mais ao entorpecimento do que à meditação. Mesmo quando o vento, fazendo subir por todos os lados ondas impetuosas, lança, umas contra as outras, montanhas líquidas que se entrechocam com estrondo, se espatifam e desmoronam numa queda formidável, mesmo quando o mar inteiro se cobre de uma espuma esbranquiçada, quando o furacão sopra

1 . N.A. Estas notas foram extraídas, no geral, em sua forma original, seja do meu caderno de bolso, seja, principalmente, de minhas cartas enviadas a meu pai durante a rápida excursão que fiz ao Brasil em 1872, em companhia de meus amigos Ed. Van Beneden e Cam. Van Volxem. O primeiro estava encarregado, como se sabe, de uma missão cientifica pelo governo belga; mas, em função dos limites e da natureza da Revue [de Belgique], optei por deixar completamente de lado os detalhes de ciência pura.

em torno de nós, faz vibrar nossos cordames e gemer nossos mastros, sacode o navio até o fundo do casco e mistura seus urros aos sons furiosos do oceano descontrolado, falta ao formidável concerto a voz possante e grandiosa, o rugido surdo e continuo das águas indomáveis que sempre crescentes jamais esgotadas se quebram para sempre na praia. Se, durante as longas horas da travessia, nosso espírito descomprometido trabalha e se lança, num voo ardente, para as altas esferas, é porque ele traz em si mesmo o princípio de sua atividade. O espetáculo e as harmonias do alto-mar nada têm a ver com isso. A vista da terra, da qual eu estava privado há um mês, também não me causou a menor emoção, contrariamente ao que em geral esperamos sentir. Eu não teria qualquer repugnância espontânea a continuar indefinidamente o estilo de vida das quatro últimas semanas. Apenas minha razão o condenaria

...Ficamos molhados a algumas centenas de metros do porto, quase perdidos no meio de um sem-número de navios, de todas as formas, de todas as nações, que se encontram à vontade nesse imenso porto natural. Uma grande quantidade de canoas nos cerca, oferecendo-se para nos conduzir à terra. Os que as conduzem são, em sua maioria, ou negros ou brancos vigorosos que nos disseram ser portugueses: os brasileiros não têm ombros dessa largura. Creio que deveremos suportar a visita da alfândega. Fizeram-nos acreditar que, por causa de nossos passaportes diplomáticos, estaríamos dispensados dela. E o fato é que, com o enorme aparelho científico que temos conosco, a ideia de uma visita de inspeção nada tem de jubiloso. Que bela coisa seria, no entanto, o livre comércio puro e simples! Mas seria ele possível no estado de anarquia e de brutalidade industriais em que vivemos? *That is the question*. No entanto, se há uma região que pode, a partir de hoje, sem risco, superar tal provação, parece-me, à primeira vista, que este lugar é o Brasil. País de matérias-primas e não ponto de manufaturas, que deve temer para os produtos de seu solo apenas uma concorrência fortemente limitada (para alguns deles, nula) não estaria sempre garantido seu escoamento a uma taxa remuneradora, ao mesmo tempo em que faria incidir sobre eles, direta ou indiretamente, a carga que atualmente incide sobre os produtos estrangeiros? E a queda do preço destes últimos, que seria a consequência necessária dessa reforma, não indenizaria exatamente os produtores nativos, enquanto a grande facilidade de comércio lhes imprimiria uma atividade ainda desconhecida e multiplicaria de parte e de outra a produção? Eis o que me pergunto naturalmente na ocasião de nossa desventura, mas ainda não me atreveria a respondê-lo.

Rio de Janeiro, terça-feira, 6 de agosto.

Estivemos muito atarefados até aqui. Tivemos que recorrer a diversas gestões para evitar que a alfândega desarrumasse toda a nossa bagagem. Aqui não é fácil se desembaraçar de apuros diante da inércia e da desatenção dos funcionários. Enfim, no sábado descobrimos que, na condição de associados a uma missão cientifica, estávamos formalmente dispensados de qualquer inspeção.

Na absoluta impossibilidade de encontrar lugar no *Hôtel des* Étrangers, instalamo-nos no *Hôtel d'Angleterre*, mantido por um velho francês, Sr. Capelle, no final de Botafogo, quase no campo, a uma boa légua do centro. Felizmente, o Rio tem seis linhas principais de *bonds*, admiravelmente organizadas, das quais a mais importante faz passar perto de nosso hotel um carro a cada três ou quatro minutos.

Bizarro destino de uma palavra! Incrível transposição de sentido, como que feita para confundir todos os caçadores de etimologias! Os *tramways* são conhecidos aqui apenas pelo nome de *bonds*. Você sabe qual é a origem dessa denominação? Não a procure: ei-la aqui. Quando a companhia do *tramway* de Botafogo se constituiu, as apólices que ela emitiu foram designadas na língua dos negócios pela palavra inglesa correspondente, *bonds*. No espírito dos brasileiros, tal nome tornou-se inseparável do dessa empresa, e quando esta, após muitas vicissitudes, foi levada a fechar, o uso, este déspota esquisito e caprichoso, ligou-a igualmente à sua obra. Ele se estendeu naturalmente aos *tramways* instalados mais tarde. E é assim que hoje pode-se dizer "o *bonds* passa" ou "subir no *bonds*". É como se dissessem subir nas apólices! Que depois dessa alguém ainda se espante com os mistérios que os filólogos e os linguistas encontram frequentemente em seu caminho! Mesmo entre nós descobriríamos sem dúvida exemplos desse tipo, e, veja: não dizemos às vezes "*entendre un chemin de fer*" etc...? Ouvir um caminho! Mas aqui pelo menos a filiação é clara.

Graças ao bonde, portanto, nosso hotel está a apenas meia hora do centro. É uma espécie de pensão familiar: nada de mesa coletiva para as refeições, pouquíssima gente por enquanto. Temos dois quartos no primeiro andar que se abrem sobre o jardim, voltados para a montanha, com três camas e uma enorme sala de visitas. De nossas janelas vemos a baía de Botafogo que, daqui, parece um enorme lago, fechado de todos os lados por gigantescos rochedos. Isso nos custa, incluindo alimentação, sem o vinho (não se

Porto do Rio de Janeiro, em 1871

encontram outras condições é o que parece), 20.000 réis por dia. Não fique estarrecido com a aparente enormidade dessa cifra! No começo custa-se a se localizar no meio de todos os milhões que ressoam incessantemente em seus ouvidos, mas isto acontece bem rápido. Você sabe o quão insignificante é o valor do real; é uma unidade puramente fictícia; a peça monetária mais fraca é a de 20 réis, que vale aproximadamente cinco centavos, e não se tarda a perceber que a verdadeira unidade é a de 1.000 réis. O valor do mil-réis brasileiro flutua entre 2,50 e 2,82 francos, segundo as variações do câmbio, inclinando-se, atualmente em direção a este último limite, em média 2,75 francos. Mas nos dizem que, considerando a carestia da vida, o mil-réis não vale quase nada além do que o franco vale para nós.

Talvez nos seja mais difícil habituarmo-nos ao uso exclusivo do papel-moeda. Aqui não se conhece quase nenhum outro instrumento de câmbio, a não ser para fazer troco, e ele se integrou tão bem aos costumes que se tornou preferível às espécies metálicas. Todo o ouro e prata brasileiros passaram, dizem, à Prata, durante a Guerra do Paraguai, e não mais voltaram.[2] Agora a massa não sabe mais apreciar o valor desses metais; entre o povo, geralmente, recusa-se a recebê-los, e só se consegue escoá-los prontamente entre os cambistas ou entre os negociantes em relações com a Europa. No entanto, emitiram-se novamente peças de prata de 500 réis e peças de níquel de 100 e de 200 réis, cunhadas mais recentemente em Bruxelas; mas ainda veem-se bem poucas delas; prefere-se servir do que chamam de *cartons*, ou seja, bilhetes de passagem de diversas companhias de bondes ou de navegação a vapor; tais bilhetes circulam aqui por toda parte, sem a menor dificuldade, como moeda corrente; nos bondes, quase não se usa outra coisa.[3]

Apenas as peças de couro ainda são empregadas continuamente para as pequenas transações, tais como compras de frutas etc., sobretudo entre os negros. A partir de 1.000 réis, usam-se apenas notas de banco. São incômodas, atrapalhadas, de difícil manuseio e sujas; algumas ficam reduzidas ao estado de farrapos ignóbeis. Nada iguala o desleixo com que a maioria das pessoas as enfiam em seus bolsos como trapos vis; e é um espetáculo estranho a nossos olhos ver de vez em quando um pobre diabo todo esfarrapado manipular com indiferença grandes maços de *banknotes.*

2. N.A. No entanto, também na Prata, como eu constatei mais tarde, quase que só se usa o papel-moeda e que é empregado até em cédulas de um valor real de 25 centavos (valor nominal: um dólar)!

3. N.A. Quando nós passamos novamente pelo Rio para voltar à Europa, o governo havia acabado de proibir a circulação desses bilhetes para forçar o público a se servir do níquel.

A cidade do Rio não me agradou à primeira vista; eu a achei feia, suja, desagradável, e sua população, horrorosa. Sempre desconfio das primeiras impressões. Também transfiro todo julgamento para o último ponto. Quanto aos outros, já tenho reservas a fazer. É preciso distinguir a cidade propriamente dita de seus arredores. No começo, eu vi apenas a primeira e é apenas a ela que minha apreciação se aplica; de todo o resto só se pode falar bem.

O Rio de Janeiro se estende ao longo da costa sobre um espaço imenso. Da extremidade de Botafogo e da Lagoa de Freitas até depois de São Cristóvão, as casas se sucedem sem interrupção sobre uma extensão que não deve ter muito menos de duas léguas e sobre uma profundidade bastante variável. Um outro braço avança igualmente bastante longe no interior até o pé dos montes da Tijuca na direção de Andaraí. No centro, no ponto de encontro dessas duas faixas principais, disposta em quadrilátero profundo perto do porto, está o verdadeiro Rio. A praça gigantesca, melhor dizendo a planície vazia, do Campo de Santana ou Campo da Aclamação, divide-o em duas partes absolutamente desiguais, uma, a mais nova e menos considerável, ao fundo, e a outra, a velha cidade, voltada para o mar. Nela estão todos os armazéns, todos os prédios públicos, todos os escritórios; lá se fazem todas as transações e negócios de todo tipo, mas a gente comum, os lojistas, os artesãos, os operários, os pequenos empregados apenas se deixam ficar por ali. Ruas mal limpas, frequentemente retas, mas quase sempre estreitas, tanto que às vezes, em certos pontos, se encontramos o *bonds*, não temos outro recurso além de nos imprensarmos contra os muros, sob pena de sermos esmagados. Junte-se a isso casas nuas e altas, sobretudo nas vias principais, de dois e às vezes três andares. Em consequência, falta ar: e, normalmente, luz; mas, em compensação, no meio do dia, ficamos literalmente cozidos.

A sarjeta fica no meio da rua, coisa incômoda para as pessoas, e mais ainda para os animais. Também cavalos e carros passam sem escrúpulo sobre as calçadas afundadas, que às vezes se elevam um pouco sobre o calçamento circunvizinho. A todo momento, o passante desavisado corre o risco de ser derrubado, e ficamos nos perguntando como é que isso não acontece com mais frequência; felizmente, a circulação dos carros é bastante restrita. Arcos de ferro, fixados nas paredes, que frequentemente unem as casas na altura do primeiro andar; são destinados, sem dúvida, a sustentar os *toldos* que aparam, nos dias de grande calor, os raios verticais do sol.

Assim, ou quase assim, é a famosa rua do Ouvidor, o ponto de encontro geral, o passeio da moda no Rio, aquela onde estão concentradas todas as belas lojas, todas as vitrines elegantes, todos os fornecedores da moda. Ela foi comparada, não sem razão, à *rue Vivienne*.[4]

A grande maioria dos negociantes dessa rua é formada por franceses: as insígnias francesas dominam o ambiente e nossa língua frequentemente nos chega aos ouvidos. No entanto, as lojas, o movimento contínuo, um certo requinte aqui e acolá nas construções, a abundância relativa daquilo que podemos chamar de belo mundo, dão ainda a essa rua algum atrativo, e o mesmo acontece em menor grau na rua da Quitanda, de uma posição um pouco inferior; ela corta a precedente no ângulo direito, mais ou menos pelo meio. Mas nada justifica a feiura das ruas consagradas ao grande comércio, tais como a rua da Alfândega, paralela à rua do Ouvidor. Aqui nenhuma atenção aos olhos, nem sombra de um ornamento, nenhuma vitrine. Adivinha-se, ao primeiro golpe de vista, que os negociantes cujos nomes lemos escritos em pequenas letras pretas sobre o batente bem primitivo das portas, portugueses, ingleses, franceses, alemães ou brasileiros, aqui vêm apenas de passagem, para ordenar as contas, assinar documentos, fazer negócios, despachar ou receber mercadorias, e que eles se livram o mais cedo que puderem; enquanto estão por aqui, têm outra coisa a fazer além de olhar em torno de si.

Mesma característica na arrumação e na disposição interior das lojas. Profundas, escuras, sem janelas, iluminadas somente pela entrada, largamente aberta, é verdade, e na sua parte posterior ficam simples entrepostos onde as mercadorias são amontoadas e empilhadas sem a menor simetria, e como que ao acaso. No fundo fica o escritório, onde só se chega passando por entre caixas e pacotes. Fora, com exceção de alguns brancos atarefados, vemos apenas negros, mensageiros ou carregadores de fardos, trabalhando ou descansando. A antiga rua Direita, hoje rua Primeiro de Maio, a primeira grande rua paralela à costa, onde desembocam perpendicularmente a precedente e todas aquelas de mesma direção, apresenta em sua origem, nos arredores do porto, um aspecto análogo; mas ela já é bem mais larga e mais animada, graças à passagem de todos aqueles que vão ao mar ou que dele voltam. Mais longe, ela foi ainda alargada e decorada à feição dos bulevares de Paris; algumas lojas, um ou dois cafés nela se estabeleceram. Estes últimos

4. N.T. Rua do comércio elegante em Paris, nas proximidades da Ópera.

parecem raros no Rio. É nessa rua que se encontram a Alfândega, os Correios e a Bolsa. As ruas secundárias e as que se voltam para fora servem de refúgio para a classe trabalhadora, das pequenas e raras indústrias do país. Lá nota-se uma certa tendência ao agrupamento por profissões; assim, numa rua encontram-se sobretudo sapateiros, outra é ocupada quase que exclusivamente por chapeleiros.

À medida que nos distanciamos do centro, as vias se alargam e as casas abaixam; começa-se a encontrá-las frequentemente sem andar; é o verdadeiro tipo nacional. Logo se mostram cada vez mais várias residências abastadas, e às vezes jardins. Mas a verdadeira morada dos ricos, do alto comércio e da aristocracia, que de resto quase não me parecem se distinguir, são os arredores exteriores, Andaraí, São Cristóvão etc., e especialmente Laranjeiras e Botafogo. A partir do momento em que se entra, quando, por exemplo, começa-se a deixar atrás de si, à esquerda, a pequena colina da Glória, tão pitoresca com sua igreja e suas casas brancas perdidas na verdura, a cena muda e não tarda a se tornar tão charmosa quanto o foi anteriormente. Quanto mais se avança, mais ela se embeleza. Por toda parte belas *vilas* (pois é o único nome que convém a essas sorridentes moradas), pintadas de cores claras e vivas, de um estilo ao mesmo tempo elegante e simples, severo e gracioso; apesar da predominância quase que exclusiva da linha reta, eu a considero do mais agradável efeito.

Em torno dessas vilas, jardins, frequentemente vastos, bem desenhados, admiravelmente tratados, sempre repletos de plantas radiosas, que alegram os olhos. E largas avenidas macadamizadas, bem retas bem limpas, ofuscadas pelo sol, tão arejadas quanto o próprio campo. As casas, sobretudo as mais modernas, têm quase sempre um andar, nunca mais que isso (vi apenas uma exceção). Elas são cobertas – como de resto todas por aqui – de telhas. Seus telhados vermelhos destacam-se alegremente, à luz do dia, dessa atmosfera esplendidamente serena, sobre o fundo verde da paisagem, sobre o azul do céu, sobre o espelho profundo das águas, e se casam harmoniosamente com o tom avermelhado do solo circundante. De todos os lados, temos sobre a incomparável baía, quando menos, espaços abertos; por todos os lados desfrutamos a vista das montanhas admiráveis que a cercam. Por isso, salvo em algumas ruas mais antigas onde longas paredes monótonas ainda substituem as elegantes grades modernas ou as sebes silvestres de mimosas, todos esses bairros são como imensos jardins, semeados de inumeráveis pavilhões. Foi lá que nós ficamos. Nas extremidades, as *vilas* opulentas continuam sendo

as únicas donas do terreno. As casinhas modestas que, sobre os confins do quadrilátero central e na zona adjacente, com elas ainda concorriam, muitas vezes com vantagem, dispararam completamente, salvo, de longe em longe, alguns *armazéns* de *secos e molhados*, onde elas podem se abastecer. Esses *armazéns* me parecem ser ao mesmo tempo os mais curiosos, os mais característicos e de longe os mais numerosos da região. Neles eu vejo as coisas mais diversas. Eles reúnem em si tipos de comércio que entre nós são separados, a mercearia, a salsicharia, as conservas, e muitos outros.[5]

As vilas se estendem bem além dos pontos onde elas formam ruas. Encontram-se bem longe, sempre nos arredores das áreas aglomeradas, em toda a planície, em todas as colinas isoladas que dela se elevam, em toda a base do maciço de montanhas e no fundo de todas as gargantas que lá se abrem.

Não lhe falarei dos monumentos; você sabe que sou indigno dessa tarefa, e de mais a mais me parece que não os há dignos de nota. Em todo caso, é preciso que as igrejas sejam bem insignificantes, pois elas me passaram absolutamente despercebidas. Você não ignora que sua arquitetura é a dos jesuítas.

Ainda que todo o carvão aqui consumido seja importado da Inglaterra, a cidade é largamente, magnificamente, quase que com prodigalidade, iluminada a gás, e certamente com uma profusão bem diferente da que dispõem as cidades de nosso país mais bem aquinhoadas de óleo; e o mesmo se dá em toda a periferia, bem além dos confins dos subúrbios, e até nos caminhos abandonados e desertos. Nota-se que aqui, quando se fazem as coisas, faz-se grandemente, talvez mais do que o que seria razoável. Todas as casas, mesmo as mais afastadas, são também, ao que parece, exclusivamente iluminadas a gás. É preciso, portanto, crer que aqui se rende rapidamente às inovações e que se aceita tranquilamente as invenções úteis. À noite, quando tudo se ilumina, as estrelas do céu, as luzes a gás na terra, o espetáculo torna-se feérico. A cada noite, aqui, podemos desfrutar de uma iluminação sem igual. Ao longo das praias, Rio, São Cristóvão, Botafogo, entre todas, espalham-se guirlandas faiscantes que refletem com as estrelas as águas escuras, cintilando

5 . N.A. Especialmente do taberneiro, como logo descobrimos. Em todos esses armazéns, com efeito, são vendidas bebidas de todo tipo, e os negros e portugueses não se abstêm de consumir vinho, cerveja, e, sobretudo, *cachaça* (espécie de rum do país). É pela incrível abundância desses armazéns que se explica, para meu infortúnio e muito simplesmente, a relativa raridade de cafés propriamente ditos.

Ponte do Desengano sobre o rio Paraíba, Rio de Janeiro

sob seus fogos. Em frente, na margem oposta, a orla em forma de lua crescente de Niterói resplandece na escuridão. No meio, na baía, mil pontos brilhantes, explodindo nas trevas, indicam o ponto dos navios ou das ilhas. De todos os pontos mais altos do entorno, cordões deslumbrantes, longas guirlandas de luz descem serpenteando em direção ao mar e ligam entre si as coroas flamejantes das colinas.

Quarta-feira, 14 de agosto.

Nós nos aplaudimos a cada dia pelo acaso que nos conduziu ao *Hôtel d'Angleterre*. Não estaríamos tão bem no *Hôtel des* Étrangers, que nos haviam aconselhado e que fica na entrada de Botafogo. Nele, tudo é feito em grande estilo, o *mâitre* é um *dandy*, há um porteiro uniformizado; enfim, é um hotel elegante e diplomático. Pense no efeito que nós causaríamos com nossos bocais e nossos esqueletos, em nossa roupa de pesca ou nosso equipamento de entomologistas, entrando barrentos, descompostos, rasgados, ensanguentados, de volta de uma expedição qualquer! Evidentemente o lugar não seria suportável. Aqui, nada parecido. Fazem por nós tudo o que desejamos, e nos deixam fazer o possível e o impossível. Penduramos no jardim os animais que matamos, e algumas vezes até mesmo os estendemos em nosso balcão, e ninguém se queixa. É a verdadeira maravilha! Na Bélgica não encontraríamos vizinhos tão complacentes e uma polícia tão indulgente. Admitem todas as nossas irregularidades. Mesmo que cheguemos às dez horas da noite, como ladrões e reclamando nosso jantar, não somos menos bem recebidos. Nos primeiros dias, espantávamo-nos um pouco. Madame Capelle – viúva em primeiras núpcias do general Pacheco, antigo presidente do Uruguai – nos olhava do alto de sua grandeza; o garçom, Joaquim, um português, assumia um ar enfastiado, e o Sr. Capelle, levantando os braços para o céu, protestava, mas sempre com bom humor, contra nossa atividade, nosso vigor, nossa imprudência, e nos dizia sacudindo a cabeça: "Esperem um pouco! Ah, vocês são jovens, senhores, e não sentem o cansaço. Eu já fui jovem também, e era como vocês. Lá, na Europa, nós somos assim. Mas fiquem somente algum tempo aqui, e vocês verão rapidamente sua energia se dissolver e seu ardor amornar!"

Agora o foco das atenções é a nossa aparência; e sem se espantarem mais, divertem-se com ela, sem ironia e não sem uma ponta de admiração. Todas essas bravas pessoas parecem já ter se ligado a nós, e, quanto a mim, sinto por eles uma afeição verdadeira.

Quanto aos moradores das ruas vizinhas, penso que nos vendo correr dessa maneira da manhã à noite e penar em pleno sol, sem guarda-chuva, eles devem nos achar um pouco loucos, e que eles não se podem impedir de sorrir com alguma piedade. Os negros, sobretudo, percebendo-nos em nossas corridas, abrem frequentemente olhos enormes e param para nos olhar rindo até as orelhas. Mas que importa? Muitas vezes isso diverte até a mim mesmo. Aliás, bem comumente, nós não precisamos ir longe para estar fora das ruas, e também, quando o queremos, à nossa porta temos a montanha, onde, desde os primeiros passos, encontramos ocupação. É, sobretudo, para Van Volxem[6] e para mim que tal vizinhança e a proximidade do campo, também em outras direções, são de um valor inestimável já que, graças a esta circunstância, a partir do momento em que temos algumas horas para nós, podemos utilizá-las caçando, por assim dizer, de pantufas.

Adotamos, para o dia a dia, um regime análogo ao que eu praticava na Europa, almoçando às sete ou oito horas e jantando habitualmente às sete sem refeição intermediária. Ganha-se, assim, bastante tempo e não vejo que meus companheiros se sintam mal. Como todo mundo é unânime em declarar, a água do Rio é excelente e eu me permito bebê-la a cântaros. Ela é trazida das montanhas dos arredores por gigantescos aquedutos a céu aberto, dos quais o principal passa pelo mais belo monumento do país.[7] Temos também cerveja inglesa e, coisa mais inesperada, a cerveja da terra, que eu prefiro. Essa fabricação não é de longa data, parece, mas ela já atingiu um grande desenvolvimento.

A temperatura continua moderada; a mais forte que eu vi registrada no Observatório[8] é de 28º C. O tempo esteve sempre bom até aqui, ao menos durante o dia. As condições sanitárias são satisfatórias. Tem-se o útil hábito de publicar na certidão de estado civil, ao lado do nome dos mortos, a causa detalhada do falecimento. Noto com surpresa que aqui, como entre nós, as doenças do peito figuram em primeiro lugar, tanto as crônicas quanto as agudas, e, mais que todas elas, a tísica. Vêm em seguida, parece-me, as doenças das vísceras: disenteria, diarreias, enterite.

---

6. N.E. Trata-se do entomologista belga Camille Van Volxem (1848-1875).

7. N.E. O autor se refere aos Arcos da Lapa ou Aqueduto da Carioca, como era conhecido, e que foi construído entre os anos de 1725 e 1744 para transportar a água da nascente do rio Carioca até o Largo da Carioca e abastecer a população da cidade.

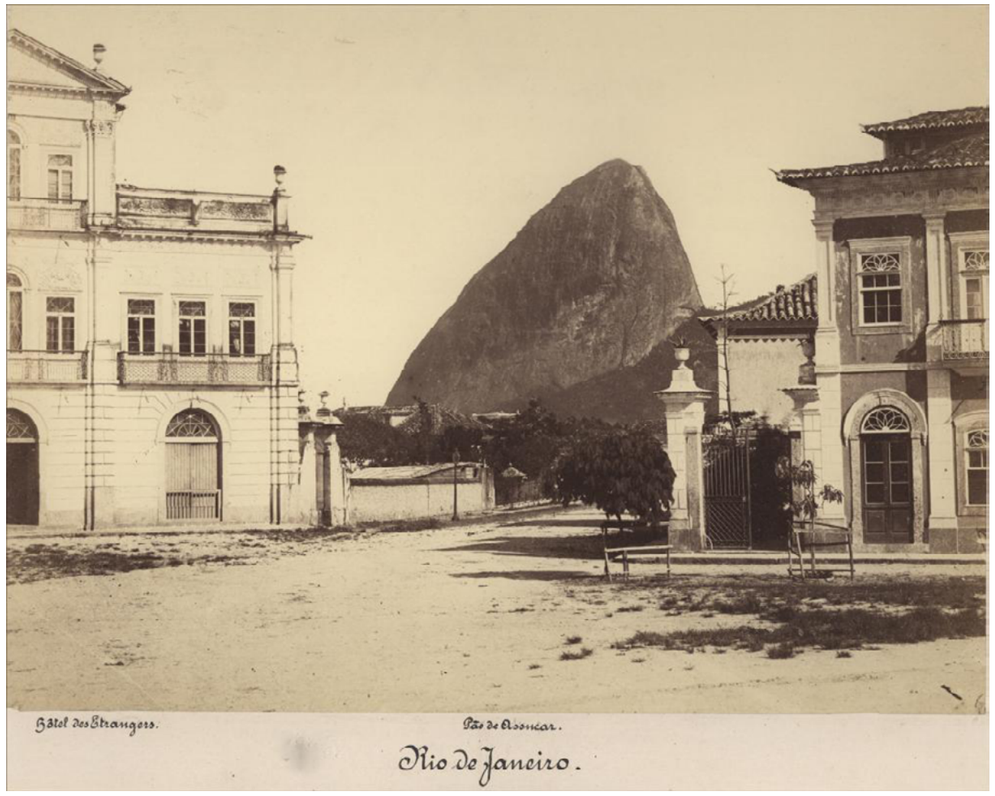
8. N.E. A partir de 1871, o Observatório Imperial passou por uma importante remodelação, dedicando-se prioritariamente às atividades de pesquisa e prestação de serviços em meteorologia, astronomia, geofísica, na medição do tempo e determinação da hora. Essa mudança está relacionada à administração de Emmanuel Liais nos dois períodos em que foi diretor (janeiro a julho de 1871 e entre 1874 e 1881) da Instituição.

A cozinha de nosso hotel é satisfatória para o meu gosto, sem ser refinada. É uma cozinha francesa, talvez um pouco espanholada, e na qual o arroz, que é servido quase todos os dias, constitui o elemento nativo. De tempos em tempos, no entanto, combinam-na com algum prato do país para nos comprazer. Há sempre um peixe no jantar, e o Sr. Capelle se esforça para satisfazer o desejo de Van Beneden,[9] fazendo-nos passar em revista as diferentes espécies. Infelizmente, é muito difícil. Há uma prodigiosa variedade delas na baía e nas lagoas; sua abundância é extrema e, no entanto, as amostras continuam sempre incrivelmente caras, como Beneden constata tristemente a cada dia no mercado. Lá ele experimenta incessantemente o suplício de Tântalo,[10] pois há sempre peças magníficas, mas a preços inabordáveis. Isso provém da falta de atividade calculada dos pescadores. Esses fazem um raciocínio extremamente simples e ao qual não podemos negar a justeza. Dizem a si mesmos que se, impondo-se um acréscimo de trabalho, aumentam o abastecimento do mercado, seu labor suplementar não será remunerado em proporção igual à anterior, que aviltarão seus produtos e prejudicarão seu trabalho. Nada bobos, como você vê! E, como suas necessidades são medíocres e sua indolência grande, eles preferem até mesmo ganhar um pouco menos de dinheiro, mas ganhá-lo mais facilmente, e tacitamente se entendem para pescar o menos possível. Quando seu bolso fica vazio, eles pegam suas redes, apanham o que a sorte lhes traz, e param satisfeitos a partir do momento em que se tenham assegurado alguns mil-réis. Depois continuam vivendo lá em cima enquanto isso dure, dormindo, conversando, rindo, visitando uns aos outros, comendo feijões, arroz, farinha de mandioca, com um pouco de peixe, bebendo água e às vezes cachaça, ou mesmo cerveja.

Evidentemente, sob seu ponto de vista, neste país, eles têm razão. Mas do ponto de vista moral, são condenáveis? O espírito moderno dirá sim sem hesitar, e os europeus aqui estabelecidos, habituados a ver em sua terra os proletários, sob a pressão de uma necessidade inexorável, se prestar docilmente à exploração, voluntária ou não, dos privilegiados pela fortuna, dos empresários e patrões, nunca encontram injúrias suficientes para essa tendência quase que geral da população brasileira, que assegura a independência do trabalho em relação ao capital, e não esgotam suas recriminações contra "a preguiça infame dessa raça abjeta". Quanto a mim, estou disposto a acreditar que esses pescadores compreendem melhor a vida que aqueles que se cansam e se esgotam ganhando dinheiro para satisfazer a falsas necessidades: à vaidade ou ao vício.

9. N.E. Trata-se do conhecido zoologista belga e professor da Universidade de Liège, Edouard Van Beneden (1846-1910).

10. N.E. Mito que representa a aflição sofrida por aquele que deseja algo que parece estar ao seu alcance, mas que é inatingível.



Hotel des Etrangers, com o Pão de Açúcar ao fundo

O mobiliário do hotel não é nada luxuoso. Os móveis extremamente simples são em cana ou em madeira lisa, as paredes nuas, as camas em ferro; em nosso salão, uma esteira à guisa de tapete, e que é mais fresco, e dois espelhos como único ornamento. As toalhas, os guardanapos e geralmente toda a roupa de cama e de banho são crivadas de furos. É preciso fazer honra às enormes baratas que aqui pululam por todos os lados de uma maneira verdadeiramente prodigiosa. Por menos que se levante um objeto, tem-se a certeza de ver sob ele algumas que saem correndo, e, se você tiver a infelicidade de deixar um lenço se arrastar no chão, no dia seguinte você infalivelmente virá a conhecê-las. Os mosquitos também fazem serão e, menos respeitosos em relação à minha pessoa do que seus congêneres da Europa, acontece-lhes de às vezes me aplicar muito irreverentemente suas presas, mas isso pouco me comove.

Muito mais desagradável e ainda traiçoeiro é uma espécie de pequena mosca conhecida aqui pelo nome de *borrachudo*. Sua mordida deixa um ponto vermelho de sangue sob a pele. Nos primeiros momentos não se sente nada, e quando eu conheci esses aborrecidos mosquitos no Jardim Botânico, minha atenção só se voltou para eles por causa das belas pintas com as quais eles haviam coberto minhas mãos. Achando-os tão gentis e tão inofensivos, tive escrúpulos de contrariá-los, diverti-me observando-os, e deixei-os se alimentarem à vontade. Depois tive ocasião de me arrepender desse ato de caridade, pois após um dia ou dois tais mordidas ocasionam comichões agudos que se prolongam muitas vezes por mais de uma semana. No entanto, pelo que soube depois, geralmente é possível prevenir esse resultado tendo o cuidado de, no exato momento da mordida, espremer da pequena ferida esférica feita por ela tudo o que nela houver de sangue e de liquido. Os *borrachudos* se dedicam, sobretudo, às mãos e à parte de baixo das pernas; eles têm fama de sempre preferir atacar os estrangeiros às pessoas da terra, e em primeiro lugar os mais recentemente chegados. Em nossas primeiras excursões, eu não precisei me queixar de outros inimigos.

Fora da cidade, até aqui visitamos a Tijuca e suas florestas, a lagoa de Freitas e sua *restinga* – praia arenosa coberta de uma vegetação especial, como a de nossas dunas e, assim como ela, pobre e raquítica em relação à vegetação do interior, mas ainda assim bem rica se comparada à do nosso litoral, e também à montanha atrás do hotel, ainda encoberta no alto de bosques nativos, sem qualquer trilha além daquelas da caça ou dos caçadores que a espreitam. Lá entrevemos, um dia, uma cutia fugindo através do cerrado

e uma "Penélope"[11] qualquer saindo ruidosamente do meio dos galhos. Por infelicidade, desgostosos com a esterilidade completa e invariável de nossas tentativas precedentes, já havíamos renunciado a levar sempre conosco nossos fuzis.

Finalmente, não deixamos de fazer a tradicional subida ao Corcovado. Tendo saído às três horas da manhã, virtuosos ou não, queríamos ver a aurora do alto do pico, chegamos ao cume apenas por volta das sete, pois nos perdemos um pouco na escuridão. Eu levava nosso almoço no meu alforge, e mesmo que ele não estivesse exatamente pesado, devo fazer, sob pena de ser inexato por reticência, a humilhante confissão de que me senti realmente extenuado de cansaço e de calor, apesar de ser tão cedo. O Sr. Capelle terá razão ao dizer que este clima atinge tão rápido e tão perfidamente nosso vigor? Eu temo que sim. Parece realmente que aqui o menor fardo pesa e o menor peso abate. Entregue a si mesmo, o corpo ainda se mantém valente, mas, ao menor esforço, ele verga e se rende. É certo que tudo o que nós podemos fazer na Europa seria em muitos casos excessivo aqui e muito prontamente se tornaria de todo impossível se não chegássemos talvez a nos aclimatar com o tempo.

Apesar de nosso atraso, já estávamos muito alto quando o sol surgiu no horizonte e o espetáculo ainda estava magnífico para os que sabem apreciar essas coisas; toda a esplêndida baía do Rio e a região em vários pontos em torno se descortinavam a nossos pés; nas proximidades, apenas os picos da Tijuca se elevavam sob nós, e ao longe se delineavam os contornos agudos da serra dos Órgãos; do outro lado, o Oceano se estendendo... Leia o sem-número de descrições que já lhe tenham feito, solte as rédeas de sua imaginação, e esteja certo de que ela jamais poderá superar a realidade.[12] Enquanto admirávamos esse panorama, vimos, coisa agora bem rara nesse lugar, quatro ou cinco macacos que, na parte

---

11 . N.E. Jacu ou Penélope, pássaro que habita as florestas brasileiras.

12 . N.A. Foi vendo, do alto do Corcovado, se desenrolar ao longo da costa toda essa admirável série de baías e de lagoas em vias de formação, que Van Beneden concebeu pela primeira vez a ideia de fazer nas redondezas pesquisas especiais com vistas ao estudo comparativo da fauna do oceano, da baía e das lagoas vizinhas, para identificar as sucessivas modificações que a influência de um meio cada vez menos marítimo deve ter nelas introduzido. De lá, com efeito, avistando todo o litoral numa vasta extensão, estávamos maravilhosamente localizados para perceber com um golpe de vista o modo de formação das lagoas e das terras baixas; víamos a passagem por gradações imperceptíveis, do estado de baía aberta ao de lagoa em comunicação incompleta com o mar, pelo surgimento de barras transversais edificadas diante da entrada pela ação das ondas: depois, o de lago fechado e cada vez menos salgado pelo efeito do afluxo constante das águas doces; finalmente, o preenchimento progressivo pela acumulação dos depósitos de lodo, e a última metamorfose em planícies, inicialmente pantanosas, e em seguida cada vez mais firmes. Tínhamos diante de nós exemplos do fenômeno em todos os períodos de sua evolução. Ver Rapport de Ed. Van Beneden à l'Académie Royale des Sciences sur les resultats scientifiques d'um Voyage au Brésil et à La Plata. (*Bulletin de l'Académie Royale de Belguique*, 2e. série, tome XXXV).

mais escarpada do rochedo, brincavam no meio do mato, julgando-se em segurança. O primeiro movimento de meus companheiros foi o de sacar seus revólveres, na falta de seus fuzis, mas eu os retive a tempo, objetando-lhes que eles iriam cometer um crime inútil, visto que as vítimas cairiam necessariamente num precipício inacessível.

Mais longe, algumas centenas de pés abaixo de nós, planavam abutres, rodopiando sob as montanhas inferiores. Esses urubus são extremamente comuns e conhecidos nos arredores do Rio. Eles são encarregados da maior parte da limpeza e é proibido matá-los. Nos arredores do matadouro, são vistos aos milhares, estacionando aos bandos, inertes e estúpidos. Diz-se, no entanto, que nunca se conseguiu descobrir nenhum de seus ninhos, e que se ignora absolutamente onde eles os estabelecem. Isso me parece extraordinário, mas é o que dizem.

Na cidade, fizemos algumas visitas de negócios, de conveniência ou de cerimônia. No sábado passado especialmente, fomos três vezes com o ministro residente da Bélgica ao palácio de São Cristóvão para sermos recebidos em audiência particular pelo Imperador. As portas estavam abertas. Ninguém nos disse uma palavra, e subimos diretamente até a sala de recepção, onde entramos passando diante de uma dúzia de guardas agaloados que se inclinavam profundamente atingindo o solo com suas alabardas. O Imperador não tardou a chegar: passando pela mesma porta que acabáramos de atravessar, avançou sozinho até diante de nós, em trajes negros. Acolheu-nos com sua benevolência habitual, e sem cerimônias. Feitas as apresentações, estendeu-nos a mão e se informou muito sobre o objetivo e o caráter da missão de Van Beneden. Ele teve a bondade de anunciar a esse que faria colocar à sua disposição um exemplar da grande obra de Spix e Martius,[13] tanto quanto da *Flora fluminensis* de Velloso,[14] uma raridade bibliográfica; em seguida me expressou seu pesar por não ter podido conhecer d'Omalius d'Halloy[15] no congresso de geografia da Antuérpia, ocasião em que ambos estiveram presentes. A conversa se prolongou dessa

13. O zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Martius percorreram o Brasil entre 1817 a 1820, passando por São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, legando uma vasta produção científica em diversos volumes, com destaque para a "Flora Brasiliensis", uma monumental obra dividida em 15 volumes e 40 partes publicadas a partir de 1840 dedicadas à flora brasileira e a estudos etnográficos dos povos indígenas.

14. N.E. A "Flora fluminensis", de autoria do padre franciscano José Mariano da Conceição Vellozo (1742-1811), apresentou descrições e figuras de 1.640 vegetais brasileiros e muitas indicações ecológicas e nomes indígenas. Apesar de concluída em 1790, só foi publicada postumamente, em 1825.

15. N.E. Avô materno de Walthère, Jean-Baptiste d'Omalius d'Halloy (1783-1875), foi um conhecido geólogo belga e que também exerceu diversos cargos administrativos e políticos no seu país.

forma durante aproximadamente hora e meia, girando quase exclusivamente em torno de questões científicas. O Imperador, como se sabe, possui conhecimentos gerais muito extensos, mas sua especialidade, digamos, é a astronomia. Ele aproveitou a ocasião para se declarar anti-darwinista, e nos disse ser esta uma das causas de sua predileção por Agassiz.[16] Só pudemos, pois, nos contermos e naquele momento nada podíamos além de nos calar.

O Imperador nos falou de um peixe-boi vivo que se encontrava no Jardim Público (*Passeio Público*), passeio favorito dos habitantes da cidade, situado bem perto do centro, muitíssimo bonito e muito bem cuidado. Van Volxem e eu lá fomos, portanto, na esperança de ver esse raro animal. Infelizmente, por uma bizarra coincidência, ele acabara de morrer, conforme nos informou um dos funcionários do parque, talvez no exato momento em que nos ocupávamos dele. Volxem, prontamente prevenido por nós, correu até o diretor do parque. Este, às suas primeiras palavras, presenteou-o com o peixe-boi sem nenhuma restrição, e pôs todo o seu pessoal, ele inclusive, à sua disposição. O cadáver foi desenterrado na hora, e Van Beneden se pôs incontinenti a dissecá-lo, apesar de seu estado de putrefação já pronunciada, com a ajuda de dois dos operários; eu o assisti o melhor que pude, mas não fiz quase nada. E foi dessa forma que ele pôde obter essa peça inesperada, que será certamente uma das melhores entre aquelas que levaremos, e que, dado seu tamanho, fará muito mais efeito nos gabinetes do ministério do que todos os espécimes zoológicos do universo, mesmo o mais precioso para um naturalista...

Decida você mesmo se estamos ou não sob encantamento e se trazemos em nosso coração esse incomparável diretor, que, aliás, bem o merece! O Sr. Glaziou é bretão. Ele veio se estabelecer aqui há quinze anos. Depois de haver, durante muito tempo, explorado as províncias do sul com uma missão da Sociedade Botânica de Bordeaux, foi encarregado de transformar o Jardim Público e investido do posto que ocupa até hoje. É um botânico de grande mérito, conhece a fundo o país – e sua flora melhor do que ninguém. Ele nos será muito útil e já se ofereceu para nos acompanhar em nossas excursões e a nos prestar todos os serviços possíveis. É um homem de uma energia excepcional, um caráter superior.

16. N.E. O zoólogo e geólogo suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873) foi um dos principais defensores do criacionismo no século XIX. Em 1865, Agassiz veio para o Brasil acompanhado pela sua esposa Elisabeth e comandando a Expedição Thayer, que saiu de Nova Iorque e passou pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Nordeste do Brasil e Amazônia. E o casal Agassiz publicou, em 1868, *A journey in Brazil*, com o relato da viagem, mas dirigido ao grande público.

Suas laboriosas expedições inspiram aos sábios do país um espanto ingênuo, uma espécie de estupor, mas não a menor vontade de imitá-las.[17]

Van Volxem e eu fomos ver o museu: é mal distribuído e pouco completo, salvo talvez quanto à mineralogia, que está bastante bem representada, ao que parece. O diretor atual, no cargo há pouco tempo, eu acho, é um jovem botânico. Sr. Ladislau Netto, conhecido na Europa por seus trabalhos sobre a estrutura das lianas e pela viagem que fez com o Sr. Liais[18] através das margens do rio São Francisco. Mas parece que ele é mal assistido.[19]

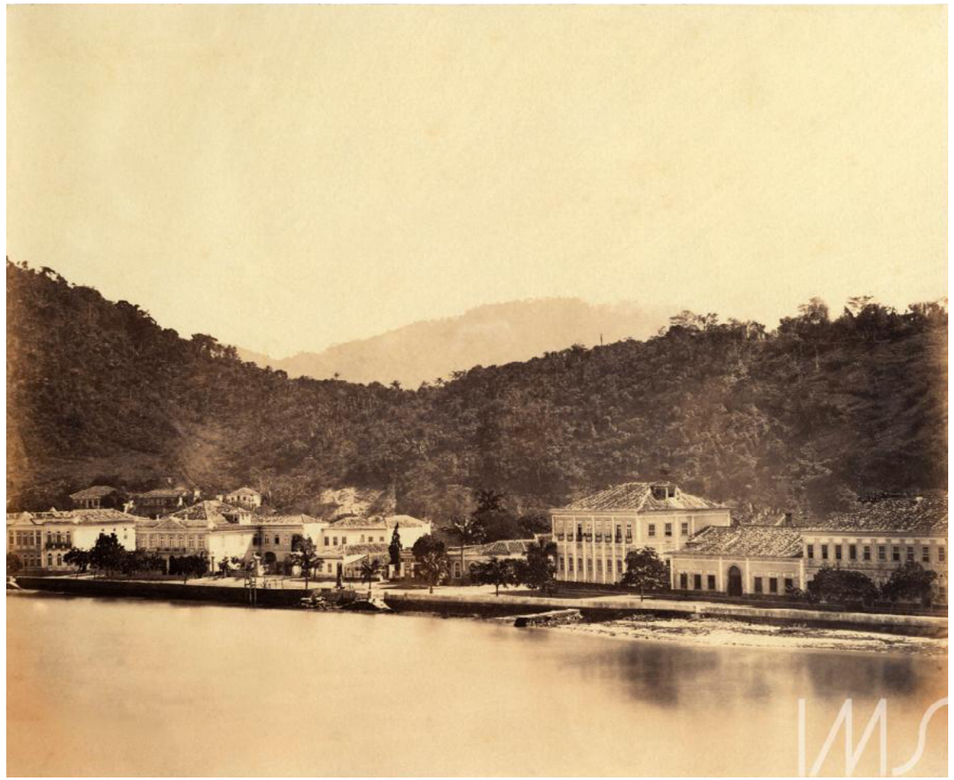
...Quase todas as pessoas, de certa posição, falam o francês, frequentemente com uma admirável pureza. Isso não nos força, infelizmente, a aprender o português. É verdade que a rapidez da elocução e a singularidade da pronúncia, especialmente a brevidade das vogais terminais, que chega quase ao mutismo, me impedem de compreender a língua falada. Na verdade, eu me faço compreender melhor do que os compreendo.

...A imprensa ocupa no Brasil uma posição considerável, tanto por seu desenvolvimento quanto por sua influência. Ela desfruta da mais ilimitada liberdade, sem que ninguém se queixe, e sabe praticá-la dignamente. Seus abusos, se os há, são corrigidos pelo único método eficaz e legal, a própria liberdade. Os jornais abrem largamente suas colunas a todas as comunicações que lhes são endereçadas, e estas são inumeráveis: pode-se dizer que é o próprio público quem escreve uma grande parte do jornal. A opinião pública é envolvida dessa forma com os menores incidentes, e ouve os prós e os contras. Todas as questões que, de perto ou de longe, podem interessá-la, gerais, locais ou privadas, mesmo

17. N.E. Auguste François Marie Glaziou (1833-1906) formou-se em engenharia civil e estudou botânica no Museu de História Natural de Paris, aprofundando seus conhecimentos em agricultura e horticultura. Em 1858, veio para o Rio de Janeiro, acumulando durante longo tempo os cargos de Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e Inspetor dos Jardins Municipais, os seus mais conhecidos jardins na Corte são o Passeio Público, o Campo de Santana e a Quinta da Boa Vista. Glaziou é também um nome de destaque da ciência botânica em nosso país por coletar e catalogar milhares de espécies da flora brasileira e por introduzir e valorizar as espécies nativas em seus projetos.

18. N.E. Trata-se do astrônomo e botânico francês Emmanuel Liais (1826-1900), que veio para o Brasil observar o eclipse solar de 7 de setembro de 1858, permanecendo no país durante vinte e cinco anos. Realizou várias expedições científicas a pedido do Imperador, escrevendo a partir delas a obra *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil* (Paris: Garnier Frères, 1872).

19. N.E. O diretor-adjunto do Museu Nacional, o botânico brasileiro Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) só foi efetivado no cargo em 1876 e se tornou, com o apoio do Imperador, o cientista mais influente de sua época. Em 1876, fundou a revista do Museu – ainda hoje publicada – e contratou, suprindo a falta mencionada pelo barão de Sélys-Longchamps, vários cientistas estrangeiros, incluindo Fritz Müller, Emílio Augusto Goeldi, Hermann von Ihering, Wilhelm Schwacke, Orville Derby, entre outros. Mas há que se mencionar que o Museu, infelizmente, perdeu grande parte de seu acervo, de imenso valor científico e cultural, no incêndio de 2 de setembro de 2018.



Praia de Botafogo, Rio de Janeiro

as mais ínfimas, são trazidas à sua pauta e examinadas à luz do dia para livre discussão. No Rio há grande número de jornais, diferentes no formato, no tom e mesmo no partido, como é de se esperar, e o mesmo acontece em todas as cidades de alguma importância.

Na província, a maior parte das pequenas cidades tem também pelo menos um jornal. Mas, quaisquer que sejam suas divergências, conservadores, liberais ou republicanos, todos me parecem se entender sobre um ponto, a aversão ao ultramontanismo.[20] Os mais moderados comem o jesuíta com qualquer tempero e com uma voracidade pelo menos igual à dos nossos jornais liberais; mas, em geral – sob a influência da polidez meridional – com melhores maneiras. Formas nobres ou ironicamente adoçadas revestem quase sempre a virulência do conteúdo. No entanto, sob as cinzas e sob o véu, sente-se a chama queimar e a farpa ferir. Se há jornais clericais, é de se crer que são bem raros, bem discretos, e bem pouco divulgados, pois nenhum ainda me caiu sob os olhos, nem mesmo de nome. Verdade seja dita, eu não pude dedicar a cada dia, em meio a nossa vida de atividade completamente física, nada além de bem poucos instantes, no mais das vezes à hora das refeições, à leitura dos jornais e, por conseguinte, só posso julgá-los, como de resto todas as coisas aqui, de uma maneira muito incompleta e muito sujeita à desconfiança. É uma pena, pois haveria muito a aprender sobre os costumes e sobre a situação política e social do país, tanto no corpo dos jornais quanto nos inumeráveis anúncios dos quais eles estão repletos. Os anúncios, com efeito, aqui tiveram um desenvolvimento do qual apenas, na Europa, os jornais ingleses podem nos dar uma ideia. A imprensa, já o disse, é o agente, o intermediário universal, e, tendo o *pufismo* ianque a ela se agregado, os próprios jornais já não são mais suficientes: todos os muros, até nos campos, estão cobertos de mensagens.

Entre os anúncios, devo destacar alguns dos fatos que me impressionaram, como a frequência, nos avisos relativos aos escravos, de menções deste tipo: "À venda (ou aluguel) uma bonita mulata de ... anos (ou uma bela menina), que sabe etc"., etc. Notei também a

20. N.E. O ultramontanismo, enquanto doutrina e política católica que buscou reforçar a hierarquia eclesiástica e as prerrogativas do Papa em matérias de disciplina e fé, cresceu extraordinariamente na Europa no século XIX. No Brasil, o crescimento do movimento ultramontano coincide com a nomeação do lazarista Dom Antônio Ferreira Viçoso para o bispado de Mariana, Minas Gerais, em 1844, num processo de reforma que envolveu também outros bispos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro. Em linhas gerais, o ultramontanismo surgiu em reação às conquistas do mundo moderno, contra o protestantismo, a maçonaria e a tese da laicidade do Estado.

extrema abundância de sociedades de todos os tipos, de música, de diversão, de recreação, de beneficência, de poesia, de literatura etc. Estes últimos ramos florescem muito no Rio, as ruas são calçadas de poetas; todos os dias, há versos nos jornais. Não faltam nem mesmo autores dramáticos que traduzem as peças francesas e às vezes se esforçam para voar com as próprias asas. Há também algumas sociedades que aspiram a ser científicas e das quais o Imperador é o zeloso protetor, senão, em algumas delas, o membro mais assíduo e, certamente, não o menos instruído e nem o menos capaz. Mas seus trabalhos ainda não chegaram a lhes conquistar um lugar muito elevado na república da ciência. Enfim, eu percebi o importante papel que aqui a franco-maçonaria desempenha pública, aberta e quase ruidosamente, e a quantidade de avisos, de anúncios, de convocações que suas diferentes lojas e suas numerosas subdivisões fazem publicar nos jornais a título oficial ou oficioso, e por vezes a título particular. Às vezes há alguns bem estranhos a nossos olhos europeus e a meu espírito lógico, como este, por exemplo, que se renova a toda hora: "Os membros de (um nome de sociedade maçônica) estão convidados a estar em tal dia, a tal hora, na igreja de..., para assistir à missa que a associação lá fará celebrar em memória do saudoso irmão X, falecido...".

E as bulas do papa? E a excomunhão? O que fazem delas os padres e os maçons? Ó mistérios do espírito humano! É verdade que entre nós os liberais alardeiam bastante a pretensão de continuar católicos renegando a infalibilidade! Aqui, ainda não faz muito tempo, encontravam-se vários padres franco-maçons e deve restar a alguns, mesmo agora, se entendi bem, numa simples observação, a polêmica ferrenha que todos os jornais dirigem neste momento contra certos bispos que se permitiram lembrar a suas ovelhas as decisões da Igreja romana. A franco-maçonaria, de resto, aqui reina e governa incontestavelmente.[21] Não sei sobre que pontos recai a dissensão entre o partido conservador e o partido dito liberal. Sempre se diz que foi o partido conservador que votou a abolição progressiva da escravidão, e que seu chefe, o visconde do Rio Branco, atualmente presidente do conselho dos ministros, foi recentemente o grande mestre incontestável da franco-maçonaria. Nas eleições que acabaram de acontecer para a renovação de seu mandato, ele fracassou não sei

21. N.E. A maçonaria foi uma das principais instituições brasileiras no século XIX e como aponta o barão de Sélys-Longchamps manteve relações ambíguas com a fé católica, apesar de se contrapor frontalmente ao ultramontanismo, sobretudo a partir da Questão Religiosa, iniciada em 1872, quando o Bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, expulsou todos os maçons que de alguma forma estavam relacionados com as irmandades paroquias da cidade de Recife, sendo questionado pelo Governo Imperial, que se posicionou favoravelmente aos maçons, com as consequências que são mencionadas pelo autor na nota 23, a seguir.

por qual motivo.[22] Daí a cisão na ordem, e a criação de dois Grandes Orientes distintos, dos quais, um continua a reconhecê-lo como chefe, enquanto o outro aderiu a seu sucessor.[23]

Sexta-feira, 16.

Ontem, dedicamos a jornada a uma excursão à baía do Rio. Van Beneden havia definido como objetivo a ilha de Paquetá, situada mais ou menos em seu centro e onde se fabricam a cal e a argamassa necessárias ao consumo local, entre os restos de conchas retiradas do fundo do mar. Ele esperava lá encontrar também animais inferiores, trazidos à superfície pelas dragas; mas vimos apenas, em meio aos fragmentos de conchas, areia pura. Ao longo do caminho, encontramos uma enorme quantidade de golfinhos (*botos)*, muito familiares, com os quais meus companheiros perderam algumas balas. Fomos mais felizes com os pássaros marítimos, dos quais matamos um bom número. De minha parte, abati dezessete andorinhas do mar e gaivotas, dois alcatrazes, um atobá e uma fragata. A cada vítima, ouviam-se da parte de nossos remadores negros explosões de riso sem fim e gritos de alegria. No porto não se pode matar nenhum desses pássaros, pois lá eles cumprem a mesma função que os urubus em terra firme. Van Beneden planeja preparar os esqueletos, e se houver lugar, algumas peles. À noite, quando voltamos, as ruas estavam entupidas de gente a ponto de os *bonds* mal poderem avançar. O que punha toda a população em movimento dessa forma era a festa de "Nossa Senhora da Glória", em cuja ocasião se devem soltar fogos de artifício – aqui os petardos fazem parte das menores comemorações – na presença do Imperador e do Bispo. Nós nem ao menos vimos todo mundo trabalhar

22. N.E. O visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), após chefiar o governo por quatro anos, rrenunciou. Contribuiu, para isso, o próprio desgaste com a Questão Religiosa e a crise financeira internacional que também atingiu o Império.

23. N.A. Desde que deixei o Brasil, a luta contra o ultramontanismo só sé agravou. Em Pernambuco, depois de ter levado a rebelião para as ruas, ela degenerou em uma guerra aberta do governo contra o bispo. Este último, por ter usado de seu poder espiritual, por ter cumprido seu dever de padre católico, foi retido em seu palácio episcopal e conduzido ao Rio para ser julgado. Ele se expôs até mesmo a uma condenação a vários anos de trabalhos forçados. Desde então fatos análogos se produziram na diocese do Pará. É possível que a Constituição brasileira, que proclama o catolicismo como religião do Estado e que fecha aos não católicos a Assembleia Nacional, tenha querido compensar os privilégios exorbitantes que ela conferia à Igreja armando contra ela o poder central de direitos não menos exorbitantes. Seja o que for, no Brasil como em toda parte, devo declará-lo, sob o risco de descontentar muitos de meus amigos, eu só vejo, numa situação como essa, apenas um remédio legítimo e eficaz: a separação radical entre a religião e o Estado, e, como consequência, a completa liberdade de todas as Igrejas no domínio do pensamento, o que implica o direito de proferir penas espirituais sem que o Estado venha intervir.

Dom Pedro II, Imperador do Brasil

na baía, como de costume, durante o dia; este é um fato que nos impressionou desde o primeiro domingo após nossa chegada. Ao lado disso, vê-se uma multidão de gente saudando as igrejas ao passar por elas.

Segunda-feira, 30 de setembro.

...Empregamos todo o mês de setembro em excursões nos arredores do Rio enquanto Van Beneden dragava a baía num pequeno vapor de sete cavalos de força, graciosamente posto a sua disposição pelo ministro da marinha. Visitamos especialmente as lagoas da costa ou procuramos em vão matar algum jacaré. Algumas dessas lagoas se parecem com baías, outras com rios cercados de mangues. Foi só ontem de manhã, explorando pela segunda vez a lagoa de Jacarepaguá, que acabamos encontrando dois jacarés, um recém-saído do ovo e ainda empenhado em sobreviver e o outro de aproximadamente dois metros e meio, que um mulato havia matado na tocaia. Van Beneden comprou o animal por 10 mil-réis, mais 10 pelo transporte até em casa. Passamos o dia quase inteiro preparando o esqueleto e a pele da vítima. Nesta noite comemos um pedaço dele no jantar. Não é mau, sem muito gosto, com um ligeiro sabor almiscarado, segundo meus companheiros.

...Não se pode imaginar nada mais belo, mais imponente, mais grandioso do que as imensas rochas graníticas que, em todas as partes, seja no interior, seja na costa, seja no próprio seio do oceano, se elevam quase verticalmente em massas diversamente conformadas pelos agentes atmosféricos, com alturas variando em média de 500 a 1.000 metros, e que no mais das vezes culminam em picos nus de acesso difícil, ou impossível, contrastando com o rico verdor à sua volta. Sobre o flanco das montanhas, nas gargantas e leitos das torrentes, sobretudo em direção à Tijuca na maior parte das inúmeras ilhas da baía, encontram-se fantásticos amontoados de rochas soltas, paradas da maneira mais inesperada, suspensas em situações bizarras, ou empilhadas numa desordem pavorosa, normalmente arredondadas, e quase sempre sem ângulos, semelhantes a prodigiosos seixos rolados, às vezes grandes como casas. Aqui e ali, no entanto, um deles ainda permite ver suas antigas arestas. No meio de sua desordem, as bromeliáceas e as orquídeas exibem suas cores vivas, as bananeiras abrem suas largas folhas, as palmeiras dobram seu penacho na ponta de um longo mastro. É a paisagem mais atraente que se pode contemplar por aqui. Quando se navega, como nós fizemos voltando de Paquetá, em meio à grande quantidade

de ilhas e de ilhotas das quais a costa ocidental é margeada, tem-se sob os olhos a natureza dos trópicos em todo seu esplendor – eu acrescentaria em toda sua pureza –, no centro de um sítio escolhido entre os mais maravilhosos, tal como gostamos de figurá-la nos sonhos. A realidade, aqui, nada fica devendo às criações da mais viva imaginação. Mas nem sempre é assim, e sou forçado a confessar que em geral, se a paisagem me pareceu suplantar todas as descrições, em compensação, achei a vegetação muito aquém do que eu esperava. A bananeira é minha árvore favorita. Sem falar da excelência de sua fruta, acho que ela faz mais efeito do que as próprias palmeiras e que tem, além do mais, uma cor local. Mas não se encontram sempre à vista, e, muito frequentemente, em Botafogo ou em sua vizinhança, não fossem algumas palmeiras espalhadas aqui e ali nos bosques, ou alguns grandes bambus importados da Índia e tornados nativos, eu seria tentado a crer, a certa distância, se não soubesse aonde estou, que tenho diante de mim uma região da Europa. É bem verdade que mal acabamos de sair do inverno.

Não espere de mim que eu tente, depois de tantos outros, uma descrição das florestas virgens; apenas o desenho pode fazê-la com exatidão e, junto aos pomposos quadros feitos por tantos escritores, basta amplamente para dar, a quem quer que tenha um pouco de imaginação, uma ideia exata de todas aquelas que eu vi, e, no entanto, disseram – o príncipe de Neuwied, eu acho – que as florestas das imediações do Rio são as mais belas do Novo Mundo.[24]

No último sábado, passamos uma hora no baile do Cassino Fluminense – a primeira sociedade do Rio – para o qual nosso ministro nos conseguiu convites. Eu não quis perder essa oportunidade de ver e de observar. Nada digno de nota, de resto: um magnífico e grandioso local, relativamente pouca gente e quase nenhuma animação. Muitos homens e mulheres feios e idosos dançam. Poucas pessoas bonitas, sobretudo entre as *filhas da terra*. O Imperador circula sozinho entre os grupos como qualquer um, à paisana. Ele conversou por alguns instantes conosco... Sua mulher, sua filha e o conde d'Eu, marido desta última, se mantêm solenemente no fundo da sala, nos lugares que lhes foram preparados.

---

24. N.E. O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (1782-1867) viajou pelo Brasil entre 1815 e 1817, passando pelo Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, na companhia do botânico Friedrich Sellow e do ornitólogo Georg Wilhelm Freyriss. E o seu diário de viagem, com ricas gravuras e aquarelas, foi publicado na Alemanha em 1820 e em diversos outros países e línguas. MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1989.

Isso me leva a lhe dizer, já que dentro de alguns dias deixaremos o Rio para aqui só voltar de passagem, do pouco que sei da vida que aqui se leva, da vida pública, bem entendido, pois da vida íntima nada conheço, já que não frequentei nenhuma família. O Rio é essencialmente uma cidade de prazeres, como você já pode constatar em mais de um de seus traços. Não exatamente por causa da Corte, pois o Imperador só dispõe de um fundo bastante medíocre para um chefe de Estado monárquico – 800 contos de réis ou menos de 2.250.000 francos – e não possui nenhuma fortuna pessoal. Ademais, ele tem o bom senso, na medida em que isso depende dele, de não gastar, como seus confrades da Europa, seu dinheiro em festas ruinosas que só beneficiam as indústrias parasitas, e prefere, com razão, reservá-lo para usos mais louváveis. Ele se contenta em oferecer, na ocasião da festa do rei de Portugal, um grande jantar a seu embaixador, jantar para o qual convida todo o corpo diplomático, e que não envolve quase nenhum outro capricho ligeiramente importante além da arrumação de seu parque de São Cristóvão. Ao contrário de muitos outros, ele, há vários anos, até recusa obstinadamente todos os créditos que suas Câmaras e seus ministros querem lhe conceder para o conserto ou o embelezamento de seus palácios e a reforma de seu mobiliário. Naturalmente, sempre há pessoas dispostas a criticá-lo.

Aqui, de resto, parece-me que tem a sabedoria de se divertir entre si, no círculo da família e dos amigos íntimos, mais do que nas ocasiões numerosas e aborrecidas em que se desfila publicamente. No entanto, não faltam diversões públicas. Há muitos teatros de todos os gêneros. Nos primeiros tempos de nossa estada, visitamos dois deles, um português, o outro espanhol; mas o calor que neles reina apesar de todas as medidas tomadas para combatê-lo, e, sobretudo, nossa compreensão muito imperfeita da língua impediram-nos de retornar a eles. Achei mais agradável o *Cassino Franco-brasileiro*, café-concerto em voga, onde se tem a vantagem de poder ficar ao ar livre e assistir de vez em quando a cenas de costumes muitíssimo curiosas. A sociedade não é das mais seletas: muitos europeus de todos os tipos e toda espécie de jovens. Alguns brasileiros até nos diziam que um homem que se respeita não poderia ir lá; mas nem todos são da mesma opinião. No entanto, nenhum levaria sua família, pois é o ponto de encontro geral de todas as meretrizes mais requintadas, especialmente francesas, que têm aqui, incontestavelmente, neste terreno, seu posto mais alto. Várias são ligadas ao teatro. Elas chegam com estardalhaço, muitas vezes em seus mais extravagantes trajes de baile, varrendo o chão com as longas caudas de seus vestidos, olhando todo mundo de alto a baixo com ares de rainha, empurrando e injuriando as pessoas, enfim, não recuando nem mesmo, como na ocasião, diante de um

Vendedora de frutas, Rio de Janeiro

par de bofetadas ágil e vigorosamente aplicadas. Cenas desse tipo são mais do que comuns, e muitas vezes geram refregas gerais, quase motins.

Há sempre um destacamento completo da guarda municipal sob as ordens de um subtenente, pronto para intervir ao primeiro sinal. É que nada poderia dar uma ideia da paixão, e, poderíamos dizer, do furor desse público. Há cabalas[25] contra e a favor das atrizes, e a partir do momento em que uma delas aparece, instaura-se o tumulto; é tudo o que elas querem e, para acirrar os ânimos, de vez em quando fazem um escândalo; isso lhes cai bem e faz subir seu valor no mercado; mais de uma vez a rebelião invadiu a rua, e estas damas tiveram que escapar secretamente ou então sob a escolta da polícia, que fingia prendê-las para apaziguar a multidão, mas logo as soltava, pois estes funcionários não deixam de ser galantes. Acontece também de eles próprios tomarem partido. Assim, uma noite, me contaram que, furioso com o entusiasmo delirante com o qual a plateia acabara de receber uma atriz, o subdelegado da polícia se levantou bruscamente de seu camarote e se pôs a injuriar longa e violentamente o público. Na primeira vez que lá estive, apresentavam uma peça meio francesa, meio portuguesa; a atriz dançava, depois do cancã; e, em oposição a ele, alguns passos da terra que não poderiam ser mais lascivos e maliciosos, e que, começando por um balanço voluptuoso das ancas, terminavam com contrações bruscas, sacudidas, desenfreadas do torso. Falar da chama que, nesse espetáculo, se acendia em todos os olhos, a louca euforia que se apoderava da plateia, os murmúrios, as exclamações, os gritos, os sapateados, os berros, as vociferações, os rugidos, a febre bestial, enfim, que explodiam de todas as partes e faziam tremer o teatro, seria algo impossível...

25. N.E. Cabala, nos meios editoriais e teatrais, é a maquinação para forjar um sucesso ou um fracasso.

2. EXCURSÕES NA PROVÍNCIA DO RIO

I. O RIO PRETO E O PARAÍBA

Segunda-feira, 2 de setembro.

Van Volxem e eu deixamos o hotel às cinco horas da manhã para pegar o trem na estação da estrada de ferro Dom Pedro II.[26] O vagão de primeira classe no qual entramos e que pode comportar de 80 a 100 pessoas ficou quase cheio e pudemos constatar o mesmo na volta. Muitas senhoras, algumas muito elegantes, e várias belíssimas; mas estas não têm um tipo definido. Uma, de traje irrepreensível, que vem se sentar a nosso lado, possui as menores mãos que eu já vi em toda a minha vida, mas, em compensação, uma horrível verruga perto do nariz. Noto que ela lê *A República*, jornal bastante violento contra a ordem estabelecida, sem, entretanto, manifestar o menor horror.[27] Um pouco mais longe, uma jovem mulher passável – esta, bem brasileira – e um homem jovem desarrumado não param de se divertir juntos, aparentemente sem nenhuma preocupação com o público: é preciso crer que este, todavia, ainda os incomoda, pois, à aproximação de um dos intermináveis túneis dos quais toda esta linha está repleta,[28] o jovem apaga prontamente todas as lâmpadas vizinhas, para ficarem mais à vontade e rir, assim como todos os viajantes!

26. N.E. Neste ponto, vale fazer um breve histórico da Estrada de Ferro D. Pedro II-EFDP, cujos estatutos foram aprovados em 1855, assim como o seu trajeto, que deveria passar pelos municípios da Corte e de Iguaçu e, depois de transpor a serra do Mar, se dividir em dois ramais: um em direção ao povoado de Cachoeira, em São Paulo, e o outro ao Porto Novo do Cunha, nos limites entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. Traçado que foi alterado, com bifurcação passando a ser em Barra do Piraí, ponto atingido em 1864. Em 1865, a empresa foi transferida para o domínio do Estado e a ferrovia alcançou Entre Rios, atual Três Rios, em 1867. Com a construção desse trecho, o governo transferiu para a EFDP o tráfego de gêneros e produtos feito pela estrada União e Indústria. O trajeto da ferrovia também continuou crescendo, alcançando o Porto Novo do Cunha em 1871. No sentido São Paulo, os primeiros quilômetros começaram a ser inaugurados também em 1871, sendo as obras completadas até Cachoeira em 1875. Nesse mesmo ano foi inaugurado o trecho da ferrovia até Juiz de Fora, do ramal denominado Linha do Centro. A ferrovia alcançou Barbacena somente em 1880 e a capital da província de Minas, Ouro Preto, em 1888.

27. N.E. O jornal *A República*, propriedade do Clube Republicano, liderado pelo deputado Joaquim Saldanha Marinho e pelo jornalista Quintino Bocaiúva, apareceu no Rio de Janeiro em 03/12/1870, trazendo no seu primeiro número o famoso Manifesto que levou à criação de inúmeros jornais e clubes republicanos nas demais províncias do país. O jornal, que surgiu com três edições semanais, tornou-se diário em menos de um ano, com tiragem de dez mil exemplares, número excepcional para a época.

28. N.A. Há 17 entre Belém e Barra, dos quais um de 2.237,51 metros. Essas cifras, como várias outras, foram extraídas de [*L'Empire du*] *Brésil à l'Exposition de Vienne* [*em 1873*]. Rio de Janeiro: Laemmert, 1873.

Ninguém parece escandalizado, e o guarda, ao vir reacender as luzes, graceja com eles. Este guarda conversa familiarmente com todos e toma assento no vagão, ora ao lado de um, ora ao lado de outro. Muitos homens trajam, por sobre seu terno europeu, uma espécie de poncho branco em tecido de algodão, para se proteger da poeira: a precaução não é inútil, pois nunca se a viu em tamanha quantidade. Quase todos têm aparência bem melhor que a daqueles que normalmente se encontram no Rio: vários dentre eles são muito bem feitos, e até mesmo grandes e aparentemente fortes. Alegres, vivos, falantes, de maneiras simpáticas, com jeito de se conhecerem quase todos, eles circulam de uma ponta à outra do vagão, trocando de companhia, rindo, fumando, discutindo...

Do Rio à Barra do Piraí (109 quilômetros noroeste), região muito pitoresca, muito arborizada; relativamente plana até quase perto de Belém (62,7 quilômetros), muitas vezes até pantanosa – as montanhas, no entanto, estão sempre à vista e por vezes chegam perto da estrada de ferro. Esta é extremamente acidentada, ao contrário do trecho de Belém à Barra (46,2 quilômetros), entre as quais a via atravessa a meia-encosta vales estreitos alongados e profundos, serras – especialmente a serra do Tinguá – abruptas e altas, mas que raramente apresentam massas descobertas como no litoral. A construção dessa linha custou somas enormes, prodígios de perseverança e da indústria. Infelizmente, todos os trabalhos de arte, túneis, pontes etc., só foram feitos para uma única via, e já se sente a necessidade de haver duas; está claro que isso não poderá demorar muito mais tempo, e que este é o preço do desenvolvimento do comércio. Tudo deverá então, por assim dizer, ser retomado do começo: quanto dinheiro perdido por uma economia mal desenvolvida! Essa estrada de ferro vai, hoje, do vale do Paraíba, de um lado, até Porto Novo do Cunha, a 151,7 quilômetros leste-nordeste da Barra; de outro, até perto de Resende.[29] O primeiro entroncamento deve lançar um ramal no interior da província de Minas, e este está destinado a alcançar, pelo grande vale do rio das Velhas e do rio São Francisco, os trechos que já partem da Bahia e de Pernambuco; mas, por mais habitada que possa parecer em nossos mapas reduzidos a região que será preciso atravessar para isso, sua maior parte é completa ou quase completamente deserta; também nos consideraríamos provisoriamente muito satisfeitos se pudéssemos apenas avançá-lo até a grande catarata superior do rio São Francisco; abaixo dela, este rio é facilmente navegável até a imensa queda de Paulo Afonso, a pouca distância – 264 quilômetros – de sua foz, o que permitiria nele estabelecer um serviço regular de barcos a vapor, para ligar as duas extremidades da linha.

29 . A Estrada de Ferro D. Pedro II só chegou ao município de Resende, no Rio de Janeiro, em 1873.

O outro entroncamento irá alcançar, ao longo do Paraíba, a via já explorada entre Santos e São Paulo, e mais adiante. Na Barra, onde há a bifurcação, entramos no vale do Paraíba, que seguimos, quase sem deixá-lo, até a Ponte Novo Desengano.[30] É, nesse trecho, um rio miserável, ora razoavelmente largo, ora muitíssimo estreito, sempre parecendo pouco profundo, e todo entrecortado de séries de rochedos graníticos gastos e alisados por cima pela ação, eu suponho, das águas, cuja superfície eles quase não ultrapassam. Em Desengano,[31] descemos para pegar uma pequena (25 quilômetros) linha especial (União Valenciana),[32] como há várias na província: ele deve nos levar a Valença. A única via, de uma estreiteza inusitada, serpenteia, descrevendo curvas extraordinárias no flanco das montanhas, que ela sobe numa ladeira bem rapidamente. O único vagão que constitui nosso trem é do tamanho de um ônibus americano e quase não vai mais rápido do que este, pelo menos na subida; ele apresenta a mesma disposição interior dos nossos trens urbanos da Bélgica, e rivaliza em conforto com nossos compartimentos de 3ª classe; nossa minúscula locomotiva arqueja como um cavalo asmático. Do nosso lado da divisória – 1ª classe por enquanto – somos cinco, incluindo o maquinista, que lê também a *República* e o passa a seus vizinhos. Aqui, região quase inteiramente cultivada; por toda parte plantações de café; lá e cá, somente alguns pedaços de bosques, e, em certos terrenos baixos, áreas pantanosas; e novamente eles desaparecem, à aproximação de Valença, cujos arredores são absolutamente nus e desolados. Não é preciso achar, de fato, que as plantações de café animam a paisagem. Nada daria delas uma ideia melhor do que uma plantação de arbustos esparsos, entre os quais se veria passar o solo avermelhado... e, quando não se vê em lugar nenhum, em torno de si, outro verde além deste, asseguro-lhe que não é bonito. Chegamos ao meio-dia; dois moleques logo se apossam de nossas malas e nos conduzem ao Hotel da Glória. Ele nos parece muito superior ao que esperávamos; dão-nos, no andar superior, um quarto com quatro camas para nós dois. Tentamos um pequeno passeio nas redondezas, mas não encontramos nada, nada, nada para coletar, e resolvemos partir de manhã logo cedo...

30 . N.E. A Ponte do Desengano, na Estrada de Ferro D. Pedro II, foi aberta em 1866, com 173 metros de extensão e encontra-se localizada, atualmente, no município de Valença.

31 . N.E. Estação de Desengano (antiga Juparanã) da EFDP.

32 . N.E. A Estrada de Ferro União Valenciana foi aberta em 1871, ligando a Estação de Desengano, da EFDP a Valença, passando pelas estações de Quirino, Esteves e Chacrinha.

Terça-feira, 3.

Não pudemos partir esta manhã. Havíamos esquecido de encomendar uma mula de carga e o homem que nos havia trazido dois animais de sela tentou inutilmente nos conseguir uma... Sentindo-me horrivelmente preguiçoso, eu estaria bastante disposto a me aplaudir por esse descanso forçado. Valença conta, dizem, com 5.000 habitantes; mas este número compreende todos aqueles da paróquia, e as paróquias (freguesias) aqui são muito extensas.[33] Ela se situa sobre o rio das Flores (que eu não vi), afluente do rio Preto. Sr. Léandre, o muleteiro, velho francês estabelecido no Brasil desde 1829 e bom conhecedor do país, nos disse que a cidade perdeu muito, perdeu tudo, desde a abertura da estrada de ferro, que leva todos os produtos, sem deixar que eles permaneçam. O próprio hotel onde estamos, o único apresentável, vai fechar de uma hora para outra, e só está aberto ainda em vista das eleições que acontecerão dentro de oito dias. O que é certo é que ele está vazio agora, ou quase, e não parece corresponder à importância atual da cidade, cujas ruas largas em abandono, cheias de capim e de silêncio, mas desprovidas de qualquer animação, e quase sem movimento, parecem adormecidas ou quase mortas... De manhã, alguns negros e negras chegam, num passo displicente, para encher seu pequeno tonel na fonte em frente ao hotel; depõem-no lentamente aguardando a sua vez, e neste meio tempo conversam e riem longamente, completamente à vontade; em seguida pegam-no de volta com indolência, deixam-no se encher calmamente, divertem-se ainda um pouquinho; depois tornam a carregá-lo sobre a cabeça com um esforço preguiçoso, param de novo para conversar e, como tudo neste mundo acaba, voltam finalmente – sem se apressar, demorando-se, como sempre, a caminho e, sobretudo, parando para falar – a suas respectivas casas... De vez em quando, algumas mulas passam golpeando o calçamento com o barulho de suas ferraduras. Mais raramente ainda, um pesado carro se arrasta penosamente no passo apático dos bois carregados, e rola lentamente suas rodas maciças, dentadas em função de subidas muito severas, e rodando, com um barulho musical e contínuo, sobre seus eixos nunca lubrificados – de propósito, dizem, porque o barulho faz os animais andarem... No degrau das portas, alguns negociantes de chinelos, pouco importunados pelos fregueses, fumam com quietude; por vezes eles se aventuram a dar alguns passos ao longo da calçada, vão ao encontro do vizinho, trocam com ele algumas palavras da boca para fora, depois voltam a seu balcão para logo recomeçar o mesmo manejo.

33 . N.A. Contam-se 1.473 para todo o Império. O número de vilas é de 433 e o de cidades, 209. Estas últimas possuem uma câmara municipal nomeada pelos eleitores primários.

Quando passamos, basta vermos algumas cabeças curiosas se inclinarem por um instante perto dos vidros, para que, quase imediatamente, se joguem para trás... Mas é preciso dizer tudo: há muitos meses a cidade está devastada por uma terrível epidemia de varíola. Há poucos dias, teve até mesmo uma peregrinação gigante para interromper o progresso do flagelo. Isso talvez tenha contribuído para dar a Valença esse aspecto morno. Eu vi então, pelos jornais, que a peregrinação não surtiu efeito, ainda que não tenha trazido um recrudescimento e uma nova extensão do mal. Um perfeito infiel, com seu simples bom senso, poderia prevê-lo; mas, por infelicidade, aqui como entre nós, se a verdadeira piedade, a fé viva e sempre respeitável que faz aceitar a religião em bloco, tanto seus rigores e seus deveres como suas doçuras e seus consolos, parece-me infinitamente rara e quase inencontrável, por outro lado, sua triste caricatura – essa crença obscura, confusa, incerta, sem virtude reformadora, que se repele nas horas de calma e de prosperidade, e à qual se volta nas horas de luta e de adversidade; que enerva o homem, impedindo-o de contar consigo e apenas consigo mesmo; que às vezes o perturba com terrores, o embrutece e o degrada por beatices pueris, sem lhe dar em troca o amor ao bem e o domínio sobre suas paixões – a baixa superstição, enfim, que a imensa maioria dos homens, infelizmente! toma por religião – me parece ainda fortemente difundida, por certo em demasia. Mas, na verdade, eu não sei se nossos campos, ao menos no país flamengo, não são, nesse aspecto, mais atrasados que o Brasil.

Nesse meio tempo, os rumores de nossa presença haviam-se propagado na cidade e, à tarde, para nos distrair, recebemos a visita de um doutor americano, Sr. F..., de Nova Orleans; velho confederado, suponho, e depois médico militar; primeiro no exército de Maximilien e, em seguida, no brasileiro, durante a guerra do Paraguai, hoje casado com uma viúva valenciana. Aqui há pessoas de todos os lugares: esta manhã, um velho marinheiro inglês nos pediu esmola; esta noite, o Sr. Léandre, que finalmente compreendeu nosso trabalho, nos fala de um belga que se encontra na miséria. Ao perceber que nós temos mulas, nosso ianque se apressa em nos dizer que lamenta infinitamente que não precisemos mais das suas, e como lhe dizíamos que não passaríamos de novo por aqui, ele acrescenta prontamente que nos convida a vir vê-lo, a jantar com ele e a dispor de sua casa, no caso de mudarmos de opinião.

Nosso hospedeiro é um *bon vivant*, um alegre compadre que dá tapinhas nas barrigas de seus clientes. Seu tipo é novo para mim, mas, desde que o conheci, reencontrei-o muitas vezes: barrigudo, tez branca coberta de espinhas; cabelos castanho-escuros e não

pretos, suíças idem, lábios bem sensuais, sorriso artificial, alguma coisa que faz pensar num porco; eu acrescentaria de bom grado: casquete na cabeça, pois o acaso faz com que todos os desse tipo, dos quais me lembro, trouxessem este tipo de chapéu, pouco comum por aqui: até onde vai a exatidão de uma descrição! Nosso homem fuma também cachimbo, coisa completamente insólita, pois, neste país, apenas os negros o utilizam. Ele não nos pedia nada além de conversar, mas ainda assim nós fomos mal-educados, sobretudo eu. "Vocês são ingleses? " ele logo perguntou. "Não.", "Americanos? ", "Não.", "Franceses, então? ", "Não." Lá embaixo, ele jogou a língua aos cachorros[34] e pareceu até mesmo acreditar, por um momento, que nós estávamos nos divertindo com ele. Foi preciso que eu lhe explicasse, mais ou menos, que éramos apenas belgas. Desde então, essa cena se repetiu mais de uma vez. Ele absolutamente insistiu em nos dar uma carta de recomendação para um de seus primos que tem uma fazenda a algumas léguas daqui, onde ele quer que nos hospedemos amanhã...

Quarta-feira, 4.

Às seis horas, estamos de pé. Logo encontro o Sr. Léandre, que chega com nossas duas mulas de sela, mas o almoço e o burro de carga com Seu José, seu proprietário, nos fizeram esperar muito e já eram oito horas quando partimos. Seu José, que deve cuidar dos animais, nos acompanha no lombo de um pangaré. É um velho grande e sólido, de cabeça já toda branca, pesado, lento, pouco falante, muito seguro de seus interesses. Nós pagamos ao Sr. Léandre, por dia, seis mil-réis e cinco a Seu José. De Valença a Santa Tereza,[35] a estrada atravessa, quase que sem interrupção, plantações de café. É apenas acidentalmente, e no topo das montanhas, que se veem surgir porções de floresta bastante densas. Depois de aproximadamente 45 minutos de viagem, paramos por alguns minutos numa venda para nos refrescarmos, tomando uma garrafa de ale [cerveja inglesa] autêntica. Os proprietários são italianos. Parece que há muitos deles no país e que exercem, sobretudo, a profissão de mascates e, segundo Sr. Léandre, são a praga, de resto universalmente desprezados e detestados. Além deles, não se corre o menor risco ao viajar e normalmente nem é

34. N.E. "Jogar a língua aos cachorros" é uma expressão em francês que significa não querer mais procurar a resposta a uma pergunta.

35. Santa Tereza, freguesia criada no município de Valença em 1855. Elevada à condição de cidade com a denominação de Santa Tereza, em 1929, e atual município de Rio das Flores, no estado do Rio de Janeiro.

preciso se armar. Tudo isso me foi depois confirmado por todos os lugares. Em todas essas províncias do Brasil, os crimes originados por cupidez são, por assim dizer, desconhecidos; o estrangeiro pacífico também nada tem a temer. As mortes e os assassinatos não deixam, contudo, de ser bastante frequentes, sobretudo nos lugares um pouco recolhidos; mas são quase sempre provocados por ódios e rivalidades pessoais apenas, especialmente por querelas sobre os limites das propriedades ou ainda pelo ciúme feroz dos maridos. Quando um rico brasileiro do interior quer se livrar de alguém que o incomoda, ele procura um matador e lhe paga para abatê-lo na curva de uma floresta. Afirma-se até que se, tomado de remorso, ele queira em seguida deter o braço de seu agente, este, por um singular escrúpulo de consciência, frequentemente se recusa a poupar a vítima, sob a alegação de que é tarde demais e que ele já recomendou sua alma a Deus. "Já encomendei sua alma", ele responderia. A justiça fecha os olhos por medo ou por outra razão qualquer. O júri é especialmente detestável.

Quanto ao ciúme, para dele me darem uma ideia, me contam muitas vezes a historieta que se segue. Uma mulher brasileira estava sozinha em casa. Chega um mascate italiano que pede pouso. A mulher lhe permite se deitar na estrebaria fora da casa e, quando o marido chega, ela o avisa, acrescentando por infelicidade: "Deus! Que lindos olhos ele tem, meu caro! Nunca vi iguais." O marido nada diz, mas, poucos instantes depois, sai, e volta rapidamente. "Tome!" Ele grita. "Você admirou tanto os olhos desse homem: eu quis dá-los a você! Aqui estão!". E joga em sua mulher apavorada os globos sangrando do infeliz que ele acabara de degolar covardemente durante o sono. Naturalmente, eu não garanto nada...

A partir de Santa Tereza, o caminho torna-se mais selvagem, atravessando uma floresta bastante bonita, rompida apenas, de tempos em tempos, por algumas explorações. Aproximadamente três horas e meia, depois, chegamos à fazenda. Infelizmente, o mestre estava na Corte – é assim que por toda parte chamam o Rio de Janeiro no interior – e a fazendeira nos fez entender isto de uma maneira que era, evidentemente, um claro convite a que procurássemos alojamento em outro lugar. Foi o que fizemos, para minha grande satisfação, eu confesso, porque seremos sempre mais livres pagando e, também, ao que parece para a de Seu José, que havia feito uma terrível careta quando percebeu que iríamos pedir hospedagem a um fazendeiro. Talvez tenham achado péssima a nossa aparência, pois não estávamos nada elegantes, nem um nem outro, principalmente eu que, neste

país onde se julga, ao que parece, um cavalheiro por suas botas, cometi a incongruência de não as colocar nestes últimos dias. Asseguraram-nos na fazenda que encontraríamos um *rancho* a menos de um quarto de légua de lá. Levamos bem uma hora e meia para chegar. É verdade que a légua equivale a mais de seis quilômetros e meio: é preciso saber também que há léguas grandes e léguas pequenas e que as primeiras são frequentemente o dobro das segundas; estas últimas, no entanto, estão longe quase sempre de merecer sua qualificação... Pensávamos em encontrar uma cabana miserável. Em lugar disso, encontramos um armazém muito bem montado para seu gênero e de excelente tamanho, muito bem cuidado por dois empregados.

Depois de uma troca de explicações com nosso *camarada* – é o título que usa Seu José – consentiram em nos albergar, condicionando-se à ratificação do patrão. Enquanto esperávamos, tomamos uma excelente Bass, na falta de cerveja nacional: é uma particularidade deste país o fato de onde quer que se vá, longe de qualquer centro habitado, encontrarmos armazéns como esse, verdadeiros bazares, muito melhor sortidos do que o conjunto de todas as lojas de algumas de nossas aldeolas e, nos quais, se pode encontrar tudo de que um brasileiro precisa: gêneros alimentícios, tecidos, quinquilharia etc... Como todas as casas em geral, eles são construídos em taipa e geralmente caiados; suas janelas são pequenas, mas envidraçadas; o chão é de terra batida, o teto de telhas; às vezes uma varanda circunda a construção. A frente da loja normalmente fica toda aberta, e o teto é sustentado apenas por simples pilar de madeira. Dentro, os objetos são dispostos sobre prateleiras, pendurados no teto, ou presos na parede; o balcão, uma ou duas cadeiras no máximo, constituem todo o mobiliário; deve-se, portanto, ficar em pé e segurar o copo na mão ou colocá-lo sobre o balcão; mas, neste caso, como seu número é comumente restrito – há vendas afastadas onde há apenas um – acontece muito de o vendedor disfarçadamente tomá-lo da mão de um freguês para servir um vizinho que pacientemente espera sua vez.

Finalmente o jantar chegou: arroz, feijão,[36] carne seca, peixe seco. O patrão só chegou ao fim da refeição. É um homem jovem bem apessoado, muito elegante, muito gentil, esbelto, de belas proporções e de porte, de mente fina, inteligente e viva, conhecedor de algumas palavras do francês, admirador de Paul de Kock[37] e grande caçador – há 14 cachorros grandes na casa, enfim, um verdadeiro *gentleman*, e que aparenta abastança e

36. N.A. Feijão preto. O prato nacional por excelência, uma das bases da alimentação.

37. N.E. Charles Paul de Kock (1793-1871), romancista francês, muito popular no século XIX.

boa posição, ainda que ocupe aqui um pequeno quarto numa casa pequena, e seja, em suma, um simples varejista. Depois de havermos conversado por algum tempo, nem bem nem mal – Van Volxem se sai bastante bem na verdade – fomos nos deitar, eu na cama – muito boa, sem dúvida, pois tem um acolchoado – e Volxem, por sua própria escolha, num outro acolchoado estendido no chão...

Quinta-feira, 5.

Nosso hospedeiro, ao saber que mataríamos com prazer uma capivara, propôe-nos uma partida de caça e nós aceitamos; mas os cachorros só cercaram uma paca, e mesmo assim sem que tenhamos podido vê-la. Nesse momento, nosso anfitrião abate, com um único tiro, em pleno voo, dois periquitos, com um fuzil velho e ruim, calibre 24. É um calibre muito largo para os caçadores daqui; todos se confundem com o peso e a dimensão de nossos calibres 16. Quanto a nós, recuperamos a diferença pegando alguns insetos, e nosso anfitrião e seu mateiro, sempre rindo um pouco, nos ajudam o melhor possível. Pela primeira vez, somos obrigados a abrir uma picada na mata a golpes de facão. Não é nada cômodo, principalmente quando se está equipado ao mesmo tempo como caçador e como entomologista; de fato, estas duas qualidades são decididamente incompatíveis, neste país, para apenas um homem: é preciso optar...

Sexta-feira, 6.

...Não conseguimos partir antes das 10:15. A conta é bastante salgada: 43 mil-réis e alguma coisa; inclui 15 mil-réis de cerveja, a 1.500 réis a garrafa. E eu que temia que nosso hospedeiro colocasse dificuldades para aceitar o pagamento. Ó ingenuidade!

Pegamos um caminho transversal, bem menos pitoresco do que a estrada ao longo da qual havíamos iniciado um reconhecimento ontem à tarde. Lá tínhamos visto, num espaço de menos de meia légua, duas belíssimas cascatas, uma linda floresta e a magnífica fazenda da viscondessa do Rio Preto.[38] Por aqui, percorremos durante duas horas, quase

38. N.E. A fazenda Flores do Paraíso, construída entre 1842 e 1853 pelo visconde de Rio Preto, Domingos Custódio Guimarães (1802-1868), foi um dos mais importantes estabelecimentos de café do país e ficou conhecida como "a joia de Valença".

sem descontinuidade, monótonas plantações de café,[39] às vezes atravessando uma fazenda. Essas são normalmente compostas de uma casa, mais ou menos grande, mais ou menos bela, às vezes provida de um andar para os senhores, no fundo; e, dos lados, duas grandes fileiras de alojamentos para os dependentes, circundando um grande pátio; na frente da maioria delas, encontram-se imensas plataformas, em terra batida sobre as quais se estendem os grãos para deixá-los secar ao ar livre.

Chegamos enfim ao rio Preto, que desde sua nascente até sua confluência com o Paraibuna, forma o limite entre as províncias de Minas e do Rio. É um belo rio, que apresenta um aspecto análogo ao do Paraíba, na Barra: um leito pouco profundo, obstruído por blocos enormes, entre os quais a água escorre como pode; aqui, ela cavou, em direção ao centro, um estreito canal pelo qual se precipita impetuosamente; nas margens, veem-se apenas pobres poças ou filetes secundários. Ele deve estar muito seco, pois nos disseram que nos últimos oito meses ou mais não caiu uma gota de chuva! Isso explica o aspecto desolado de Valença e de quase toda esta região...

Por volta das duas horas, chegamos a Teresilhas,[40] onde resolvemos passar a noite. A estrada que havíamos seguido ao longo do rio Preto é uma bela pista macadamizada, dependente da estrada da Cia. União e Indústria, que vai de Petrópolis a Juiz de Fora, na província de Minas. Ela nada fica a dever a nenhuma de nossas grandes estradas da Europa, mas parece pouco frequentada neste trecho.[41] Aqui o rio ainda ocupa todo o seu leito; bem que tivemos vontade de aproveitar para tomar um banho, mas os habitantes da região nos disseram que essas águas dão febre e, ainda que não totalmente convencidos, abstivemo-nos por prudência.

39. N.A. A cultura do café, no Brasil, ainda não remonta a mais de um século. Em 1871-1872, exportaram-se 243.584.360 quilos e avalia-se o consumo nativo em aproximadamente 30.000.000 quilos. A produção aumentou 228% de 30 anos para cá. Há no Império algo em torno de 530 milhões de cafeeiros ocupando aproximadamente 575.000 hectares. As províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo são os principais centros de produção. O café do Brasil não merece mais sua má reputação e na Europa escoa-se boa parte dele sob os nomes mais estimados, Java e até mesmo Moca; mas seu mercado está nos Estados Unidos. Afirmo de boa fonte: lá ele recebeu a medalha de ouro na exposição de 1867.

40. N.E. Trata-se, na verdade, do povoado de Três Ilhas e não Teresilhas, como escreveu equivocadamente o autor, influenciado, talvez, pela pronúncia emendada das duas palavras. As próximas referências feitas por ele a esse lugar foram corrigidas.

41. N.E. A construção deste ramal ligando a Estação Paraibuna, a terceira da Estrada União e Indústria, a Ponte das Flores, passando por Três Ilhas, foi realizada pela Cia. União e Indústria com a subscrição dos fazendeiros da região, em 1866. Ao invés de se dirigirem ao Rio de Janeiro por Valença, os produtos passaram a ser transportados por esse ramal até Paraibuna e de lá a Estação de Entre Rios da Estrada de Ferro D. Pedro II. A Companhia assegurou aos subscritores o transporte do café ao longo do rio Preto acima pelo mesmo preço pago da Estação Paraibuna a Corte. RELATÓRIO apresentado a Assembleia Geral dos Acionistas da Companhia União Indústria. Rio de Janeiro: Tip. do Correio Mercantil, 1866, p. 35-37.

Três Ilhas é um lugarejo de sete ou oito casas, uma na margem direita, as outras na margem esquerda, e por consequência na província de Minas, a três léguas rio Paraibuna acima.[42] Uma ponte paga, de madeira, esburacada em diversos pontos, liga as duas margens. Passamos por ela para chegar à *casa de negócio* que nos indicaram. Ela é muito maior que a última. O proprietário, um português, é ainda um *monsieur*, mas pelo menos tem a aparência de sua condição. Ele fala menos que nossos outros hospedeiros, mas, no entanto, se sente obrigado a nos acompanhar até a casa vizinha, onde nos levou para jantar e nos alojar, e ficar o tempo inteiro da refeição a nos olhar comer, apesar de se queixar a toda hora do calor insuportável que fazia no cômodo e que nós absolutamente não sentíamos. Comparado aos precedentes, nosso jantar é um festim de Lúculo: arroz, pão, ovos estrelados, carne fresca de porco, e nada de feijões! Contudo, como hábil negociante e como legítimo português, fez-nos pagar três vezes seu valor por uma cerveja nacional vendida como inglesa.

À noite, toca-se piano; em todos os lugares há um por aqui, às vezes um pouco desafinado, mas não importa! O amor à música me parece certamente um dos traços do caráter brasileiro. Diante da venda, dois senhores do lugar jogam o *vinte*, espécie de jogo de concas, com dois de seus negros. Há aqui um simpático macaquinho, de uma gentileza e doçura extraordinárias. Nós o tomamos por macho até que um dos negros, rindo de nosso equívoco, nos mostrou nosso erro: havíamos sido enganados pelo extremo desenvolvimento do clitóris.

Sábado, 7.

Partida às 8:45. Passamos por várias fazendas bastante dignas de nota. Perto do Paraibuna, a região torna-se mais selvagem e mais acidentada, mas está um pouco estragada pelas obras da estrada de ferro de Entre Rios a Juiz de Fora, em construção.[43] Com as obras, encontramos várias vendas, onde pelo menos toma-se cerveja nacional sob seu verdadeiro nome. Van Volxem encontrou tabaco de Wervik.[44] Esperávamos parar em

42. O distrito de Três Ilhas pertence atualmente ao município de Belmiro Braga, Minas Gerais.

43. N.E. Entre Rios, atual cidade de Três Rios, no Rio de Janeiro, foi primeiramente um dos pontos de parada das diligências da Companhia União e Industria, até a chegada da Estrada de Ferro D. Pedro II em 1867 e que, a partir dela, só alcançou Juiz de Fora em 1875.

44. N.E. Wervik é um município da Bélgica famoso por produzir um tipo de tabaco de alta qualidade.

Paraibuna e lá alugar, se possível, outras mulas; mas, como é ainda uma hora e o lugar, desolado, parece pouco favorável a nossas pesquisas, aceitamos a proposta de Seu José de nos levar até Entre Rios e de seguir hoje mesmo até a Serraria, a duas léguas e meia daqui. Paraibuna, que parece ter nascido ontem (não confundir com a cidade de mesmo nome situada ao norte, na província de Minas, e que aqui ainda chamam de Juiz de Fora), é construída sobre o rio de mesmo nome, um pouco abaixo de sua confluência com o rio Preto. É um dos principais pontos de apoio da diligência de Petrópolis a Juiz de Fora, e encerra grandes hangares para os cavalos, lojas de forragem etc. Tem talvez vinte casas, sem contar as cabanas de operários espalhadas ao longo das obras, e possui uma bela ponte da Cia. União e Indústria, um posto de soldados, um telégrafo – já em atividade ao longo da estrada – e finalmente uma igreja, pequena como todas as desta região, só se distinguindo de uma casa comum por sua pequena elevação e pela pequena cruz que a encima.[45]

A estrada de Paraibuna a Serraria[46] é muito mais bonita atravessando, por assim dizer, sem interrupção, uma floresta quase virgem; infelizmente as árvores, ou uma espessa cortina de bambu, de 10 metros de altura, nos escondem quase constantemente o rio que não paramos de seguir...

Na Serraria, conseguimos nos alojar confortavelmente numa casa de negócio, ainda melhor que as precedentes. Jantar passável, digno de nota pela presença de batatas. Seu José, que janta conosco, como em Três Ilhas, não se constrange nem um pouco, como eu já havia percebido: serve-se antes de todos quando não se apressam em lhe passar o prato, e toma cerveja quando esta não lhe é oferecida.[47]

As casas aqui são pouco numerosas e ainda mais dispersas do que o comum; vi uma farmácia. Há igualmente um ponto de apoio e um posto telegráfico instalados em prédios em forma de chalés, como em Paraibuna. Vê-se que estão acostumados com os

45. N.E. A 8ª "Estação de Muda" de cavalos da Estrada União e Indústria em Paraibuna foi construída pela Companhia em 1860 e localiza-se, atualmente, no município de Comendador Levy Gasparian, no Rio de Janeiro e abriga o Museu Rodoviário de Paraibuna, com um acervo de objetos que narra a trajetória dos primeiros caminhos e estradas, assim como dos transportes e meios de locomoção terrestres no país.

46. N.E. O povoado de Serraria, localizado, atualmente, no município de Santana do Deserto, Minas Gerais, além de ponto de parada da Estrada União e Indústria, abrigou a primeira estação ferroviária construída em território mineiro, inaugurada em 1874.

47. N.A. Do ponto de vista brasileiro, éramos nós, como depois vim a saber, que faltávamos com a educação em relação a ele, ao não lhe oferecer cerveja...

estrangeiros e indiferentes em relação a eles: não se ocupam absolutamente de nós e só precisamos falar com o moleque que nos serve. A casa, aliás, é maior e mais bem montada do que as outras; os donos têm um grande salão para seu uso especial, muito apresentável pelo que pude avaliar de longe, com um pequeno jardim na frente das janelas; o piano, no qual tocam alternadamente homens e mulheres, inclusive as crianças de pouca idade que aprendem suas escalas, é perfeitamente adequado e, segundo Volxem, nele são muito bem tocadas as mais difíceis peças. Agora compreendemos a pressa de Seu José de chegar até aqui: seu filho está casado e estabelecido a menos de uma légua.

Domingo, 8.

O filho de Seu José chegou a cavalo para vê-lo; tem um ar muito agradável e está vestido como um cavalheiro, bem melhor do que eu, certamente. Sobre o cavalo, notemos que, já por duas vezes, cavaleiros nos pediram esmola: um negro, que nos estendeu o chapéu entre Valença e Santa Tereza, e que agora que reflito sobre o assunto, penso que talvez fosse um pobre diabo escravo esmolando para comprar sua alforria; o outro, um mulato de boa aparência, trazendo ferros na sela e que nos apresentou uma lista de adesão em Três Ilhas, da qual nada compreendemos. E que, à resposta de Van Volxem de que nada poderíamos fazer por ele, saudou-nos com um ar jovial e apertando-nos cordialmente a mão. Esse, no entanto, foi menos original do que o que vi no Rio de Janeiro, onde um mendigo se anunciava no *Jornal do Comércio*,[48] em estilo evangélico e patético, dando seu nome e endereço. Que isso seja dito sem intenção de censurar esse último sistema que pode ter lá suas qualidades. De resto, de uma maneira geral, os mendigos me parecem muito raros no Brasil – ou então muito discretos.

...Encontramos duas diligências que passaram por nós a galope, todas duas cheias de gente.[49] À passagem da primeira, uma maldita mula se assusta loucamente, dá uma volta dupla completa sobre si mesma e, apesar de todos os meus esforços, se precipita quase

48. N.E.O *Jornal do Comércio*, criado em 1821 no Rio de Janeiro, era um dos jornais de maior circulação no país, com uma tiragem de 15.000 exemplares, muito superior aos demais.

49. N.E. Observa-se que uma das diligências da União e Indústria, denominada Mazeppa, integra o acervo do Museu Rodoviário de Paraibuna, mencionado anteriormente. É a única remanescente e foi utilizada por D. Pedro II e sua família na viagem inaugural da Estrada.

sobre as rodas, que chega a tocar com as patas traseiras; meu fuzil cai para um lado, meu gibão de caça balança para o outro, minha vara de pesca para um terceiro, meu chapéu falta voar e eu perco um estribo. No entanto, permaneço na sela, enfio o chapéu, pego o fuzil e o gibão, apanho o estribo, e tudo está perfeito no melhor dos mundos... Prometo a mim mesmo que no futuro usarei esporas e vigiarei melhor minha montaria. Ela ainda queria recomeçar a mesma cena à passagem do segundo carro, mas, desta vez, estando advertido e tendo-a segurado antes, consegui mantê-la mais ou menos sob controle. Não importa, são péssimos animais em geral, que unem à sua teimosia tradicional uma preguiçosa marcha, desajeitada e indomável; além disso, um dorso estreito demais e uma estatura muito baixa para pernas normais. Gosto bem mais, sem dúvida, de um bom cavalo, mas este também não se encontra facilmente por aqui...

Pouco depois do meio-dia, chegamos a Entre Rios.[50] É um local bem novo, situado sobre o Paraíba, um pouco acima de sua confluência com o Paraibuna; contam-se apenas algumas casas além da estação e de um hotel ligado à administração da estrada de ferro, que serve simultaneamente de posto telegráfico. Pagamos Seu José; é um velho astuto que, além da alimentação, reclama para si e seu animal o pagamento dos dias de volta até Valença, mas declara ser o mesmo desnecessário para as mulas do Sr. Léandre. Esta manhã, sem cerimônia como sempre, ele comprou uma camisa por nossa conta. No entanto, ele reconheceu nosso direito. Agora ele esquece, como nós, de voltar a falar do assunto...

Segunda-feira, 9.

Só nos levantamos às 4:45 e tivemos tempo apenas de pular no trem, sem bilhetes. Um único vagão de 3ª classe. Às 7:50, hora militar, descemos em Porto Novo,[51] e pusemo-nos a explorar as redondezas, sobretudo um bosque, muito rico – principalmente em coleópteros – dos quais quiseram nos desviar sob o pretexto de que ele tinha muitos cachorros selvagens – *cachorros bravos* – perigosíssimos.[52] O aspecto do Paraíba a partir

50. N.E. Atual cidade de Três Rios no Rio de Janeiro.

51. N.E. A Estação de Porto Novo do Cunha da Estrada de Ferro D. Pedro II foi inaugurada em 1871, em Além Paraíba, Minas Gerais. Desta estação partiam duas estradas de rodagem para atender as fazendas da região e seu armazém, com cerca de sessenta metros de extensão atesta sua importância para o transporte do café.

52. N.A. Certamente o C. Brasiliensis, de Lund, era muito corajoso, mas não temível, que eu saiba...

de Entre Rios até aqui é praticamente igual ao rio mais acima. Ora ele corre borbulhando num canal estreito, que ocupa apenas um décimo de seu leito, este também, muitas vezes, bastante estreito, ora ele se expõe em toda sua largura, deixando entre suas ondas apenas longas linhas paralelas de recifes graníticos, ora, enfim, ele se expande em vastos lençóis quase tranquilos salpicados de ilhotas. De Entre Rios a Sarcoumbaia[53] se estendem florestas virgens quase ininterruptas; a partir de lá, voltamos a ver o café sempiterno e várias habitações. Porto Novo do Cunha parece bastante importante. Tem vários autointitulados hotéis, e no melhor deles jantamos muitíssimo bem por 1.500 réis cada um, ao invés de 2.000, o preço normalmente cobrado. Lá eu vi de longe uma ponte sobre o rio. Os carrapatos são tão numerosos que se tornam incômodos. Esta noite, ao fazer minha inspeção habitual, tirei 137 deles do meu corpo, apesar de já ter tirado muitos durante o dia. Sua mordida não é nada nos primeiros dias, mas, depois, é terrível...

II. ITAIPU E A SERRA DOS ÓRGÃOS

Botafogo, sexta-feira, 18 de outubro de 1872.

No sábado, cinco, partimos, às 4:30 da manhã, no barco de Niterói, para ir visitar a lagoa de Itaipu, vizinha da de Piratininga. Caminhamos por muito tempo na escuridão: depois de havermos feito a descida horrivelmente íngreme chamada da Viração,[54] chegamos à planície e erramos pela mata cerrada, bastante em dúvida sobre a nossa rota... Mas acabamos por chegar à fazenda do Sr. Raimundo da Cruz, onde o Sr. Netto[55] esperava que fôssemos alojados. Mas já eram 10:30 da noite; tudo estava fechado. Resumindo, recusaram-se a nos receber. O mesmo aconteceu na venda vizinha para onde nos mandaram. O mesmo, ainda, na pequena casa do subdelegado de polícia, que nos gritou de sua cama que já estava deitado. Infelizmente, o Sr. Netto havia esquecido no Rio a recomendação que o chefe de polícia lhe havia dado para seu subordinado... Cansados de lutar, deitamo-nos sobre cestos vazios na frente da venda: não ficamos tão mal assim, mas fazia frio demais

53. N.E. Trata-se de Sapucaia e não "Sarcoumbaia", como escreve o autor. A implantação da Estrada de Ferro Dom Pedro II com a construção da Estação de Sapucaia em 1871 impulsionou o desenvolvimento do arraial de Sapucaia, que se tornou município independente, localizado no estado do Rio de Janeiro, em 1875.

54. N.E. O morro da Viração, em Niterói, tem 270 metros de altitude.

55. Nessa excursão à serra dos Órgãos, a expedição belga contou com a presença de Ladislau Netto.

sem cobertores, apenas com nossa roupa de cotim. A maioria se acocorava em torno de uma fogueira de madeira verde, improvisada às pressas. Neste momento aparece o Sr. da Cruz, filho, que chegava em casa e, ao perceber o que estava se passando, pediu-nos desculpas pela conduta de seu velho pai, que no momento estava sozinho em casa e amedrontado, e nos fez aceitar a hospitalidade que podia nos oferecer, ou seja, algumas esteiras no chão ou em estrados de madeira. Aceitamos, após alguma hesitação, e, no dia seguinte pela manhã, o pai foi o primeiro a exprimir seu remorso e todos se mostraram amabilíssimos conosco. Parece que nos haviam tomado por sublevadores de escravos.[56] Em volta da fazenda estendem-se belas pradarias. Ela é uma das primeiras da região voltadas para a produção de laranjas; há uma fábrica de cachaça. Puseram à nossa disposição, para nos levar até a lagoa, um carro de seis bois, que anda bastante bem, com os bois seguindo a trote; porém não é nada suave. O condutor, de pé na base da direção, se mantém em equilíbrio com maravilhosa destreza; de tempos em tempos, sem nunca cambalear, ele vai até o meio da direção, para cutucar, com a ponta de sua longa vara, a primeira parelha de bois; um outro negro segue a pé, correndo. Terreno plano, entre cercas o tempo todo.

Em Itaipu, não encontramos nada de interessante para fazer.[57] Como passamos com nossas redes, Volxem e eu, diante de uma das casas do vilarejo, um velhinho, à paisana, nos chamou para nos mostrar algo. Eram três jiboias bastante bonitas, que ele pegara na montanha vizinha e que mantém em cativeiro há nove meses. De resto, não nos falou em vendê-las. Em sua sala estão espalhados alguns livros e instrumentos de marcenaria, na parede uma velha litografia francesa, bastante desgastada, representando José e a esposa de Potifar; a casa é cheia de crianças de todas as idades. Parece, entretanto, que nosso homem é o padre ou, como se diz aqui, o *vigário* do lugar, conforme nos falou Van Beneden, que, avisado por nós, voltou para comprar as três jiboias e a gaiola por 10 mil-réis. Segundo os negros, ele tem duas mulheres, apesar de Beneden, assim como nós, ter visto apenas uma. Ele reconhece como suas as crianças e, às observações que o Sr. Netto lhe fez, acreditando constrangê-lo, ele respondeu, contaram-nos, invocando o Evangelho: *Creseite et multiplicamini!* Este parece não ser, de forma alguma, um fato isolado no Brasil, assim como na América espanhola, e assim acontece em todo lugar, a partir do momento em que se sai do Rio, Bahia, Pernambuco, São Paulo, enfim, das grandes cidades vizinhas da costa. Todas as informações concordam sobre esse ponto...

56. N.E. A observação é sintomática do crescimento do abolicionismo no Brasil a partir da década de 1870.

57. N.E. Itaipu continua sendo distrito de Niterói, no Rio de Janeiro.

Serra dos Órgãos e suas florestas, Rio de Janeiro

Botafogo, sábado, 26 de outubro.

...Chegamos esta manhã de volta de nossa excursão a serra dos Órgãos. Ela aconteceu maravilhosamente bem. Na véspera da partida, pintaram-nos um tal quadro das dificuldades e dos perigos da empreitada, que chegaram a me preocupar e a me fazer perguntar, por um momento, se eu não faria melhor renunciando a ela; não que eu tema o perigo em si mesmo, mas a vertigem me apavora, sinto que nada posso contra ela, e sei que, quando ela acomete alguém, é o fim: ora, não conheço nada mais tolo do que arriscar a vida, por exibicionismo, sem ter ao menos o pretexto de um grande e nobre objetivo a atingir, e sempre achei que os turistas que perecem escalando o *Mont Blanc* e o *Mont Cervin* não merecem nada melhor. Nessa circunstância, parecia-me, no entanto, que, pessoalmente, eu não tinha motivos suficientes para legitimar uma séria imprudência: também me reservei, *in petto*,[58] o direito de me retirar no último momento, se chegasse a um lugar que eu julgasse por demais ameaçador; mas, felizmente, este caso não se apresentou, eu trouxe de volta todos os meus membros sem nenhum arranhão digno de nota, e só sofri por uma de minhas boas botas que se furou. Talvez eles tenham querido se assegurar, exagerando um pouco, que não éramos galinhas molhadas.[59] Para não omitir nada, no entanto, mais de uma vez tivemos que passar por pontos bastante escabrosos, onde um passo em falso, um tufo de capim um pouco solto, seriam suficientes para nos precipitar no abismo; mas tudo está bem quando termina bem, e essa caminhada certamente ficará entre minhas lembranças...

No último sábado, às 3:05, pegamos então, com Glaziou e seu fiel João, o pequeno barco a vapor que faz o trecho do Rio a Piedade, localidade insignificante por si mesma, situada ao fundo da baía a aproximadamente uma légua a oeste da barra de Macacu.[60] Esse barco, que para de passagem em Paquetá, é bastante sujo e navega muito mal. Ele é muito democrático, pois, assim como nos barcos de Niterói e, também, em todos os bondes, há apenas uma classe para todo mundo, escravos ou livres, pretos ou brancos. Os costumes aqui são, de resto, o que talvez a você possa parecer estranho, num Estado escravista, absolutamente isentos de altivez e de arrogância: o primeiro estivador que chegue tratará a maior personalidade de igual para igual, um ministro proseará familiarmente com um condutor de ônibus, e o rico fazendeiro apertará tranquilamente a mão do negro, do negro

58. N.E. Secretamente.

59. N.E. Expressão utilizada para designar os fracos e medrosos.

60. N.E. Porto da Piedade, localizado nos fundos da baía de Guanabara, no município de Magé.

liberto, bem entendido: e mais, eu não poderia afirmar que, conforme as circunstâncias, ele não agiria da mesma forma com um escravo. Ao lado disso, há, no entanto, uma grande subserviência aos poderosos, um amor desenfreado aos títulos, honras e distinções, a estima à riqueza, qualquer que seja sua fonte, o prestígio das aparências e das palavras; o gosto pelo brilho, pela pompa, em detrimento da realidade; a vaidade, a inveja, o orgulho... O mesmo homem que acaba de rir com seu escravo será mortalmente ofendido se for chamado de mulato, sobretudo se ele de fato o for.

São aproximadamente seis horas quando desembarcamos em Piedade. Como a diligência regular só parte amanhã de manhã, buscamos lugar num carro particular; ele não tem bagageiro e somos obrigados a levar no interior, além de nossos fuzis, ponchos, caixas, bolsas etc., nossas quatro malas, o que não deixou de ser muito incômodo. Ficamos encantados por podermos estender um pouco nossos músculos ao chegarmos a Magé, nossa primeira baldeação. É uma pequena aldeola, aqui considerada como uma cidade, muito decadente, ainda que à noite tenha inicialmente parecido muito animada... A chuva que cai desde a manhã esburacou os caminhos, sempre péssimos; nosso carro é feito, dizem, para outra função, e o chefe dos correios teme por suas molas. Entretanto, por volta da meia-noite, após várias paradas e sem nenhum acidente, até mesmo, sem muitos solavancos, chegamos finalmente a Barreira, nosso destino.[61] Lá existe um albergue, o qual pedimos que abrissem e onde encontramos uma pousada bem agradável. Barreira é uma belíssima localidade, situada sobre o rio Soberbo, afluente do Macacu, a oito léguas de Piedade, nos contrafortes da serra dos Órgãos, a aproximadamente 300 metros de altitude. Região já pitoresca, sobretudo a correnteza tormentosa, rochosa, espumante do rio caudaloso, desordenado, obstruído por blocos de pedra como todos os desta região, sendo que, aqui, ele apresenta duas ramificações, igualmente belas. Infelizmente, está um pouco estragado pela presença de algumas culturas. Há especialmente plantações de quina, ainda muito recentes, mas que já florescem às maravilhas e prometem muito.

Domingo, 20.

Depois de um almoço frugal, deixamos Barreira para chegar a Teresópolis a pé. A distância não chega a duas léguas, mas é preciso subir 700 metros. A estrada é, portanto,

61. N.E. Barreira, município de Guapimirim, Rio de Janeiro.

muito íngreme e muitas vezes muito ruim, e, com certeza, absolutamente impraticável para os carros, apesar de que ela seja, ou principalmente tenha a pretensão de ser, pavimentada em alguns trechos. O tempo está brumoso, até chuvoso, o que nos esconde a paisagem quase inteiramente, salvo a magnífica vegetação da floresta através da qual o caminho serpenteia fazendo curvas bruscas. Carregamos nossa bagagem num comboio de mulas que subia vazio, sob os cuidados de João... Em Teresópolis, fiquei bastante surpreso por ter encontrado apenas um vilarejo, de uma certa imponência, é verdade, onde eu esperava encontrar uma cidade, enganado por sua pomposa denominação. É de fato uma pena, pois a situação é excepcionalmente favorável, bela e salubre. A dificuldade de comunicação impede o desenvolvimento desse lugar. Para se ter uma ideia, digamos apenas que a cal, extraída da baía a 10 léguas de lá, custa em Teresópolis cinco vezes mais do que no Rio, em consequência das taxas de transporte. Instalamo-nos no Hotel Guilherme, pequeno, limpo, mas no momento completamente vazio e, por conseguinte, mal abastecido. Depois de comermos alguns ovos novamente, levamos o resto do dia fazendo um passeio ao longo da estrada, até as margens do Paquequer, afluente do Paraíba; onde peguei alguns odonatos – vulgo libélulas – apesar do tempo; Van Beneden pegou para si alguns exemplares de uma pequeníssima espécie de salmonídeo, que um velho, com uma vara, pescava na queda de uma cachoeira. No caminho, encontramos também e entabulamos conversação com o Dr. da Silva Rama, que passeava fumando em seu jardim, com um fez na cabeça, vestido em cotim branco. É um homem jovem muito agradável, parecendo bastante instruído, e, ao que tudo indica, que se dedica um pouco à ciência. Levou-nos até sua casa para nos mostrar vários objetos de curiosidade, entre outros um crânio de anta que deu de presente a Beneden; infelizmente, com os ossos nasais quebrados. Você talvez tenha ficado surpreso com a quantidade de doutores que já lhe citei. Estejam certos de que não são todos médicos! Este aqui, por exemplo, é doutor em direito; mas aqui, mais do que na Alemanha, cada um ambiciona ter o título de doutor em qualquer coisa, e uma vez o tendo obtido, mais ou menos legitimamente, usa-o sempre: estranhamente, isto aumenta seu prestigio aos olhos do vulgo, e quando se pronunciam com uma solenidade respeitosa as palavras Senhor Doutor, enche-se a boca. Num certo nível social, creio poder dizer que, fora do comércio, os não doutores são exceções. Esses bravos doutores são também muito ignorantes, como muitos de seus confrades da Europa, inclusive este seu criado. No entanto, devo observar, neste ponto, que a escola de medicina do Rio, que, dizem, tem sua própria doutrina, passa por excelente e parece ser realmente bem considerada, até mesmo na Europa. À noitinha,

o tempo volta a melhorar um pouco e nos faz entrever a possibilidade de tentar a escalada da qual havíamos começado a desistir, visto que ela seria estéril e quase impossível com a chuva. Beneden e Volxem sentem frio.

Segunda-feira, 21.

O dia se levanta com um tempo indefinido, mas sem chuva por enquanto: resolvemos partir. Somos acompanhados por um caçador da localidade, colecionador de orquídeas, muito inteligente, profundo conhecedor da floresta, mas muito falante e gozador; pequeno, mas bem feito de corpo, magro, nervoso; cabelos negros crespos, barba idem. Traja uma calça de lã remendada e um paletó velho, também em tecido de lã; sua camisa de algodão, que um dia foi branca, sobressai entre os dois; está com um pequeno chapéu redondo em feltro macio, mas no mais das vezes anda com a cabeça descoberta. Esse é o traje das pessoas comuns; mas, para a circunstância, ele vestiu sua pior roupa. É algo digno de nota que aqui, por toda parte, mesmo nas classes altas, o chapéu de feltro cinza ou negro seja infinitamente mais usado que o chapéu de palha. Seu Manduca, é o nome de nosso homem, é o companheiro de caça habitual de nosso ministro residente que vem todos os anos passar aqui a estação quente. Temos, além dele, dois negros: um, Seu Manoel, trazido por Manduca, o outro, Luís, excelente negro – este verdadeiramente negro, grande, forte, de expressão notavelmente suave, que muitas vezes já acompanhou Glaziou na serra e que lhe é emprestado por seu amigo, o coronel d'Escragnolle, dono de uma pequena fazenda na vizinhança, bem conhecido por sua tradicional cortesia para com todos os viajantes. Ia me esquecendo dum infeliz cachorro, Boca Negra, nada feio, muito gentil, mas jovem e inexperiente, o único que Manduca pôde nos arranjar em lugar da matilha de que precisávamos...

Eram pouco mais de seis horas quando nos colocamos a caminho. A subida até o pé do alto da Pedra Açu dura aproximadamente nove horas, interrompida apenas por cinco ou seis descansos de quatro a cinco minutos e uma parada de meia hora para almoço. Primeiro, atravessamos florestas magníficas – virgens, pode-se dizer, apesar de percorridas de longe em longe pelos caçadores de Teresópolis – e alguns belos rios, não muito largos, mas cascateantes, turbulentos, selvagens, cheios de blocos tortos de rocha, e por *picadas* apenas levemente traçadas, nas quais Seu Manduca nos precede, abrindo passagem a golpes

de facão. Entretanto, fiquei sabendo de então que uma das *picadas* pretende ser o caminho direto de Teresópolis a Petrópolis; esta, é verdade, está um pouco menos apagada do que as outras. A cada passo, se não olharmos constantemente para os próprios pés, corremos o risco de tropeçar num pedaço de rochedo ou num tronco caído, de cair numa vala ou de prender a perna num buraco; muitas vezes precisamos nos curvar, e até mesmo rastejar, para passar sob algum grande galho que barra o caminho; outras, quase somos trespassados pela ponta de um bambu recentemente cortado..., subimos, descemos; depois subimos novamente para novamente descermos ainda...

Minha carabina a tiracolo, minha rede na mão, a caixa nas costas, e até minha faca na cintura me estorvam consideravelmente e aumentam em pelo menos dois terços o cansaço e as dificuldades desta caminhada. Eu não tardo a tirar minha camisa... A subida logo se complica bastante; trocamos as montanhas baixas em direção aos picos elevados, às regiões assombradas para os homens e que apenas Glaziou e, por vezes, Manduca exploram; começamos a subir a pique, valendo-nos dos pés, das mãos, dos joelhos; a umidade constante que reina sob essas abóbadas quase impenetráveis aos raios do sol torna os galhos, cujos ramos e flores estão espalhados no solo, muito escorregadios, e a espessa camada de húmus que o recobre, extremamente friável; a subida torna-se então mais penosa: a carabina, que engancha em tudo, e a rede, que eu não quero rasgar, tornam-se cada vez mais incômodas; também estou, ainda que eu não tenha mais meu avental, coberto de suor e sem fôlego, como de resto e quase sempre me acontece durante as subidas um pouco íngremes, quando elas duram muito tempo; felizmente, encontramos a cada passo fontes de águas excelentes, geladas...

Por volta das 11 horas, atingimos um pico descoberto, onde o granito aflora, e de onde podemos enfim descortinar as florestas que acabamos de percorrer e lançar um olhar sobre a região que se estende a nossos pés. Já bem longe, em direção à esquerda (voltando-nos), bem baixo, bem baixo (a 600 metros) e separadas de nós por três ou quatro fileiras de montanhas, vemos as casas brancas de Teresópolis que se destacam sobre o verde escuro das árvores do entorno, à nossa direita, os picos inacessíveis do Frade, do Garrafão ou Dedo de Deus, entre outros, e a planície até quase Magé... Outros cumes, mais altos, e não menos escarpados, apesar de menos agudos, se erguem à nossa esquerda. Atrás de nós, mais alto ainda, aparecem os cimos que ainda nos resta transpor. Paramos um instante, tanto para olhar esse quadro quanto para descansar e beber um pouco d'água com o auxílio de uma

vara de bambu na cavidade das bromélias, pois, a partir deste ponto, as fontes se tornam raras... Ao fim de alguns instantes, continuamos nossa subida nas mesmas condições, mas o ar, já bem mais puro a essa altura, a torna, ao menos para mim, infinitamente mais agradável. Assim chegamos, por volta do meio-dia, ao leito de uma torrente, bastante larga, mas completamente seca. Lá paramos para almoçar e eu aproveito para pegar duas *aeschenes*[62] muito grandes... Retomamos a caminhada por volta das 12:30, e depois de havermos seguido algum tempo a torrente, finalmente atingimos a região dos altos cumes, onde não há mais qualquer vestígio humano, onde só se encontram as trilhas abertas pelas antas, cuja presença se acusa de longe em longe por grandes montes de esterco, e onde, para nos guiarmos, é preciso procurar cuidadosamente, em alguns galhos cortados há muito tempo, os vestígios, já quase apagados, das subidas anteriores de Glaziou.

A vegetação muda de aspecto: sem deixar de ser vigorosa, ela torna-se menos alta, e começamos a encontrar uma pequena espécie de bambu, característica destas altitudes, nas quais ela parece ocupar lugar semelhante ao de nossas giestas ou de nossos zimbros das Ardenas. A vegetação conserva, daqui em diante, a mesma natureza, salvo em alguns vales abrigados, no fundo dos quais a mata ainda pôde se desenvolver. O ar torna-se cada vez mais puro e eu me sinto renascer; meu blusão todo aberto, meu peito nu completamente exposto ao vento, respiro a plenos pulmões, não sinto mais nem cansaço, nem preguiça, estou pronto para andar até amanhã.

Por volta das três horas, saímos da floresta e entramos num pequeno campo, não exatamente pantanoso, mas no mínimo extremamente úmido, parecido com aqueles que ocupam, nesta altitude, o fundo de todas as depressões do solo, e coberto de uma horrível gramínea, cuja altura muitas vezes ultrapassa dois metros e cujos rizomas, rasteiros, formam na superfície troncos volumosos, nos quais tropeçamos a cada passo. Lá, Manduca, nosso guia, pegou com habilidade uma cobra que dormia tranquilamente. Atravessamos esse campo, subimos o próximo pico granítico, onde pegamos, sob as pedras, lagartos, sapos e alguns miriápodes; em seguida, descemos novamente pelo cerrado até uma espécie de caverna, no limite de um segundo campo; mas achamo-la muito pequena e muito úmida para nos alojar, e achamos melhor construir, de improviso, um rancho embaixo dela, encostado na rocha, com algumas varas, um pouco de ramagem e muito capim. Aqui

62. N.A. Um tipo de libélula grande.

estamos ao pé do pico da Pedra Açu (pedra grande), o ponto culminante da serra. O botânico Gardner[63] o visitara em 1841, mas ele havia levado muitos dias para chegar e com uma numerosa escolta, desde então, apenas Glaziou, com Luís, Seu João e Seu Manduca voltaram algumas vezes lá. Infelizmente, o tempo voltou a ficar chuvoso, muito nublado, com os trovões rugindo sobre nossas cabeças e a nossos pés; somos, portanto, forçados a adiar para amanhã nossa visita ao cimo (2.232 metros)...

Nosso rancho pronto, jantamos na escuridão e, depois, vestimos nossos ponchos e deitamo-nos como pudemos. Devem ser sete horas. A cama, completamente torta, não é nada cômoda, e o vento que sopra através dos galhos sobre minha cabeça descoberta contribui para me manter acordado, tanto mais que não estou nada cansado. Quanto a nossos homens, eles falam sem parar em volta do fogo, já quase apagado, na frente de nosso abrigo; se os outros pegam no sono por um instante, Manduca, bravamente, continua a falar sozinho, resmungando entre os dentes, como, de resto, não parou de fazer dentro da mata; ele parece pouco satisfeito e, durante toda a tarde, repetia a toda hora: Que caminho do diabo!, sacudindo a cabeça... Depois eu soube que o que o estava contrariando era o fato de ser associado a um escravo e tratado em pé de igualdade com este no pouso e, sobretudo, nas refeições. Por mais de uma vez, ele praticamente se absteve de comer. João então levantava os ombros com um ar de piedade. Algumas vezes houve entre Manoel, Luís e Manduca brigas que chegaram a momentos ameaçadores...

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, estamos de pé. O tempo clareou um pouco; aproveitamos para subir a Pedra Açu, subida curta e pouco difícil a partir do ponto onde estávamos acampados. Este cume descampado se compõe de duas colinas arredondadas, bastante largas, sobre as quais se pode andar em completa segurança, apesar de serem delimitadas em vários lados por um precipício a pique, de profundidade desconhecida. Lá o vento irrompe com fúria e a temperatura é de apenas 13º C.: estou como em casa, mais à vontade do que nunca desde minha partida da Europa. A vista é de um esplendor do qual não se pode fazer ideia e que desafia qualquer descrição... Por todos os lados, à nossa volta, o ermo; nenhum grito, não fosse o de dois martinetes perdidos que voam perto de nós e o coaxar doce e monótono de alguns sapos; não se vê nem mesmo uma ave de rapina; nada

63. N.E. George Gardner (1812-1849), médico e botânico britânico, esteve no Brasil entre os anos de 1836 e 1841, colecionando cerca de 60.000 plantas para museus da Inglaterra, tendo passado dois anos no Rio de Janeiro e arredores e viajado para Minas Gerais e outras províncias.

além de cumes lisos como o nosso, de um cinza vermelho, cercados de pequenos campos repletos de capim alto amarelado, misturado com pequenos bambus de um verde escuro; a nossos pés, como um mar de gelo sem fim, estende-se, a perder de vista, por sobre planícies, vales e montanhas, uma camada espessa de nuvens brancas e imóveis, que surgem isoladas, de longe em longe, parecendo ilhotas perdidas no oceano, por vezes azuladas: ao norte e nordeste, a cordilheira múltipla de Novo Friburgo; a oeste, bem mais perto, ao que parece, serras altas e escuras, sem dúvida para os lados de Petrópolis, talvez também as montanhas que separam o Paraíba do grande rio Preto; ao sul, percebem-se alguns traços dos picos da Tijuca, da Gávea, e até mesmo do ponto mais alto do Corcovado; todo o resto está encoberto... Quando o tempo está claro, descortina-se a região até uma distância de 25 léguas em várias direções.

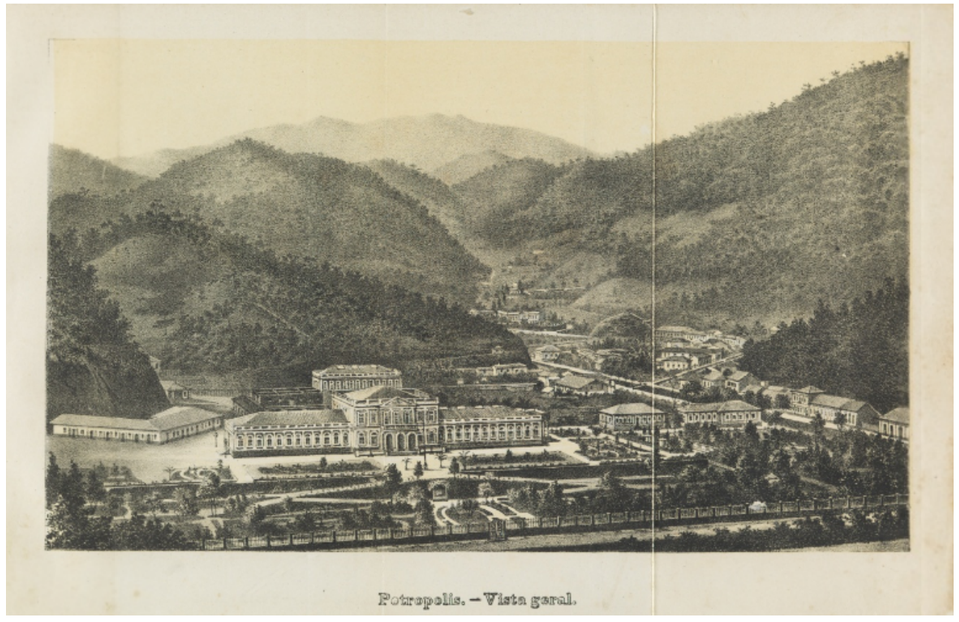
Fica fácil entender que extensão de vista se deve ter do alto da serra dos Órgãos, quando se pensa que ela atinge essa altitude de 2.200 metros num espaço de duas léguas! Será que há nos Alpes pontos que se elevam com essa rapidez sobre a região circundante?

Na Pedra Açu, pegamos novamente alguns sapos e lagartos, mais miriápodes, baratas, escorpiões e alguns coleópteros, lombrigas gigantescas, planárias terrestres... Por volta das nove horas, retomamos a caminhada para contornar a Pedra Açu, passagem que até hoje apenas Glaziou havia feito; nosso objetivo é chegar ao local mais favorável para caçar a anta. A trilha que seguimos, sobre os passos de Glaziou – pois agora é ele quem anda na frente – passa pelo flanco quase perpendicular – seu ângulo com o horizonte, acredito, não é de menos de 80° – da Pedra Açu; ela é extremamente trabalhosa, mas menos perigosa e até mesmo menos difícil do que podíamos imaginar, graças à vegetação bastante vigorosa que conseguiu brotar nas fendas e nos vãos da rocha e na camada de húmus lentamente acumulada na superfície, transformando assim em floresta a parede de uma verdadeira muralha. Somente em dois pontos a passagem poderia apresentar um perigo real: primeiro, logo no começo, num ponto onde é preciso atravessar um pedaço de rocha quase vertical, e onde, como apoio, só se dispõe de alguns tufos de mato, bastante mal presos e muito afastados uns dos outros; e, um pouco mais longe, no flanco da rocha, a pique tanto em cima quanto embaixo, e completamente nua, há apenas uma trilha de meio pé de largura, apoiada sobre uma estreita faixa de bromélias; felizmente estas são bastante firmes, pois apenas uma bastaria, ao se soltar, para pôr tudo a perder. Como, no entanto, os outros haviam transposto sem incidentes esse mau pedaço e eu, aliás, não sentia nenhum sinal

de vertigem e podia, consequentemente, me fiar na segurança de meu pé, acreditei poder, por minha vez e sem imprudência muito grande, nele me aventurar, sempre tomando o cuidado de não olhar muito para baixo, e o resultado confirmou o acerto de minha decisão. Confesso, no entanto, que, uma vez vencido o caminho, não fiquei nada tranquilo com a ideia de voltar por ele. Em vários momentos só é possível avançar subindo nas árvores para passar de galho em galho... Depois de andar assim durante quatro horas, mais parecendo, sem dúvida, por um curioso efeito de atavismo, macacos do que homens, e tendo várias vezes oportunidade de lamentar não havermos adquirido ao longo de nossa evolução, a exemplo de nossos primos do novo mundo, uma boa cauda preênsil, finalmente chegamos a um pequeno campo, situado na direção do alto da montanha que faz face a Pedra Açu, da qual é separada por um barranco profundo. Instalamo-nos numa espécie de caverna a céu aberto, formada em parte por um empilhamento de blocos hoje destacados, mas evidentemente unidos outrora, pelo menos em sua maior parte.

Subimos para almoçar num topo vizinho. O tempo ficou, momentaneamente, bastante claro e ainda gozamos, apesar de estarmos abaixo 100 ou 150 metros, talvez, do cume da Pedra Açu, de uma vista admirável... Vemos a nossos pés todas essas montanhas que, de baixo, pareciam tão altas, semelhantes a montículos e distinguimos mais claramente a maioria das grandes serras das quais, de manhã, víamos apenas as pontas. A vista é, no entanto e pelo menos em alguns lados, um pouco mais naturalmente delimitada pelos cimos circundantes; mas felizmente, ao sul, descobrimos a baía do Rio inteira, que, apesar de a 10 léguas de distância, parece muito perto de nós e nos aparece como um pequeno lago tranquilo e num belo jardim inglês; podemos discernir até a cidade do Rio, e, mais adiante, a entrada do golfo, as ilhas Pai e Mãe, o Pão de Açúcar e o Corcovado; mais longe ainda, o mar, que se confunde com o céu e que só o adivinhamos ao reconhecer as ilhas Rasa e Redonda num relevo cinza uniforme; mais perto de nós, podemos contemplar Barreira, Magé, Piedade e as planícies pantanosas entrecortadas pelas poças d'água que as cercam; é só olhando essa parte do quadro que se chega a uma apreciação mais exata das distâncias reais.

Dedicamos a tarde a uma descida por um vale muito úmido, cujo fundo, abundante em nascentes e riachos, cheio de capim gigantesco, é o refúgio favorito das antas. Infelizmente, Boca Negra, esgotado, se recusa terminantemente a caçar, não apenas a anta, mas também a capivara, da qual havíamos encontrado pegadas ainda frescas; somos



Petrópolis, Rido de Janeiro

então forçados a voltar de mãos abanando, pois assim como no alto, não se encontra aqui nenhum ser vivo, a não ser, de vez em quando, um passarinho que, exteriormente e à distância, lembra bastante nossa cotovia.

Mas eu ainda peguei uma libélula, da mesma espécie que a da subida, e duas pequenas pérolas. Logo depois do jantar, deitamo-nos os quatro passando uns sobre os outros, de tal forma que, depois de apertados, ficamos completamente amassados. Pena que não possamos, todas as noites, tirar as pernas como se tiram as calças! O tempo está ótimo, apesar da chuva que volta a cair e da qual algumas gotas passam através do teto de nossa caverna e vêm de vez em quando pingar no meu rosto...

Na quarta-feira de manhã, não tendo a chuva ainda cessado, não tivemos alternativa senão voltar por onde viemos, e foi o que fizemos. Aproveitamos, no entanto, o tempo de sobra para escalar, de passagem, a Pedra do Sino, que mede quatro metros a mais que a Pedra Açu, mas contando apenas o bloco separado, de oito metros de altura, inacessível, ao qual ela deve seu nome, e que está posto sobre ela em equilíbrio mais ou menos estável. A subida nos toma uma hora bem contada; quase sempre é tão a pique quanto possível, mas com muito mato ou moitas para nos segurarmos, de sorte que ela não apresenta nenhum perigo; apenas o extremo do pico é descampado, como sempre; a parte relativamente plana desta cúpula em forma de costas de burro não tem mais do que de meio a um metro de largura e, olhando de cada lado, com esse tempo de nevoeiro, só se vê o vazio; realmente vertiginoso. Tanto por essa razão quanto por consideração ao vento, um verdadeiro furacão que ameaça carregar tudo, eu só ouso me levantar depois de me haver arrastado de quatro até a grande pedra terminal, à qual me encosto. Continua chovendo, e, verdadeiramente, com esse vento, faz quase frio, apesar dos 12º C. do termômetro... Não se vê absolutamente nada... Depois de termos apanhado ainda alguns escorpiões, entre outros insetos, descemos novamente, e, quando a noite caiu, um pouco antes das sete horas, chegamos a Teresópolis, sem nenhum outro incidente digno de nota, felizes por dormir numa cama e com a comida quente.

Na quinta-feira, fomos até a casa do Sr. Escragnolle onde jantamos. Ele e sua mulher nos receberam à perfeição. São pessoas agradáveis que recolhem em sua casa todos os órfãos das redondezas, vivem com simplicidade e acolhem sem cerimônias, mas com cordialidade. Uma chuva torrencial, tal como as que já vi muitas vezes na Europa, veio estragar nossa tarde.

Na sexta-feira, partimos novamente a pé, sempre com chuva, para Barreira, onde chegamos por volta das 9:30, e onde me pus a escrever estas notas, perto de uma grande fogueira acesa para nós sob o galpão. Todos os córregos, e a própria estrada em alguns pontos, se transformaram em enxurradas. Às três horas, retomamos o caminho para Piedade. Seu João, que bebeu alguns bons goles a mais, segue a pé com as bagagens, em companhia de um de seus amigos, Corta-Vento, agricultor de Teresópolis, que vai vender suas couves-flores no Rio. Depois de algum tempo descendo, logo chegamos à planície, baixa, pantanosa, às vezes arenosa, ocupada pelo mar, evidentemente, há pouco tempo – há pouco tempo em termos geológicos! A região oferece algumas culturas, principalmente de mandioca, mas por toda parte há um forte ar de decadência: frequentemente, veem-se casas abandonadas e caindo aos pedaços. Por volta das 7:30, descemos para Piedade para jantar num péssimo albergue, grande, cheio de gente de toda espécie, mal organizado e oferecendo, como única ração, peixe seco. Como só pudemos dispor, para nós, de três camas, eu me deito com prazer num canapé de cana da índia, muito confortável, incontestavelmente, depois de uma temporada na montanha; às 3:30, no entanto, tomo posse da cama que Van Beneden acabara de deixar para ir à baía com um pescador local...

Hoje, finalmente, partimos de Piedade às seis, e às nove horas estávamos aqui, onde tivemos, mais uma vez, a sorte de encontrar lugar em nosso hotel.

Falta-nos elaborar o plano definitivo de nossa excursão a Minas Gerais, providenciar cartas de recomendação, e arrumar nossa bagagem, o que não é o mais fácil...

3.TRÊS SEMANAS EM MINAS GERAIS

Sexta-feira, 1º novembro.

Partimos ontem para Petrópolis, onde encontramos lugar no hotel de um patrício de Gante[64] há 30 anos estabelecido no Brasil e muito brasil-afrancesado, sucessivamente livreiro, horticultor, hoteleiro. Não lhe falta instrução e sua prosa é agradabilíssima. Fisicamente, é um autêntico tipo flamengo. Tem uma filha amável que poderia ser tomada por europeia. Sua esposa é, acredito, costureira no Rio. Além de nós, há no hotel apenas

64. N.E. A cidade de Gante localiza-se na região de Flandres, Bélgica.

um jovem brasileiro muito gentil – um elegante, de fato – filho de espanhóis, imberbe, louro, de olhos azuis e comerciante de cigarros no Rio. Está aqui para se tratar de uma doença grave, pois Petrópolis, cujo clima é temperado, goza de grande reputação em relação à salubridade. É uma cidadezinha alegre, limpa, jovem, vaidosa, um pouco no gênero de *Spa*.[65] O Imperador tem aqui sua residência de verão, e nesta estação acontece o encontro de toda a alta sociedade brasileira, assim como da colônia estrangeira, e de todos aqueles entre os moradores do Rio que podem se afastar um pouco das preocupações dos negócios; muitos aqui se instalam com sua família; alguns fazem, dia e noite, o trajeto de Petrópolis ao Rio e vice-versa. Ela é toda cortada por jardins.

Nas vizinhanças, há uma colônia alemã que inicialmente constituía toda a cidade; ela prosperou graças a sua excepcional localização e à proteção especial do Imperador e mais ainda do que a maioria das outras organizações do mesmo tipo que, em geral, até aqui, não chegaram a satisfazer os colonos. As causas desse insucesso são múltiplas: falta de aptidão dos imigrantes; má concepção nos planos de organização; ausência de medidas necessárias à instalação; dificuldade de comunicação e, por conseguinte, depreciação dos produtos nos pontos de produção; apoio deficiente, seja nos costumes, seja na administração, seja, até um certo ponto, na lei que nega aos estrangeiros o direito político, mas que, por outro lado, submete seu futuro, desde a primeira geração, ao serviço militar, impondo-lhe o colonato e, ao final, a surda hostilidade da maior parte da população contra os intrusos que vêm se estabelecer entre ela. Hoje, uma grande parte desses obstáculos está superada ou tende a desaparecer. Por todos os lados, constroem-se estradas de ferro; os velhos preconceitos arrefecem; enfim, a necessidade, plenamente compreendida, tanto pelos homens de Estado quanto pelos próprios fazendeiros, de atrair para o país braços estrangeiros para fazer frente aos efeitos da supressão do escravismo, chama energicamente a atenção pública para essa grave questão e permite pensar que não se tardará a fazer tudo o que for preciso para levar a termo novas tentativas. Entretanto, o clima sempre se oporá a que as raças dos países temperados tenham descendência nas províncias setentrionais.

Sábado, 2.

...Partida às seis horas para visitar a cascata de Itamarati, que é belíssima, e a cascatinha de Bulhões, que também tem seu mérito. Temos bons cavalos, que,

65. N.T. Estação de águas termais.

diferentemente de todos os que tivemos antes ou depois, não precisam ser torturados para galopar. Eles passam maravilhosamente, sem hesitar nem dar um passo em falso, por caminhos que, na Europa, acreditaríamos ser acessíveis apenas às cabras, obstruídos por enormes blocos que eles escalam muito agilmente, mas desdobrando-se em precauções, tateando cuidadosamente o terreno antes de pisá-lo, avançando apenas uma perna de cada vez, assegurando seu equilíbrio...

Domingo, 3.

Partida às seis horas, na diligência de Juiz de Fora. Estrada muito bonita até Entre Rios, muito selvagem e montanhosa na primeira parte, depois um pouco menos acidentada e um pouco mais cultivada à medida que nos afastamos do maciço da serra dos Órgãos e da serra da Estrela. Não preciso mais fazer o elogio dessa estrada cuja construção custou, para um percurso de 147 quilômetros, de Petrópolis a Juiz de Fora, mais de 38 milhões de francos. Ela segue as margens do Piabanha e depois as do rio Preto. A Cia. União e Indústria, apesar de só se interessar por seu capital, nos concedeu a passagem gratuitamente. É seu costume, parece, em casos similares.

Como éramos pouco numerosos, preferimos viajar na parte superior da diligência. A temperatura, no começo muitíssimo agradável, torna-se mais quente à medida que descemos em direção ao Paraíba. Em Entre Rios, onde chegamos por volta das 11 horas, almoçamos aos cuidados de nosso amigo cozinheiro... Partimos novamente à uma hora, mas bem menos confortavelmente, ainda que tenhamos acrescentado um segundo carro, pois recebemos o acréscimo de todos os viajantes vindos do Rio pela estrada de ferro,[66] que são a grande maioria: felizmente, pudemos esticar as pernas a cada parada.

Até Paraibuna, seguimos nossa antiga estrada: o rio é muito mais forte do que no ponto de nossa última passagem. Adiante, já em Minas, a região se mostra mais plantada e mais povoada; atravessamos vários e importantes povoados. Entretanto, antes de chegar a Juiz de Fora, onde desembarcamos por volta das sete horas no hotel da Cia., ainda encontramos belas florestas e muitas montanhas altas; estas não oferecem mais aqueles

66. N.E. Em 1872, a Estrada de Ferro D. Pedro II só estava concluída até a Estação de Entre Rios (inaugurada em 1867, dali os passageiros com destino a Minas Gerais, tomavam a diligência da Cia. União e Indústria até Juiz de Fora.

Planta e perfil longitudinal da Estrada União Indústria

Comendador Mariano Procópio Ferreira Lage (1821- 1872)

Estação Paraibuna da Estrada União Indústria

Diligência da Companhia União Indústria e vista da pedra da Paraibuna

morros desbastados que caracterizam as serras mais próximas da Corte. Seguimos o tempo quase todo o curso do rio e os trabalhos da estrada de ferro, já bastante avançados, apesar das dificuldades que se apresentam num país tão acidentado; calcula-se que daqui a um ano eles estarão concluídos até Juiz de Fora: este será o golpe de misericórdia para a Cia. União e Indústria.[67]

Essa pequena cidade, bem nova, já tem uma certa importância, cinco ou seis hotéis – é bem verdade que este nome é dado a casas que, para nós, se atreveriam a chamar-se apenas de albergues – e uma população relativamente bem aglomerada, pelo menos tanto quanto Petrópolis, me parece; há também, nos arredores, uma colônia alemã. É o grande entreposto da província de Minas; parece animada, próspera. O Hotel União, situado bem além da maioria das casas, é espaçoso, elegante, confortável, luxuoso, bem servido, enfim, montado sobre uma estrutura maior e melhor que a de qualquer hotel do Rio de Janeiro; dizem que ele custou 200 contos de réis; seu diretor é um inglês que, antes de vir para cá, viajou para a Índia passando pela Rússia, Sibéria, Pequim, Hong-Kong e Indochina. Há bastante gente, até mesmo da alta sociedade, de ambos os sexos. Vêm do Rio até aqui por divertimento, sobretudo os estrangeiros...

Segunda-feira, 4.

Jornada dedicada à entomologia. Vimos várias pegadas de capivara, bem perto das casas; eu cheguei a ouvir uma que fugia através dos caniços e se jogou no rio, não longe da ponte, atrás do jardim da bela propriedade do falecido Sr. Mariano, o criador desta localidade e da Cia. União e Indústria.[68] Esses animais ainda são extremamente numerosos

67. N.E. A Cia União Indústria teve, como era de se esperar, um grande decréscimo em suas receitas a partir da chegada da ferrovia em Juiz de Fora, em 1875. Em relatório de 1877, é ressaltado pela Diretoria que a empresa ficou sem sua maior fonte de renda: "o transporte na sua linha principal, além de consideravelmente cerceada em outras verbas de receitas", no caso, os fretes de exportação e importação, sendo que a alternativa buscada pela Companhia foi a de reduzir, ao máximo, suas despesas. RELATÓRIO apresentado à Assembleia Geral dos Acionistas da Companhia União e Indústria. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1877, p. 4-5.

68. N.E. Mariano Procópio Ferreira Lage, nasceu 23 de junho de 1821, em Barbacena, e faleceu em 14 de fevereiro de 1872, em Juiz de Fora, meses antes da vinda da expedição belga ao Brasil. A sua bela chácara, hoje denominada Villa Ferreira Lage, foi erguida no alto de uma colina, uma verdadeira obra de arte em estilo neorrenascentista, projeto do arquiteto alemão Carlos Augusto Gambs. O parque construído no seu entorno buscou valorizar a flora brasileira e é atribuído a Auguste Glaziou, A propriedade integra, atualmente, o Museu Mariano Procópio, graças aos esforços de seu filho, obstinado colecionador, Alfredo Ferreira Lage (1865-1944), que dedicou sua vida à formação de um dos mais

por toda parte; são considerados como uma praga para as lavouras. Fechamos um negócio, bastante bom, disseram-nos, com um alemão, para nossa viagem ulterior. Teremos três animais de sela e dois de carga, mais um *camarada montado*, à razão de 24 mil-réis por dia, incluído o alimento, e pagando cinco dias para a volta dos animais a partir de Resende, pois é decididamente por lá que iremos. O aluguel inclui ainda, para poupar seus animais, uma mula de carga suplementar e um segundo camarada, este último a pé.

Terça-feira, 5.

Partida às 7:30. Van Volxem montou numa pequena mula e suas longas pernas, que quase encostam no chão, dão a esta a aparência de um bicho de seis patas. Van Beneden e eu dividimos os dois cavalos. Seu Porfírio, nosso *tropeiro* – é o nome que aqui se dá àquele que cuida de um comboio de mulas (*tropa*) – é um mulato quase negro, de rosto cheio e jovial, atarracado, de carne firme, estatura mediana, aparentando 40 anos; alguns fios brancos se misturam à sua barba e à sua cabeleireira lanosa. Homem simples, gentil, sempre contente... Nós também ficamos bastante satisfeitos com ele.

Seu ajudante, Benjamim, igualmente mulato, mais novo, é um homem magnífico, grande, forte, alto, inteligente, ativo, cheio de boa vontade, de expressão enérgica e altiva, tez de um ocre amarelado, um tipo escultural.

Haviam-nos avisado que a estrada estava quase impraticável, apesar da diligência ainda continuar seguindo até Barbacena, e quiseram até mesmo nos fazer desistir desse trajeto, que nos apresentavam como quase impossível depois das últimas chuvas. Fomos, portanto, agradavelmente surpreendidos com um caminho razoável. Mas a alegria durou pouco. Logo o caminho torna-se um verdadeiro lodaçal; avançamos penosamente, apesar das traves que espalhamos transversalmente no chão todo esburacado para firmar um pouco o solo. Os animais escorregam a cada passo nas valas transversais abertas, a intervalos iguais, pelas patas dos que passaram antes deles. Seu Porfírio tirou seus sapatos e prendeu suas esporas nos pés descalços, como se vê muito por aqui. Num determinado momento, Van Beneden, que está bem na frente comigo, se atola tanto que por duas vezes seu cavalo cai sobre seu traseiro e o obriga a descer para de lá sair com muita dificuldade.

significativos acervos artísticos, históricos e de ciências naturais do Brasil.

Esse incidente não me causa, entretanto, grande impressão, pois coisa parecida me aconteceu várias vezes, sem o menor inconveniente, nos pântanos de Santa Cruz. Além disso, eu quero passar adiante e, apesar das sábias advertências de Beneden, procuro um outro lugar... Encontro um ainda pior. Meu cavalo, aliás um horrível pangaré, ao invés de se sentar, como de hábito, em circunstâncias como essa, cai sobre as quatro patas, primeiro a cabeça, e eis-me em cima de seu pescoço, os pés na lama até acima do tornozelo... E antes mesmo que eu tenha podido me desembaraçar e voltar à sela, num tempo menor que o necessário para dizê-lo, ele se levanta a despeito de mim com um violento esforço, abaixando a cabeça e levantando a cernelha, de sorte que, arrastado de um lado e preso de outro, eu balanço e faço uma esplêndida cambalhota por sobre suas orelhas... Para evitar essa passagem funesta, somos obrigados a fazer uma volta de meia légua...

Região pouco ou nada cultivada; pastagens ao fundo dos estreitos e profundos vales onde corre o Paraibuna ou seus diversos afluentes; nas elevações, florestas relativamente pouco luxuriantes, às vezes recentemente queimadas; nada de verdadeiras montanhas, mas apenas colinas, às vezes bastante altas; frequentemente, na beira da estrada, casas, antigos pontos de parada da diligência; poucas vendas propriamente ditas, mas muitos ranchos. Aqui esse nome designa simples galpões, formados por um teto apoiado por algumas vigas armadas, para uso das tropas. É aí que todo dia, ao chegar, os tropeiros guardam sua mercadoria; eles a empilham com habilidade, numa ordem admirável. É aí, também, que eles fazem sua comida e em seguida se deitam para dormir. Enquanto isso, os animais postos em liberdade depois de receberem sua ração de milho correm à solta, comendo tudo o que podem. Um deles – normalmente um cavalo, quando o há – traz um pequeno sino que serve como sinal de reunião da tropa. De manhã, são arrebanhados e, antes da partida, é lhes dada uma nova ração de milho. Parece que eles nunca se perdem. De resto, se eles tentarem se afastar, as cercas que separam as propriedades e as pesadas barreiras móveis, *porteiras*, que de longe em longe atravessam a estrada e que todo brasileiro fecha atrás de si, seriam, até certo ponto, um obstáculo.

Normalmente, ao lado do rancho, há uma venda da qual ele depende, o que sempre acontece, mesmo nas partes mais fortemente povoadas como na região de Valença. Mas não é sempre assim: aqui, por exemplo, onde a população é sem dúvida mais esparsa e onde as vendas, provavelmente, não poderiam ter um consumo suficiente para se sustentar, não são mais encontradas, a não ser nos povoados ou vilarejos. Fica-se então

obrigado a estabelecer ranchos, seja perto de uma habitação qualquer, cujos ocupantes recebam a contribuição normal dos tropeiros, seja como complemento à parte, sendo que o uso, neste último caso, é gratuito. Os proprietários os constroem livremente, seja por pura generosidade, seja para facilitar o acesso a suas terras. As tropas, com efeito, só fazem pequenas jornadas e nem sempre poderiam transpor a distância que separa um lugar habitado de outro. Uma mula faz normalmente, com sua carga plena de sete ou oito arrobas – a arroba vale aproximadamente 16 quilos – duas léguas por dia apenas, no máximo três e, disseram-nos, quase nunca quatro. Van Volxem, habituado aos grandes trechos da Espanha e de Portugal, fica pasmo. Foi só por perseverança e muita força de vontade, e graças à leve carga de nossos animais, que conseguimos chegar a fazer jornadas um pouco mais longas. Normalmente, as tropas começam sua marcha antes do sol se levantar e procura-se chegar ao pouso antes que o dia esquente muito.

Muitos pássaros ao longo do caminho, especialmente periquitos. Van Beneden matou três deles, que descarnou cavalgando e em seguida pendurou na sela para secar os esqueletos. Em aproximadamente uma hora e meia, chegamos a Chapéu d'Uvas,[69] ponto bastante importante, bem povoado, situado a cinco léguas de Juiz de Fora. Umas trinta casas, três pretensos hotéis. Este no qual desembarcamos, o Hotel da América, é realmente bem melhor do que eu esperava: dois ou três quartos providos de camas, que dão para uma sala comum. O serviço, por exemplo, não é assim tão rápido, pois o jantar, pedido desde que chegamos, só chega às quatro horas, ou seja, à hora habitual da região. No entanto, não deixavam de nos responder, segundo a fórmula estereotipada, na primeira vez que reclamamos: "Já vem." E como, um pouco mais tarde e ainda não acostumado à lentidão do lugar, Beneden se queixasse de já haver esperado duas horas: "Só?" foi o que disse tranquilamente o hoteleiro, "eu, muitas vezes, esperei quatro!" Van Beneden não soube o que responder...

Quarta-feira, 6.

Após um almoço frugal, e com os animais novamente ferrados, partimos por volta das 10 horas, com o tempo chuvoso. A estrada está ainda pior do que ontem; não há nenhuma polegada de terreno sem lama. À margem do traçado original são abertas

69. N.E. Chapéu d'Uvas é um dos distritos mais antigos do município de Juiz de Fora.

novas vias, as quais também não tardam a se tornar impraticáveis; somos várias vezes obrigados ainda a fazer longos circuitos para evitar um trecho absolutamente impossível... A região conserva o mesmo aspecto: altas colinas arborizadas, sem plantações, salvo alguns pequenos trechos em torno das casas. Depois de uma hora de viagem, percebo que meu cavalo já perdeu, novamente, uma de suas ferraduras. Por volta das duas horas, chegamos ao lugarejo de João Gomes,[70] onde jantamos no Hotel da Ponte, bom e relativamente barato, sobretudo se comparado à nossa última hospedagem, onde fomos esfolados. Às quatro horas, retomamos a viagem, abrigados sob nossos ponchos de borracha, excelentes trajes, apesar de um pouco pesados e, sobretudo, a meu ver, quentes demais para a região. Por aqui, não é muito raro encontrar cavaleiros que também usam o poncho, mas em tecido de algodão de várias cores.

Tomamos a dianteira, acompanhados de uma das mulas de carga que aperta o passo, aperta o passo... Já nos felicitávamos por seu ardor e orgulhávamo-nos de nossa habilidade como tropeiros... Mas ela tinha algo em mente... Quando menos esperávamos, ela deixou a estrada e foi se deitar à beira do rio próximo. Van Volxem quis puxá-la de volta, mas só conseguiu empurrá-la para a água. Ela, talvez, teria se afogado se nossos camaradas não tivessem chegado a tempo, dando gritos altíssimos, fazendo gestos largos e realizando de imediato o salvamento sem recriminações inúteis. Felizmente, o estrago se limitou a uma mala molhada... Por volta das sete horas, quando a noite caiu, chegamos à *casa* de José Roberto, onde devemos pousar, e que deu seu nome à aldeia que a circunda.[71] É uma habitação velha, bastante suja, sem conforto, um verdadeiro albergue de ópera; os cômodos ficam num nível bem elevado acima do solo; chega-se a ele por uma escada dupla com patamar externo.

Há duas ou três pessoas além de nós; uma delas é um jurado que se dirige a seu posto.

Essa estrada de primeira classe (!) é de resto bastante frequentada, apesar de seu péssimo estado, pois, a partir de Barbacena, é a única via pela qual os produtos da província escoam para a costa e vice-versa. Encontramos também várias tropas e até mesmo alguns

70. N.E. O antigo povoado de João Gomes era um dos distritos de Barbacena e constitui-se, atualmente, no município de Santos Dumont.

71. N.E. O autor pode estar se referindo ao povoado de Curral Novo que deu origem ao município de Antônio Carlos, em Minas Gerais.

carros de boi, muitas vezes atolados, é verdade, e resistindo à força paciente de seus bois. Pela primeira vez, não há uma venda anexa ao hotel. Depois de nos regalarmos com café e biscoito de milho (pois entramos numa região onde o pão é sempre raro e muitas vezes inexistente), vamos nos deitar. José Roberto fica a duas ou três léguas de João Gomes.

Quinta-feira, 7.

Partida às oito horas, sempre com chuva, depois de havermos almoçado um punhado de arroz e alguns pedaços de galinha frita, tudo muito barato, a cama,[72] por exemplo, a 500 réis! Alguns maus pedaços no começo, nos quais os animais caem ainda várias vezes; mais adiante os caminhos estão relativamente apresentáveis e poderíamos até pensar em trotar, se os animais estivessem menos desancados; mas o meu não aguenta mais; está com três patas desferradas e quase não consegue mais andar. No entanto, estamos indo à frente de nossos camaradas e Van Beneden até consegue chegar a Barbacena – três ou quatro léguas – em duas horas e 45 minutos; Van Volxem e eu só chegamos lá, com muito custo, depois de três horas e meia.

A região continua igual até bem perto da cidade: em alguns pontos as colinas são apenas um pouco mais elevadas e mais abruptas. Atravessamos a alta serra da Mantiqueira, mas esta, neste trecho, se eleva imperceptivelmente por fileiras sucessivas de colinas e por platôs superpostos. O terreno parece diferente daquele ao qual estamos habituados; em certos lugares a rocha apresenta um aspecto xistoso e a argila amarelada ou avermelhada comum, que provém da decomposição do granito,[73] às vezes se encontra substituída por uma terra branca. Esperávamos encontrar Barbacena ao pé das montanhas, como a maioria dos mapas faziam crer; mas, ao contrário, o solo parece não parar de se elevar até a cidade, situada num dos topos dos campos; estes parecem estar, daqui, na crista – se é que ela tem crista – da serra da Mantiqueira. Barbacena é de resto tida, dizem-me, como a aglomeração de maior altitude da província.

Porfírio, que acabava de nos alcançar, queria nos levar ao hotel de uma de suas amigas; mas encontramos Van Beneden já instalado no Hotel Barbacenense, que Bonjean

72. N.A. É assim, por cama, que se computa a hospedagem.

73. N.A. Liais considera as rochas graníticas do Brasil como gnaisses.

nos havia recomendado e que nosso homem dizia estar fechado. É uma casa velha, de um andar, como todas as desta cidade, bastante ampla e de limpeza duvidosa; os quadros das janelas estão em grande parte quebrados; de resto, nenhum inseto ou parasita, pelo menos para mim – porque Volxem geralmente não concorda comigo e continua a se queixar das pulgas – e não mais do que em todos os lugares onde pousamos desde o Rio. O dono do hotel, e principalmente seu sobrinho, falam muito convenientemente o francês, assim como várias pessoas que se encontram no hotel. A conversa também flui bem, mesmo em português. Todos nossos interlocutores, salvo um, declaram-se espontaneamente republicanos, e podemos dizer o mesmo de todos com quem conversamos sobre política no interior, por mais surpreendente que isso possa parecer.[74] Nesse caso, o único que dá outra resposta e se coloca, como que por paradoxo, como monarquista e aristocrata, passa por louco e certamente por alguém que não está em pleno gozo de suas faculdades mentais. É, no entanto, um belo homem de 32 anos, de tipo bem oriental, de aparência magnífica. Está aqui para um processo...

Sexta-feira, 8.

Antes do almoço, visita com Van Beneden ao padre d'Almeida, homem sábio ao qual fomos recomendados.[75] Este, vestido à paisana,[76] sem saber francês e sem conhecer história natural, encaminha-nos, com pouquíssimas palavras, ao cônsul da França, o Sr. Renault, Lorrain de Sierck, antigo engenheiro da província, doutor em medicina da faculdade do Rio, botânico em certa medida, que nos recebe maravilhosamente e nos dá todo tipo de indicações.[77] Ao voltar para casa, recebemos a visita de um compatriota,

74. N.E. O movimento republicano ganhou força a partir de 1870, sobretudo, entre os jornalistas, jovens militares, profissionais liberais, sobretudo, entre os cafeicultores e os jovens bacharéis que passaram a se dedicar à política e à propaganda dos ideais republicanos, mas sem consenso sobre como se daria a queda do regime monárquico.

75. N.E. O padre José Joaquim Correia de Almeida (1820-1905), conhecido poeta satírico e latinista, ao que parece, não teve lá muta paciência com os viajantes e se mostrou bem sincero em relação ao idioma da moda, o francês, e seu pouco interesse pela história natural.

76. N.A. Acontece o mesmo com todos os padres, salvo, dizem, nas grandes cidades. Ainda no Rio, fiquei impressionado com a raridade com que se vê um padre em hábito eclesiástico. Ao todo, vi-os apenas duas ou três vezes. Algumas vezes, vi também monges, mas estes já são muito raros. Sabemos que a lei brasileira não se limita a considerar como nulos os votos eclesiásticos, o que seria de uma justiça incontestável, mas que ela chegue a proibi-los parece-me um atentado à liberdade individual, que certamente se quis salvaguardar. As ordens religiosas teriam, então, logo desaparecido completamente.

77. N.E. Conforme Xavier da Veiga, o engenheiro francês Victor Renault (1810-1892) foi "um dos primeiros exploradores dos rios Doce, Paracatu e Mucuri e autor de muitos livros didáticos." VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides Mineiras*-1664-1897. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998, vol. II, p. 909.

Sr. L..., luxemburguês, outrora empregado subalterno na Universidade de Liège, e agora estabelecido aqui como farmacêutico, depois de ter feito seus estudos no Rio, sob a proteção de um senador do Império. Ele ocupa uma alta posição, recebeu várias medalhas nas exposições, é muito renomado no país, e nos disse que hoje em dia movimenta de 26 a 30 contos por ano em negócios, ou seja, 18 a 20 contos de lucro líquido.[78]

Após o jantar, vamos retribuir ao Sr. L... sua visita... Ele oferece sua cordialidade ao ponto de nos mostrar, contrariamente ao hábito que persiste nesta parte do Brasil,[79] sua jovem esposa, bela moça de 18 anos, que ele desposou aos 13 anos e cinco meses, com a qual já tem três adoráveis filhos, e que parece ainda estar na flor da idade. Ele nos afirma

78. N.E. Trata-se de Francisco José Lepage (1830-1919), farmacêutico belga que se naturalizou brasileiro em 1865 e que em 1889, na Exposição Universal de Paris, foi o único expositor particular do Brasil que foi premiado por sua rica e variada coleção de madeiras.

79. N.A. Burmeister, em seu excelente *Reise nach Brasilien*, escrevia sobre isso, uns 20 anos atrás:

"As mulheres são mantidas em grande isolamento. É raro que lhe sejamos imediatamente apresentados; normalmente, só as ficamos conhecendo num momento ulterior. Quer estejamos em visita de cerimônia, quer cheguemos de surpresa, nunca vemos nem a dona da casa e nem suas filhas; elas ficam fora do círculo dos homens e só olham o estrangeiro furtivamente, por trás das portas ou então das janelas, quando ele vai embora; mas logo que são flagradas, elas se retiram e rapidamente se escondem o melhor que podem. É tomado como um sinal de afronta ou no mínimo como uma prova de má educação o fato de as damas da família se apresentarem diante do estrangeiro; é preciso que antes ele obtenha, pouco a pouco, o direito de acesso a elas.

A timidez natural de seu sexo justifica em grande parte tais costumes, mas a culpa principal é dos homens, que olham todos os outros homens com desconfiança, justamente por se saberem também suspeitos. Sob este aspecto, o brasileiro merece tanta confiança quanto em matéria de direito. Ele se permite tudo o que puder fazer, e é tão devasso fora de casa quanto severo e desconfiado em seu interior. Neste capítulo, brancos, mulatos e negros se equivalem; cada um sequestra sua mulher o mais estreitamente possível, a fim de que ele mesmo possa seguir mais tranquilamente o curso de suas paixões.

É notório que muitos brasileiros mandam suas mulheres para o convento por vários anos sem o menor pretexto, unicamente para ficar mais à vontade em sua própria casa, com sua amante. A lei favorece tal costume; qualquer um que queira se livrar por algum tempo de sua esposa dirige-se à polícia e a faz ser conduzida ao claustro pelos agentes, encarregando-se de pagar sua pensão. A autoridade competente não tem registro de nenhuma resistência por parte da mulher ou de seus próximos: cumpre-se o que o marido ordenou... Ele, no entanto, vive a seu bel-prazer com sua concubina, expulsa-a quando se cansa dela, e então manda trazer sua mulher de volta do convento, quando não se casa em seguida com uma nova mulher. A mulher obedece sem resistência e se esforça no mais das vezes para redobrar seus carinhos para não atrair para si o perigo que está sempre a ameaçando. Tal conduta, sobretudo nas grandes cidades, é muito comum e não constitui, de maneira alguma, um excesso censurado pela opinião pública... As concubinas são normalmente jovens mulatas de 16 a 20 anos e é por esse abuso que a raça mestiça aumenta também nas cidades. É mais raro que se liguem a escravas, precisamente por causa da facilidade com a qual elas se sujeitam a relações desse gênero. Os brasileiros estão acostumados com esse tipo de vida, do qual não fazem nenhum mistério; eles estimam que as brancas são feitas para o trabalho doméstico, as amarelas para o prazer, as negras para o serviço. Um provérbio brasileiro o diz abertamente.

Graças à severidade com a qual as mulheres brasileiras são encerradas em suas casas, elas tornam-se não apenas muito tímidas, mas também muito negligentes consigo mesmas: muitas só se lavam a cada oito dias, e outras, nunca; nenhuma se dá ao trabalho de se vestir convenientemente – circulam todas pela casa de chinelo e se ocupam unicamente com a fiscalização das escravas que trabalham dentro de casa." Este retrato refere-se apenas às mineiras.*

*Parece que não é exatamente assim em outras províncias, notadamente em São Paulo.

que não é raro ver por aqui moças se casando aos 11 ou 12 anos, e até mesmo aos dez e aos nove anos. Isso nos foi repetido por várias pessoas. Ainda que não se casem tão jovens, a precocidade dos rapazes não é menor, asseguram-nos.

Barbacena, elevada a cidade em 1841, é uma cidadezinha bastante vasta, evidentemente vasta demais para sua população (1.000 habitantes segundo nosso hoteleiro, 4.000 segundo L..., o que me parece mais verossímil); pouquíssimas casas de alguma aparência, pouquíssimos prédios novos, três igrejas, um forte ar de decadência, eis tudo o que acreditei notar. Está situada perto do rio das Mortes, rio importante que deságua no rio Grande ou Pará, afluente maior do Paraná.

Sábado, 9.

Chuva forte de manhã... À tarde, passeio entomológico com L..., numa antiga plantação hoje abandonada, como há várias na região. O sistema em vigor consiste, com efeito, em explorar o solo até seu total esgotamento; em seguida ele é abandonado para se desbravar um terreno virgem um pouco adiante; a casa, normalmente abandonada com a exploração, cai em ruínas...

Domingo, 10.

Partida por volta das oito horas, com um tempo chuvoso. Adeus a L... e a nossos companheiros de hotel. Nosso hospedeiro nos grita, como sempre no Brasil: "Até a volta!" Mesmo sabendo perfeitamente que não deveremos passar por aqui de novo. A cidade está um pouco mais animada por causa do domingo. A região que percorremos hoje, os famosos campos, apresenta ainda, neste momento, um aspecto bastante desolado, que me lembra enormemente, mas numa escala gigantesca, nossos *trieux* das Ardenas e do Condroz; por todo lado, tão longe quanto a vista se possa estender, o que não é dizer pouco, sucessivos aglomerados de colinas bastante altas, muitas vezes abruptas, revestidas de um capim curto, queimado, pontilhado apenas com algumas flores, e mesclado com moitas raquíticas, de folhagem magra, acinzentada; nos sulcos profundos que separam os

cumes, estreitas faixas de bosques (capões) que por vezes sobem o flanco das montanhas, mas que raramente chegam ao seu pico. Creio que são chamados de planícies onduladas; mas, para que haja planícies, é preciso muito boa vontade, e é preciso ter em mente as serras a pique da província do Rio. Na Bélgica, consideraríamos esta região, ao menos, acidentada, para não dizer montanhosa; o que explica que tenham podido empregar a palavra planícies[80] é o fato de, sendo todos os picos desbastados de alturas praticamente iguais, o horizonte ficar também pouco limitado, pelo menos em relação a uma região realmente plana.

Aliás, quando, do alto de uma cadeia de montanhas mais altas, contempla-se a seus pés essa imensa região de campos, os valezinhos estreitos e profundos escondidos pelos topos muito alargados, a ilusão é quase completa. Mas basta, para se desiludir, ter que subir uma dessas ondulações que, de longe, parecem tão pouca coisa. Suponha milhares de domos, do tipo daqueles que se encontram bastante frequentemente nas imediações de Ciney,[81] apenas bem mais altos e normalmente muito mais escarpados, separados por gargantas infinitamente mais estreitas, e você terá uma boa ideia da configuração da região. O caminho é excelente se comparado com o dos últimos dias, pois o solo está geralmente firme e seco, e apenas encontramos um pouco de lama, às vezes, nas depressões do terreno e nas bordas dos cursos d'água; este caminho é mais uma trilha, ou melhor, um feixe de trilhas, que, por melhor que seja a nossos olhos, parece péssimo diante dos piores caminhos da Bélgica. Subimos e descemos sem parar. Ao longo dos declives, as chuvas levaram a terra; a rocha está nua, dura e escorregadia em vários pontos; em outros os seixos rolados escapolem sob as patas dos animais. Em meio às várias vias que se cruzam a cada passo, se reconhece a melhor unicamente naquela que normalmente é a mais pisada. Por isso, já nos perdemos uma vez, e não será a única. Passamos sucessivamente por Cachoeira e Barroso,[82] dois vilarejos bem pobres, para finalmente chegarmos, depois de aproximadamente três horas, em Invernada, lugarejo de quatro casas espalhadas, situado a seis léguas de Barbacena.[83] Apeamos na casa

---

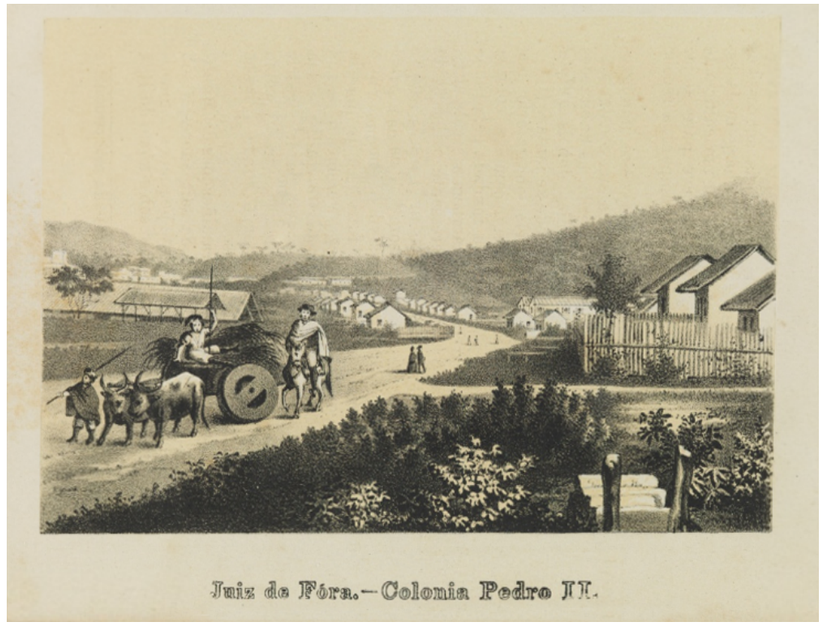
80 . N.A. A palavra brasileira *campos* pode ser empregada também para qualquer coisa, mas no Brasil ela designa qualquer espaço descoberto de qualquer extensão, abstraída a configuração do terreno.

81 . N.E. Ciney, cidade da Bélgica onde se localiza o castelo d'Halloy, que pertenceu a Jean Baptiste Julien d'Omalius d'Halloy (1783-1875) e que se tornou depois a residência de seu neto, Walthère de Sélys-Longchamps e sua família.

82 . N.E. Atual município de Barroso, Minas Gerais.

83 . N.E. Fazenda Invernada, localizada atualmente na zona rural do município de Prados e nas imediações de Barroso, Minas Gerais.

Estação de Jutioca da Estrada União Indústria, com plantação de café ao fundo



Carro de boi e vista da Colônia Pedro II, em Juiz de Fora

Ponte das Garças sobre o Paraíba, Estrada União Indústria

Estação Juiz de Fora e hotel União da Estrada União Indústria

de Antônio Rodrigues, jovem português, agricultor, que vive aqui com sua mulher e seu filho, bom proseador, muito afável, parecendo ser alguém acima de sua posição, porque, afinal, é apenas um camponês, um *roceiro*, como ele mesmo diz.

A bem da verdade, se pusermos de lado o elemento negro, o nível *intelectual* da população branca, mesmo pobre, é, aos meus olhos, incontestavelmente superior ao da maioria de nossas populações rurais. Quanto ao nível moral, é outra coisa; há prós e contras, e eu ainda não me decidi; mas pode-se com o primeiro brasileiro que apareça, sobre qualquer tema que não exija conhecimentos especiais, entreter-se agradavelmente, como fizemos esta noite com nosso anfitrião. Este que, coisa mais rara, une à inteligência uma certa instrução, até nos ensinou coisas interessantes. Eu o compreendo perfeitamente e, por seu lado, ele nos cumprimentou pela maneira como falamos sua língua. Não há, no entanto, razão ainda para nos cumprimentar, mas estamos começando a chegar perto: mais um mês no interior e eu estaria arranhando correntemente o português. A casa parece velha, mas relativamente limpa... A partir daqui nossa direção muda. De Petrópolis a Juiz de Fora havíamos andado diretamente em direção ao norte, perpendicularmente à costa. Desde Juiz de Fora, caminhamos nor-noroeste. Agora, vamos parar de avançar para o interior para caminhar para oeste, no sentido do rio das Mortes, quase paralelamente à costa, até São João del-Rei, depois seguiremos obliquamente para sudoeste até perto de Baependi, de onde iremos mudar a direção, seguindo a és-sudeste para ganhar Resende.

Bom jantar – com uma perdiz, se me permite! – para o seu pesar; camas de verdade e ainda por cima com lençóis! Estes, é verdade, já usados. Mais cerveja, não mais do que na maioria de nossas pousadas ulteriores, mas também vinho de Portugal. Benjamin, nosso segundo tropeiro, acaba de ser chamado inesperadamente pelo patrão, Sr. Nitsch. Parece que ele é escravo e que havia deixado Juiz de Fora sem autorização de seu dono. Mandaram-nos, para substituí-lo, um segundo tropeiro montado, este branco, imberbe, de tez fresca, como se vê bastante por aqui. Ele é grande, lento, delgado, magro, anguloso, fleumático, de ar um pouco simplório, um pouco zombeteiro; um rosto e um aspecto de seminarista tísico que estaria disfarçado de vagabundo. Ele se chama Joaquim e a nós também só cabe alugá-lo.

Segunda-feira, 11.

Às cinco horas, estamos de pé, acordados pelos sonoros mugidos de oitenta vacas que estão sendo ordenhadas no pátio para fazer queijo. Os bezerros estão fechados num cercado à parte, e trazem um de cada vez e cada um até sua mãe; sem isso, ela não se deixaria ordenhar. No Rio, já havíamos podido observar tal circunstância, pois, costume mais eficaz que o do lactômetro, os leiteiros têm o hábito de levar sua vaca com eles até a porta de seus clientes, e ordenhá-la à sua vista. Dizem que as vacas daqui dão bem menos leite que as da Europa, e só enquanto estão amamentando seus bezerros; mas é preciso dizer que as pastagens são quase sempre pouco suculentas e que delas não cuidam minimamente. No Rio, empregam-se frequentemente animais importados da Europa. Notemos também que neste país só se matam os bezerros (*vitelas*) aos dois ou três anos! Não creia que estou brincando.

Partimos novamente às 7:30. Antônio Rodrigues, que se interessou vivamente por nossas pesquisas, promete-nos, firme e espontaneamente, fazer para nós toda espécie de coleções. Mas todo esse zelo perdurará? Por mais de uma vez nos fizeram promessas parecidas, a maioria sinceras, acredito; mas quase sempre, ao partirmos, ou mesmo em nossa presença, deixavam-nas sem execução... Preguiça, negligência, esquecimento, fraqueza? Quem poderá dizê-lo? As palavras custam menos que os atos; a força e a vontade frequentemente traem a intenção! Mas já é muito ter a intenção, apesar do caminho do inferno estar cheio de boas intenções. Entre nós, quantos encontrariam pessoas que se oferecem assim para ajudar um naturalista? Feliz daquele de quem as pessoas não vêm debochar ou procurar induzir a erro! Em todo caso, pedimos a nosso hospedeiro que envie o que ele puder coletar ao Sr. L..., que já se dispôs a reunir para Van Beneden uma coleção dos animais mais interessantes da região.

O campo, a partir daqui, torna-se mais extenso, mais plano, por assim dizer. Continua, no entanto, fortemente acidentado; apenas o alto das colinas é mais amplo. O capim é também mais verde, menos cheio de moitas, mas em compensação salpicado de algumas belas flores. É provavelmente o começo do esplêndido e fofo tapete verde florido do qual nos haviam falado; sem dúvida, viemos um pouco cedo para vê-lo. Os bosques ficam cada vez mais raros, o que acaba de dar ao campo seu verdadeiro caráter. Não encontramos nenhum vestígio de habitação antes de Herva, no rio Elvas, afluente

do rio das Mortes, a duas léguas e meia de Invernada.[84] Paramos lá, seguindo o conselho desinteressado de Antônio Rodrigues, para almoçar na casa de João Marques. Há uma ponte no local, coisa rara.

De Elvas a São João del-Rei – três léguas – também nenhuma habitação. Bem no meio do campo, leves vestígios de uma antiga parede de muro são os únicos a indicar que o homem outrora estabeleceu morada nestas paragens solitárias... A região torna-se mais acidentada. A cada passo, barrancos de todas as dimensões, ravinas profundas, de paredes verticais, invisíveis à distância, sem dúvida cavadas pelas chuvas torrenciais na espessa camada de terra que recobre toda esta região; elas começam bruscamente, afundando no solo pelos taludes de arestas nítidas e intensas, sem que nada faça suspeitar o que fez a terra desabou em tal lugar e não mais adiante, por que a trincheira ou o poço (há barrancos circulares, sem saída) escancarados não se prolongam... Provavelmente o solo, minado ao longo de muito tempo por águas subterrâneas, acaba por desabar um belo dia, e muitas vezes é então levado por elas, cedo ou tarde. No fundo dos maiores desses barrancos nascem algumas árvores, por vezes pequenos bosques... Muitas vezes corre um regato em suas profundezas... Ao longe, à direita, vê-se uma fileira de montanhas abruptas, maciças, pedregosas, formando, sobre uma extensão bastante grande, uma muralha vertical de rochedos quase lisos, de aspecto bem selvagem e completamente bizarro, que barra o campo até quase o horizonte. Aproximando-se muito, reconhece-se bem claramente uma aparência de estratificação que fez meus companheiros pensarem que tais rochedos bem poderiam ser calcários...

Esta região me agrada ao extremo.[85] Talvez pela primeira vez em minha vida, não tendo nada de melhor a fazer, eu me abandono, sinceramente, puro, ao prazer de admirar essa natureza estranha de horizontes longínquos, de perspectivas vastas, infinitamente menos rica, incomparavelmente menos luxuriante do que a das imediações do Rio, mas que tem para mim um encanto singular, uma atração indefinível, que nunca tiveram e nunca terão as mais magníficas florestas virgens. Lá, no meio daquelas árvores gigantescas, daquela vegetação exuberante, daquelas mixórdias impenetráveis, sem ar, sem espaço e quase sem luz, o homem comprimido por todos os lados deve se sentir esmagado pela natureza, impotente, anulado... ou então sem nada sentir, o que é melhor; mas aqui, no

84. N.E. Elvas, e não Herva, como escreveu Longchamps, é, atualmente, distrito do município de Tiradentes, Minas Gerais.

85. N.E. Observa-se que essa região que se estende de Barbacena a São João del-Rei denomina-se Campo das Vertentes.

meio dessas imensas pastagens, onde o olhar passeia a perder de vista, sem nada encontrar além de colinas lisas, sem descobrir quase nenhum outro animal além dos bois pastando na vertente das encostas, sem perceber nenhum vestígio humano além da vereda ao longo da qual caminhamos, vereda mais de animais do que de gente, eu experimento, enfim, a sedução que dizem que o deserto exerce sobre todos os que nele viveram e que, de resto, durante tanto tempo ele exerceu sobre minha imaginação e, digo a mim mesmo, entregando-me à calma e à majestade destas regiões: "Poderíamos viver felizes aqui; seria um bom lugar para morrer! O ar que se respira é puro e forte. O homem aqui se sente livre e valente, sozinho diante da Imensidão!" Certamente, de todos os lugares que vi no Brasil, é o único do qual eu poderia dizer tais coisas. As alturas desoladas da serra dos Órgãos também têm seu encanto, mas um encanto entristecido, que, para mim, nada tem de realmente sedutor... Involuntariamente pensamos no mar – mas que diferença! Aqui, há vida na solidão. Aqui, há diversidade na uniformidade, rumor no silêncio... Esta calma não é a da morte. O homem não está à mercê dos elementos hostis; mas, filho da terra, nela apoiado, ele os afronta e desafia!

Chegamos a São João del-Rei por volta das 2:30. Inicialmente, só vislumbramos um bairro separado da cidade, Matosinhos, que se mostra ao fundo do vale como uma pequena e mimosa vila, provida de uma bela igreja. Depois de havê-la atravessado, cruzamos o Água Limpa, afluente do rio das Mortes. Quando passamos, um casal de negros estava lavando areia para dela extrair ouro. Eles o retiram assim facilmente por quatro mil-réis por jornada, o que lhes permite ficar ociosos durante um certo tempo. Não há pobres aqui; mas, em compensação, muitos preguiçosos. De lá começa-se a ver a cidade propriamente dita, que, logo, à medida que se avança, surge inteira. É uma das mais antigas da província e, como Barbacena, me parece em decadência, ainda que em menor grau. Ela não é muito maior, mas bem mais compacta; sua população é o dobro, dizem-nos, mas a avaliamos em não mais de quatro mil ou cinco mil habitantes. Possui pelo menos cinco igrejas, duas pontes sobre o Tijuco, afluente do Água Limpa, uma prisão diante da qual passamos: através das grades, vemos os prisioneiros trabalhando, conversando, rindo ou olhando pela janela. As ruas são estreitas. O calçamento, de que todas são providas, é composto de grandes pedras irregulares, desiguais, de todas as formas, salientes, ásperas, e é quase tão ruim quanto o de Barbacena; mas em alguns lugares, luxo desconhecido até mesmo no Rio, há calçadas razoáveis. As casas são em geral muito velhas; não vi nenhuma nova; notamos duas ou três de dois andares.

Descemos no único hotel da cidade, Hotel Sanjoanense, mantido pelo Sr. Soares, muito grande, toleravelmente limpo, mas nada elegante. Naturalmente, não passa de um grande albergue. Tem um andar e é nele, sendo o rés-do-chão destinado às cozinhas, estrebarias etc., que estão os quartos dos viajantes, assim como o refeitório; todas estas peças são mais baixas que nossos alojamentos precedentes. Somos agradavelmente surpreendidos por lá encontrar o *Jornal do Comércio* de sábado. Infelizmente, esse número não traz o boletim da Europa.[86] São João é, nesta região, o último ponto convenientemente servido pelos correios. Asseguram-nos que em Lavras, algumas léguas adiante, fica-se por vezes semanas sem receber correspondências...[87]

Notemos ainda que hoje ouvimos pela primeira vez, mas sem vê-las, as famosas seriemas,[88] das quais se fala muito por aqui. Seu grito é muito singular e não deixa de ter analogia com o latido de um cachorro. Parece que elas quase não voam e que são caçadas a cavalo, em movimento, mais ou menos como as emas (avestruzes nhandus).

Terça-feira, 12.

Excursão entomológica com Van Volxem nas montanhas pedregosas que se elevam contra a cidade e formam à esquerda uma carreira semelhante à da serra de São José, da qual elas são separadas pela brecha do rio das Mortes. A fauna da montanha é pouco rica e, sobretudo, pouco variada; nada além de pedras quase sem vegetação e, praticamente, só revirando-as ou remexendo alguns estrumes de vaca é que conseguimos encontrar insetos. A cidade, daqui, me parece maior do que ontem; várias ruas longas se estendem como braços em diversas direções; uma parte é construída no próprio pé de nossa montanha (serra do Lenheiro). Ao final encontramos, numa garganta, um pouco de bosque e um pequeno córrego de limpidez admirável, no qual matei a sede com prazer e ao longo do qual consegui pegar algumas libélulas. À noite, fomos visitar o Sr. Copsey, um dos novos conhecidos de Van Beneden, inglês, engenheiro municipal, estabelecido

86. N.E. O *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, publicava o *Boletim de Notícias da Europa* em formato de suplemento.

87. N.E. Lavras, município que integra a região Campo das Vertentes, Minas Gerais.

88. N.A. Espécie de pássaro, difícil de classificar com precisão, cuja aparência exterior tem uma grande analogia com a do serpentário ou secretário (ave de rapina), da África.

no Brasil há 20 anos, agradável e excelente homem, pequeno, vermelho, redondo, olhos e cabelos cinzentos.[89] Encontramos em sua casa o Sr. Carramanha, advogado, muito amável também, porém mais jovem, ao qual fomos igualmente recomendados. Ambos falam francês. Copsey conhece a fundo a Província e chegou a ir até o Mato Grosso pelo interior. Segundo esses senhores, as consequências do desmatamento já começam a se fazer sentir da maneira mais deplorável – falta d'água, alteração do clima – ainda mais que nenhuma lei regula a matéria. As florestas, aqui chamadas de *mato*, uma vez queimadas, nunca mais voltarão a nascer em sua forma primitiva, mas apenas como bosques muito menos vigorosos e menos espessos, designados, conforme sua idade e sua altura, pelos nomes de *capoeiras* ou *capoeirões*. Mas não é unicamente ao pouco tempo transcorrido depois dos desbravamentos que será preciso atribuir essa diferença? Para demonstrar o resfriamento, eles citam o fato sem precedentes de que, há dois anos, gelou ao ponto de haver, durante vários dias, gelo nos rios e neve no solo. Carramanha me diz também que as planícies, aqui, estariam secas, enquanto que na inclinação das encostas haveria brejos; nós já havíamos visto, de maneira rudimentar, o similar deste último ponto nos altos picos dos Órgãos; mas é claro que, por planícies, ele entende os platôs, as elevações dos campos.

O Sr. Copsey dá a Van Beneden um pedaço de *guaraná*, matéria fabricada pelos indígenas do Pará, ele nos diz, por meio de uma técnica desconhecida e da qual, nesta província, e nas de Goiás e Mato Grosso, haveria um consumo tão grande quanto o de café nas de São Paulo, Rio, Minas, Rio Grande do Sul ou de chá nas da Bahia, Pernambuco, entre outras...

Sexta-feira, 15.

...Tendo partido às nove horas da manhã, paramos por volta de meio-dia no pequeno vilarejo de Vitória,[90] que deixamos às duas horas dirigindo-nos para a fazenda de Jaguará e para a qual tínhamos uma carta de recomendação.[91] Caminhávamos há já

89. N.E. Carlos Charlton Copsey, professor do Colégio Duval, em São João del-Rei e autor da obra *Breve tratado de geographia geral e do Imperio do Brasil, especialmente da província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Serafim José Alves, 1877.

90. N.E. São Sebastião da Vitória, distrito de São João del-Rei.

91. N.E. A fazenda Jaguara está situada, atualmente, no município de Nazareno, Minas Gerais.

bastante tempo sem encontrar ninguém para nos indicar o caminho, quando vimos avançar rapidamente em nossa direção dois homens e uma mulher a cavalo. Divertimo-nos muito quando, à nossa aproximação, a mulher apeou dando sinais da mais violenta exasperação, e, apesar dos esforços e repreensões de seus companheiros, lançou-se sobre a cabeça de nossos cavalos, vomitando contra nós toda sorte de injúrias, cuspindo, espumando, o rosto contraído, os punhos crispados, tentando nos arrancar os fuzis... Era uma pobre louca que estavam levando de bem longe para a cidade... Pouco depois, cruzamos com dois outros cavaleiros que, estes sim, nos ensinaram, aproximadamente, o caminho. Pusemo-nos a correr, pois já estava trovejando. Enfim, descobrimos no fundo de um pequeno vale uma fazendinha que julgamos ser a que procurávamos; mais algum esforço, e estaríamos protegidos... Também galopamos cada vez mais rápido... Ai de nós! A 400 passos da casa, a chuva nos pega, torrencial, tão bem que, poucos minutos depois, ao chegarmos à porta, já estamos molhados até a medula. Além do mais, temíamos que nossas bagagens tivessem se extraviado. A porta do pátio estava fechada; batemos em vão; ao fim de uns 10 minutos, conseguimos abri-la e, à resposta que nos dá um estúpido casal de negros de que aquela é, sim, a fazenda de Sr. Leite, entramos e penetramos numa espécie de vestíbulo fechado, mergulhado na escuridão onde nos disseram que esperássemos a resposta a nossa carta.

Parecíamos estar em algum antro terrível. Tudo é velho, avariado, ignobilmente sujo. A casa, de um andar, não é grande, parecida com o que entre nós poderia ser uma pequena fazenda de camponês-proprietário... Um homem jovem finalmente volta para nos dizer, gaguejando, o que torna seu português ainda menos inteligível, que a casa não é mais ocupada pelo Sr. José Leite, ao qual havíamos sido recomendados, mas por seu irmão, que no momento está indisposto; acrescenta que não podem nos hospedar aqui, mas que o Sr. José Leite fica a um quarto de légua daqui, numa direção que ele nos indica. O dono, que acaba por aparecer, grande, magro, escuro, mudo, macilento, esquivo, é tão sórdido quanto sua casa, escoltado por dois grandes cães rabugentos que mostram os dentes quando eu tento brincar com eles. Nada disso prova, de resto, que ele não seja um excelente homem, e, em todo caso, devemos ainda agradecê-lo por não nos ter expulsado. Acabamos por sair por conta própria, pois a chuva e os raios diminuíram com o tempo, mas sem parecer que estão dispostos a parar tão cedo. Aventuramo-nos, portanto,

assumindo todos os riscos possíveis, sem muita confiança na acolhida que nos espera na casa de nosso anfitrião pouco hospitaleiro, e com a segunda intenção de tentar chegar em Saco,[92] se for preciso.

Na saída da fazenda, encontramos o córrego que, ao chegarmos, havíamos atravessado tranquilamente a vau, tão aumentado pelas chuvas, que nossos animais, sem desconfiar e por um momento, desapareceram quase completamente, e se viram obrigados a nadar. Isso em nada contribuiu para nos secar, e sim inundou nossas botas. Para nos consolar, tivemos a satisfação de encontrar nossos burros de carga, que chegavam de orelhas baixas, e as abaixavam mais ainda ao perceber que seria preciso ir mais longe. Rendamos, no entanto justiça a nossos camaradas, que não demonstram nenhum mau humor e, pelo contrário, não fazem o menor comentário. Beneden e Volxem, sobretudo este último, se queixam muito do frio, Joaquim tirita e devo confessar que eu mesmo sinto frio nos lugares onde minhas roupas se colam à pele. Depois de 15 minutos de caminhada, vemos o teto de uma casa do outro lado do córrego e sobre ele uma ponte rústica; Van Beneden a atravessa sem qualquer acidente, depois de desmontar para abrir a barreira que a interceptava; mas meu cavalo, menos feliz, passa a perna através dela e cai... Logo se levanta sem nada quebrado. É preciso convir que esses pobres animais, tão ruins, por menos brilhantes que sejam, são muito mais vigorosos e resistentes, muito mais hábeis do que os nossos: estes se machucariam cem vezes por muito menos do que isso. Chegamos finalmente à casa, objeto de tantos esforços, uma pobre casinha de barro mal aplicado, como hoje em dia não se vê mais em nossas aldeias de Hesbaye...[93] Todos nos entreolhamos, tomados por um mesmo pensamento: não pode ser aqui! E, no entanto, era exatamente lá, como nos informa o próprio José Leite, um velho de ar bastante venerável, barrigudo, de óculos – tipo e trajes de um bom fazendeiro dos nossos – e, por favor!, subdelegado de polícia. Imaginando que ele não poderia hospedar a todos nós, mesmo com a melhor boa vontade do mundo, perguntamos se ele conhecia alguma possível pousada nas redondezas. Mas ele, apesar de ter parecido um pouco esquivo no início, vendo-nos tão numerosos, convida-nos, depois de haver lido nossa carta, bem galantemente a *apear* – fórmula consagrada pela qual se concede hospitalidade.

---

92 . N.E. Atual Capela do Saco, distrito do município de Carrancas, banhado pelo rio Grande, Minas Gerais.

93 . N.E. Hesbaye é uma região da Bélgica que ainda mantém suas características rurais, com diversos pequenos vilarejos.

O interior da casa corresponde a seu exterior. O chão é apenas batido; os diferentes cômodos são separados apenas por tabiques incompletos e se comunicam livremente à altura do teto – disposição que encontramos em muitos outros lugares. Há mais espaço do que pudemos imaginar à primeira vista: quatro quartos pelo menos. Na peça na qual ele nos introduziu, há duas camas com colchões que são arrumadas para nós; improvisa-se um terceiro leito sobre dois bancos aproximados um do outro. Jantar excelente: carne fresca, linguiça, arroz, feijão, couve, farinha. No fim das contas, estamos cem vezes melhor do que esperávamos... A água, de resto, é excelente, o que, para mim, seria suficiente para remir todos os defeitos. Penso como os brasileiros cuja primeira preocupação, quando lhes falamos de uma localidade, é sempre dizer ou perguntar se ela tem água boa; se sim, tudo está dito: não há necessidade de saber mais nada. A lâmpada que nos ilumina é tudo o que há de mais primitivo: uma verdadeira lâmpada antiga, tal como são representadas nos sepulcros, onde se consome um pavio mergulhado no óleo bruto, e que espalha uma claridade tão duvidosa quanto enfumaçada.

Sábado, 16.

Partida às 7:30 para Carrancas – seis léguas.[94] Nosso hospedeiro não quis receber nada por haver-nos abrigado; limita-se a aceitar, conforme o costume, o preço da comida dos cavalos, ou seja, quatro mil-réis por nossos oito animais. Às 8:30, chegamos a *Ponte do Saco*, no rio Grande: quatro ou cinco casas, uma ponte de madeira de 75 metros construída por Copsey; o rio, já belo, bem tranquilo, ainda não me parece muito maior, no entanto, do que o rio das Mortes ou o rio Elvas; ele é ladeado por florestas... Está quente. Por duas vezes, sou obrigado a acordar Van Volxem que dorme em cima da mula e ainda quase se perde. Na garganta que ladeia a serra de Carrancas, um pequeno riacho corre entre uma cortina de árvores; há algumas habitações esparsas; paramos um pouco numa cabana de mulatas para tomar um copo d'água bem passável. A partir de então, a subida torna-se horrivelmente íngreme, às vezes quase impraticável por causa das pedras que a obstruem – quarteirões de rocha agudos, cortantes que a eriçam. É uma verdadeira escalada: por duas vezes sou obrigado a descer do cavalo para permitir que meu intrépido corcel continue a subida; minha sela já ia, de resto, escorregando para a garupa...

94. N.E. Carrancas, município, Minas Gerais.

Às quatro horas, avistamos Carrancas; mas passamos muito tempo dando voltas, pois o caminho estava interrompido por uma vala larga, profunda, a pique, que barrava o campo em todos os pontos diante de nós... Acabamos por passar demolindo a cerca sobre um arremedo de ponte, e conseguimos chegar ao nosso destino por volta das cinco horas. Carrancas é uma localidade importante para a região: trinta ou quarenta casas, uma grande praça quadrada com uma igreja ao fundo e em frente ao nosso albergue-venda, que é muito desvalido, mas não apresenta qualquer outra particularidade. Combinamos que partiremos amanhã bem cedo. Eu temia inicialmente que isso contrariasse nossos camaradas no cumprimento de seus deveres religiosos; mas, como os consultamos a esse respeito, eles estouraram de rir... Decididamente, creio que, se nesta região, ainda se vai à missa, é unicamente por força do hábito, e para se ter ocasião de se encontrar, de ver, de ouvir, de se mostrar. Ai de mim! Entre nós não é também um pouco assim?

Domingo, 17.

Após uma noite medíocre, com pouco sono – a insônia calma está se tornando quase habitual para mim nesta viagem, sem dúvida pela completa ausência de fadiga, partimos às sete horas. No começo não há nenhuma nuvem no horizonte, mas logo o céu escurece e o dia fica, em suma, muito menos quente do que podíamos imaginar. Na saída de Carrancas, atravessa-se campos semeados com um número relativamente considerável de árvores raquíticas, o que os faz parecer com imensos pomares malcuidados. É nesta região, nos altos, quase sempre afastados dos cursos d'água, que eu mais vi gomphus,[95] normalmente ao longo dos caminhos desertos... Logo que saímos do campo propriamente dito, a região torna-se mais arborizada, e ao mesmo tempo mais acidentada. No horizonte começam a se desenhar os picos da Mantiqueira, muito mais abrupta e alta vista aqui do que do lado de Barbacena. Nas proximidades de Traituba,[96] voltamos a ver bosques de verdade, muito bonitos.

Este canto é bastante povoado. De Carrancas a Traituba, passamos sucessivamente por quatro fazendas bem bonitas e um rancho; voltamos a ver o café. Os caminhos são

95. N.E. Gomphus é um gênero de libélulas.

96. N.E. Fazenda Traituba, município de Cruzília, Minas Gerais.

medíocres e não avançamos rápido. Haviam-nos dito que até Traituba eram quatro léguas. Levamos quase sete horas para lá chegar, apressando-nos. Parecia que nos afastávamos à medida que nos aproximávamos. Encontramos vários cavaleiros, entre outros, uma família inteira de fazendeiros, sem dúvida indo para a missa. As mulheres, para montar a cavalo, trajam uma roupa muito simples: saia longa em algodão claro de corte igual e chapéu de palha de abas grandes, liso.

...Estávamos num dos piores trajetos do dia, um desses caminhos desiguais, pedregosos, sulcados por relheiras de dois pés de profundidade, como há tantas por aqui; eu montava, ao invés de meu cavalo desancado, a mula de Seu Joaquim; um pequeno gavião, que Van Beneden estava cobiçando, vem passar por cima de minha cabeça... Eu solto as rédeas, enfio minha rede não sei onde, e, preparando meu fuzil, miro o animal e atiro... Não vi mais nada. Mais rápida que um raio, minha mula, sem dúvida pouco habituada aos estampidos de armas de fogo, corre como uma flecha, disparando a galope nessa descida abrupta e dando coices de uma maneira terrível. O que ela fez e o que eu fiz para segurá-la e para eu mesmo me manter firme eu não saberia dizer, não sei nem mesmo se eu pude retomar a rédea, mas quase em seguida me senti desmontado por um coice ainda mais forte do que os outros e me vi jogado ao chão. Como a mula não passou por cima de mim é que não pude compreender, mas o que importa é que nada sofri e me levantei incontinenti, sendo o primeiro a rir às gargalhadas da minha desventura. Minha primeira preocupação foi verificar meu fuzil e minha rede, intactos por milagre. Meus companheiros, tranquilizados quanto a mim, já corriam atrás da mula, que ia muito longe. Com a ajuda de Porfírio, que chegou nesse momento, acabaram pegando-a. Como eu estava assombrado com a facilidade com a qual fui jogado ao chão, um pouco humilhado no meu íntimo, confesso, eles me disseram que o animal havia feito firula comigo. Soube também que eu havia matado o gavião rapidamente, e, com efeito, nós o encontramos sem muita dificuldade.

Paramos durante mais ou menos uma hora na venda de Traituba, pequena, mas bem fornida, para esperar as mulas. O lugarejo consiste nesta única venda e em uma grande e belíssima fazenda. Na venda se encontram diversos negros de bom tipo, com os quais nos distraímos conversando. Um deles, nativo do Congo e que ao primeiro golpe de vista eu havia identificado como africano, no momento em que montávamos nos animais para partir, me propõe fugir conosco, perguntando-me se não estávamos precisando de

mais um camarada. No entanto, ele não parece infeliz. Naturalmente, nada pude fazer por ele além de lhe entregar todo o dinheiro que tinha em meu bolso. Agora talvez seja o momento de falar algo sobre a escravidão. Vi pouquíssima coisa, mas não é nada duvidoso para mim que, em termos materiais, os negros estão melhor servidos sob esse regime do que sob o da liberdade, e melhor do que muitos de nossos operários. A lei, de resto, não os deixa mais inteiramente à mercê de seus donos, e estes têm todo interesse em poupá-los. As verdadeiras crueldades são também, creio, bem raras nos dias de hoje e quase desconhecidas no Rio e nas outras grandes cidades. Muitos escravos são alegres e parecem contentes com sua sorte, sobretudo entre aqueles que fazem os trabalhos domésticos e que normalmente são tratados com mais delicadeza. Infalivelmente, seu destino é menos duro do que o de muitos de seus congêneres, que ficaram na África e estão submetidos à brutal crueldade dos tiranos sanguinários que os dominam.

Não é o caso de se dizer, no entanto, que os castigos corporais tenham cessado completamente, falta bastante para isso, pois admite-se geralmente que os negros respeitam mais aqueles que lhes batem de vez em quando ou que pelo menos os maltratam, e que eles tomam a bondade por fraqueza, e dela zombam. Não afirmo que isso seja verdade, mas devo confessar que isso nos foi repetido muitas vezes, não apenas por europeus – todos os que se estabeleceram aqui têm, sem exceção, um indizível desprezo pelos negros – mas também por brasileiros, cujo testemunho sobre este capítulo é, para mim, muito menos suspeito. O que mais faz pena, penso eu, são os negros de aluguel, tão numerosos no Rio; contudo, em todas as posições, há escravos a quem pesa demasiadamente o sentimento de servidão, que têm consciência de sua degradação e que aspiram a dela se livrar: por mais de uma vez percebi-os sombrios, silenciosos, de olhar esquivo; estes são raros, entretanto. Tais aspirações à liberdade ganharam nova força desde a promulgação da lei da abolição de 28 de setembro de 1871.[97] Sabe-se que doravante, nos termos dessa lei, todas as crianças nascem livres; além disso, são previstas grandes facilidades para a emancipação, fundos são criados para com ela contribuir, de sorte que se conta com o completo desaparecimento da escravidão antes dos próximos trinta anos. Mas, aqui, todo mundo está convencido de que, bem antes disso, será tomada a decisão de decretar sua supressão radical. O Imperador, as câmaras, a opinião pública o desejam, e se o processo foi provisoriamente

97 . N.E. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, conhecida como a Lei do Ventre Livre e que declarou livres os filhos de mulher escrava nascidos no Brasil a partir da sua aprovação.

interrompido num meio-termo, é unicamente por consideração aos direitos adquiridos e para se preparar a transição.

Devo fazer justiça aos brasileiros registrando que todos os que ouvi, sem dissimular as dificuldades e até mesmo os perigos sobre esta questão, eram tão antiescravistas quanto possível. Por contraste, todos os europeus dos quais eu conheço a opinião proclamam bem alto que fizeram uma tolice e que os negros só servem para o jugo. Ambos concordam que eles não trabalharão mais no dia em que deixarem de ser obrigados e que o único meio de prevenir a ruína econômica do país é trazer, para substituí-los, trabalhadores brancos. Quanto a mim, confirmei aqui minha ideia da inferioridade intelectual e moral da raça negra e me pergunto se ela saberá fazer bom uso de sua liberdade; mas acho também que os brasileiros terão razão ao concedê-la, e que eles têm até o dever de fazê-lo, pois trata-se de um desses direitos absolutos, primordiais, indiscutíveis, para os quais não pode haver questões de oportunidade, e cuja violação só poderia ser justificada e desculpada num caso de legítima defesa ou de força maior. Não existe uma justiça para os brancos e uma outra para os negros. Onde iríamos parar se a inferioridade intelectual se tornasse uma causa suficiente para a escravização, se os possíveis abusos da liberdade fossem considerados como uma razão plausível para suprimi-la? Direito à ditadura do mais capaz, ao absolutismo universal. É preciso saber manter-se firme contra a tentação que experimentamos a cada dia, diante da triste realidade, de transigir sobre os princípios, de ferir o direito para acomodá-lo às circunstâncias, sob os pretextos especiais de obter um bem maior ou de evitar um mal maior. Transigir, em matéria desse tipo, é trair. Mutilar o direito é negá-lo, é proclamar o triunfo da força! E que mal é maior do que esse? Que muitas vezes é impossível praticar o direito em sua integridade é uma verdade. Que então nos contentemos com o que é possível, nada melhor; mas sob a condição de que o façamos confessando a fé que nos move, deixando claro que só nos dobramos diante da necessidade e preservando a liberdade de ação para o futuro.

Aqui, aliás, não existe impossibilidade de nenhum tipo: em contraposição ao direito, há apenas interesses duvidosos, vergonhosos por si mesmos, e que nem sequer ousariam fazer a própria defesa. Como então seria permitido hesitar? Que um número grande de negros, ao invés de se dobrar ao trabalho regular, volte à vida semisselvagem nos bosques, é possível. Mas quem teria o direito de proibi-los? Contanto que eles não ataquem nem as pessoas e nem os legítimos proprietários, de nada se pode acusá-los. E

não acredito que eles o façam. Não é aí que está o perigo, a meu ver. Se é que há um, ele residiria antes no direito de sufrágio que seus descendentes seriam chamados a exercer, enquanto a maioria deles estaria certamente desprovida do discernimento necessário para tal. Juntemos ainda às considerações que militam em favor da abolição imediata da escravatura a desmoralização – infelizmente inveterada neste momento – que ela engendra, conforme todos os testemunhos, sob uma infinidade de pontos de vista, tanto aos mandatários quanto aos subjugados. Todas essas verdades são triviais; mas sente-se necessidade de lembrá-las quando se está no meio desses homens de instintos puramente animais, e se pensa na dominação que nos arrogamos, sem escrúpulos, sobre todos os demais seres vivos, sobre nossos irmãos em animalidade, sob o pretexto da superioridade...

De Traituba a Aguaí, onde devemos pousar, há duas léguas e meia, dizem-nos. A pessoa para a qual nos deram uma carta de recomendação é decididamente desconhecida na região; mas há uma casa onde dão pousada. A região, deserta, aqui retoma seu caráter puro de campo; os bosques, entretanto, ficam mais homogêneos e mais contínuos. O caminho é bom, mas muito complicado. Van Beneden e eu nos enfiamos durante um bom quarto de légua numa pista falsa. Chegamos a Aguaí às 5:15. É uma simples casa habitada por um *vaqueiro* da fazenda de Traituba, situada num rio bastante importante, munido de uma ponte, que lhe deu seu nome. Há um rancho onde atualmente acampam vários tropeiros. Casa cheia de negros, negrinhos e negras que nos contemplam a noite inteira, virando os olhos inquietos, pois não param de passar e repassar em nossos quartos, todos dois dominados pela porta de entrada...

Partida às 6:30 com um tempo magnífico. Etapa de sete léguas. Chegamos por volta das 10 horas a Encruzilhada,[98] lugarejo novo, limpo, bastante importante, e, mais ou menos às três da tarde, na pequena vila de Baependi; decidimos seguir até Caxambu, depois de dar aos animais uma ração suplementar, e deixado passar o calor, muito forte hoje...

Lá chegamos por volta das 6:30 da tarde. Caxambu é uma bela cidadezinha de águas minerais situada no fundo de um vale, à margem de um rio, cercada de montanhas,

98. N.E. O arraial de São Sebastião da Encruzilhada em 1873, logo depois da visita de Sélys-Longchamps, foi elevado a freguesia e como distrito de Baependi, teve a sua denominação reduzida apenas para Encruzilhada em 1938, pouco depois, em 1943, passou a chamar-se Cruzília e, finalmente, em 1948, tornou-se município, desmembrando-se de Baependi.

em geral arborizadas; quase todas as casas são novas e limpas, construídas evidentemente para os estrangeiros; é bem melhor que Baependi. Estando lotado o hotel que nos recomendaram, descemos para o grande Hotel União Americana, onde, sem dúvida um pouco por comparação, achamo-nos muito bem instalados. Nele há um certo grupo de banhistas, todos brasileiros ou portugueses, ao que parece, que vêm tomar chá ou café por volta das sete horas, e que falam e riem ruidosa e familiarmente, todos juntos...

...O hoteleiro nos diz que seus hóspedes gostariam muito de ver nossas coleções. Parece que aqui nos tomam pelo que realmente somos; em todos os lugares, desde que deixamos Barbacena, tomaram-nos por engenheiros encarregados de estudar um projeto de estrada de ferro; antes quase não se espantavam, porque a estrada, sendo a mesma das minas, é relativamente muito frequentada e por todo tipo de gente, até mesmo por um certo número de estrangeiros. Infelizmente, não pudemos atender ao desejo manifesto: nossas técnicas de embalagem não o permitem; só pude mostrar minha medíocre presa do dia, a qual ainda não havia sido embrulhada em papelote.

Quarta-feira, 20.

...Retomamos a viagem às 8:30, com a perspectiva de uma jornada de oito léguas por montes e vales, deixando bem para trás nossas bagagens; logo que saímos, vimo-nos misturados a uma caravana de senhores, senhoras, senhoritas, negros domésticos, homens e mulheres, cheios de malas e caixas... Lutamos com as alternativas de êxito e de derrota para ultrapassá-la...

A estrada, uma estrada de verdade, mais ou menos bonita, mas enfim uma estrada e não simples trilhas, é boa em todo o percurso, e a região bem uniforme: mais campos, mas por toda parte montanhas, e mais montanhas ainda; já estamos nos contrafortes da Mantiqueira...

Faz-se um grande comércio por esta estrada: encontramos, creio, nesta única jornada, tantas tropas quantas em todo o resto desta viagem. Muitos tropeiros têm o tipo nativo mais ou menos alterado, às vezes puro; muitas vezes não é o tipo tão conhecido, de rosto largo chato, nem nada que com ele se pareça, mas, ao contrário, um tipo de perfil

agudo, nariz aquilino... São José do Picu[99] é um grande vilarejo, menos importante, no entanto, que Pouso Alto.[100] A população do município chegaria a 10.000 habitantes e a do núcleo principal ultrapassaria 3.000 habitantes, o que me parece exagerado. Lá chegamos por volta das 5:30 e aportamos no Hotel da Vitória. O proprietário é um imenso homem de 23 anos, quase tão alto quanto Van Volxem, mas ampliado em proporções, mestiço, creio, de sangue negro, como a grande maioria dos *brancos* do interior, pelo menos abaixo de um certo nível social. Como Van Beneden, ao descer do cavalo, estendeu-lhe seu fuzil, ele foi tomado de um terrível pânico e fugiu gritando, achando que iam atirar nele. O fato de Van Volxem ser maior que ele o deixou confuso e causou uma grande comoção em toda a vizinhança. Uma multidão de pessoas chega, umas após as outras, para contemplar o fenômeno; felizmente, ele, Van Volxem, está há muito tempo acostumado a produzir este efeito. A cada um que chegava, Seu Antônio contava, sem nenhum respeito humano, rindo às gargalhadas e com gestos e comentários largos, o belo medo que sentira.

Esse bravíssimo homem é o chefe da milícia local;[101] ele até mesmo se orgulha de haver, numa expedição por ele comandada, matado um homem com suas próprias mãos, mas de longe e de surpresa, bem entendido. Era um salteador, um italiano. Assim que sua presença foi percebida nas redondezas, Seu Antônio se pôs em marcha com alguns guardas nacionais reunidos às pressas e o descobriu em seu acampamento; cercaram-no sem se mostrarem, armaram os fuzis sem dizer palavra e atiraram; o homem caiu morto... É assim, dizem, que se faz frequentemente nesta região...

Quinta-feira, 21.

...Partimos por volta de uma hora para ir pousar na casa de João Manoel, do outro lado da serra – cinco léguas. Eu monto a mula de Porfírio, que não é em nada melhor que a outra... A região conserva a mesma natureza, mas é menos arborizada. Provavelmente

---

99. N.E. São José do Picu era distrito do município de Itanhandu, Minas Gerais, passando a se chamar São José do Itamonte em 1927. Em 1938 foi elevado à condição de município com a denominação apenas de Itamonte.

100. N.E. Pouso Alto, município de Minas Gerais, que faz divisa com Itamonte.

101. N.E. Trata-se da Guarda Nacional, criada em 1831, formada pelos cidadãos e subordinada ao Ministro da Justiça e aos presidentes de província.

queimaram as florestas para fazer carvão, como se faz muito na região de Petrópolis. Mais adiante a subida torna-se mais íngreme, as árvores reaparecem, as casas tornam-se muito raras e o movimento de pessoas volta a ser quase nulo: encontramos, ao todo, um cavaleiro e um homem a pé. Os caminhos estão, de resto, péssimos, em certos trechos a lama é quase tanta quanto na estrada de Barbacena, e em outros ela não passa de um amontoado de grandes pedras soltas ou de pedaços de rochas; é muito duro para os animais.

As araucárias, que tínhamos visto em pequena quantidade antes de chegar em Barbacena, e que encontráramos em maior número a partir de Caxambu, são muito comuns por aqui, sem que, no entanto, se aglomerem em grandes massas. Quase todas são novas. Aqui e ali, alguns velhos troncos, elevando, bem acima do cerrado circundante, sua copa orgulhosa e desolada, únicas a atestar a existência passada de magníficas florestas que, recentemente, deviam coroar os cimos. Seu porte nada tem de gracioso. Encantadoras na juventude, tais como as conhecemos em nossos jardins, elas perdem sua beleza na idade madura, e, ao envelhecer, tornam-se positivamente feias, apresentando apenas um tronco descarnado, semelhante a um colossal cabo de vassoura, ao qual se prendem em desordem alguns galhos igualmente despojados, mortos ou mutilados. Às vezes, porém, elas conservam mais simetria, oferecendo em seu ponto mais alto uma coroa regular de ramos que lhes dão o aspecto de um imenso cogumelo, e também alguma coisa do aspecto das palmeiras. Raramente uma segunda coroa, e mais raramente uma terceira, se faz notar sobre a primeira, normalmente bem mais embaixo, por exemplo, no meio do tronco. Perto do alto da serra, subsistem ainda alguns restos de florestas antigas, mas nada vi de grande extensão. Em certos locais, esses frágeis escombros escaparam apenas parcialmente do fogo e apresentam aos olhos não mais que esqueletos de árvores semicarbonizadas. Em algumas dessas araucárias, veem-se em abundância, pendurados nos galhos principais, ninhos de tecelão.

Por volta das cinco horas, chegamos ao ponto culminante da estrada, em Barreira do Picu, desfiladeiro que forma, ao mesmo tempo, o ponto de separação das bacias do Paraíba e do Prata e das províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.[102] Um muro de pedra, vazado por um grande portal, barra a estrada para marcar a divisão administrativa; o curso das águas testemunha suficientemente a divisão física. A temperatura, tanto pelo

102. Itamonte tem como divisa, a leste, o município de Resende, no Rio de Janeiro.

tempo encoberto quanto pela altitude, tornou-se bem fresca, excelente no meu entender. Estamos nas nuvens e ainda as vemos abaixo de nós. Após um repouso de meia hora numa pequena venda, onde nos deixaram esperar até passar um aguaceiro, atravessamos o portal mediante o pagamento de aproximadamente 200 réis por animal (meia pataca) e estamos de volta à província do Rio. Não vemos absolutamente nada mais de Minas. Em compensação, abraçamos com o olhar, a nossos pés e sobre uma imensa extensão, o Rio à esquerda e, à direita, São Paulo, cobertos de montanhas de todas as alturas, sobre cujo flanco se destacam aqui e ali pontos brancos, que são nuvens; ao longe, uma serra mais alta do que as outras, sem dúvida a da costa onde nasce o Paraíba, que limita, diante de nós, o panorama... Infelizmente o sol já se pôs para a metade dessa região sobre a qual a Mantiqueira projeta sua enorme sombra e isto nos impede de distinguir os detalhes e de avaliar bem as distâncias. Contudo, podemos adivinhar, pelo que pudemos entrever que o espaço visível, num dia claro, deve ser prodigioso e o quadro, além de qualquer imaginação.

À nossa esquerda, bem perto de nós, mas completamente escondido pelas nuvens, ergue-se o pico mais alto do Brasil,[103] o do Itatiaia (2.750 metros, aproximadamente), que só foi escalado uma vez, por Glaziou... Esperamos poder chegar à casa de João Manoel antes da noite, pois nos disseram que a estrada estava bem melhor deste lado, com a província do Rio pagando por sua manutenção. Com efeito, bem se vê a mão do homem, pois encontramos um calçamento à moda da terra, de largas pedras chatas, mas que é bem pior do que o chão de terra, pelo menos para nosso gosto e de nossos animais que são da mesma opinião, mais ainda porque a descida é rápida demais, e isso não impede que a lama se acumule onde falta calçamento, sem dúvida porque em tais pontos ele serviria exatamente para alguma coisa. Somos, portanto, obrigados a avançar muito lentamente e a noite não tarda a nos surpreender. Só chegamos à casa de João Manoel às oito horas, depois de havermos caminhado durante 45 minutos numa profunda escuridão, deixando aos animais a tarefa de reconhecer o caminho, felizmente menos ruim, sem dúvida, do que o anterior. Tivemos, no entanto, um mau pedaço na travessia de uma ponte inundada pela lama, onde os animais mal podiam avançar e caíam para as bordas... Tivemos que perguntar o caminho não sei quantas vezes. Estávamos começando a acreditar que João

103. N.A. Desde então, afirma-se que foram mensurados topos notadamente mais altos nos montes Pireneus, que se dirigem para o sul da província de Goiás, entre as bacias do Tocantins e do Paraná

Manoel não passava de uma lenda e que não queriam nos receber em parte alguma, quando enfim chegamos e não nos apresentaram nenhuma dificuldade para nos alojar. A última parte de nossa estrada pareceu novamente populosa e bastante frequentada. A região continua arborizada até aqui...

Sexta-feira, 22.

Depois de uma caça às rãs, tão feliz quanto curta, almoçamos e, por volta das 10 horas, partimos para a pequena cidade de Resende, fim de nossa excursão. É mesmo hora dela acabar, pois uma das mulas de carga está muito maltratada... Estamos de volta à terra do café. Nela reencontramos as plantações continuamente a partir da casa de João Manoel, o que dá a esta região, completamente desmatada, um aspecto análogo ao das bordas do Rio Preto, a não ser pelas montanhas, que são mais altas. Em compensação, mais nenhuma araucária, não fosse um velho tronco morto, a uma légua de lá, junto ao hotel dos *Três Pinheiros*, que tem, com efeito, ótimo aspecto. Mais longe, em Major Correia, alcançamos os trabalhos da estrada de ferro, que seguimos o tempo todo, serpenteando, até Resende. Em Campo Belo, vila importante situada a três léguas grandes da casa de João Manoel, reencontramos o Paraíba, bem largo, bem provido de água, e correndo bastante tranquilamente.[104] O vale é extremamente extenso, uma verdadeira planície. De Campo Belo a Resende são duas léguas. Um pouco antes de chegar a esta cidade, encontramos, contra a estrada de ferro, ladeando uma vala de 20 a 30 metros de profundidade, um lamaçal que mais parece aquele de Chapéu d'Uvas, com a diferença de que uma queda, aqui, pode lhe fazer rolar no abismo. Minha mula não demora a cair. Apresso-me em me desembaraçar dos estribos e continuo a pé, logo imitado pelos outros. Minha mula cai três vezes; acaba por cair no flanco e fica imobilizada; eu pensei que ela não se levantaria mais – o que não é raro em tais caminhos – e eu mesmo tive a maior dificuldade do mundo em avançar, com lama até os joelhos. Consegui, no entanto, graças a uma estaca na qual pude me agarrar, e meu animal, uma vez entregue a si mesmo, conseguiu passar, assim como os outros. Por volta das seis horas, chegamos a Resende e descemos num grande hotel-venda, bem medíocre, ainda que o melhor de toda a viagem, situado bem perto da futura estação, e um pouco fora da cidade, a qual não visitamos, pois fica do outro lado do Paraíba.

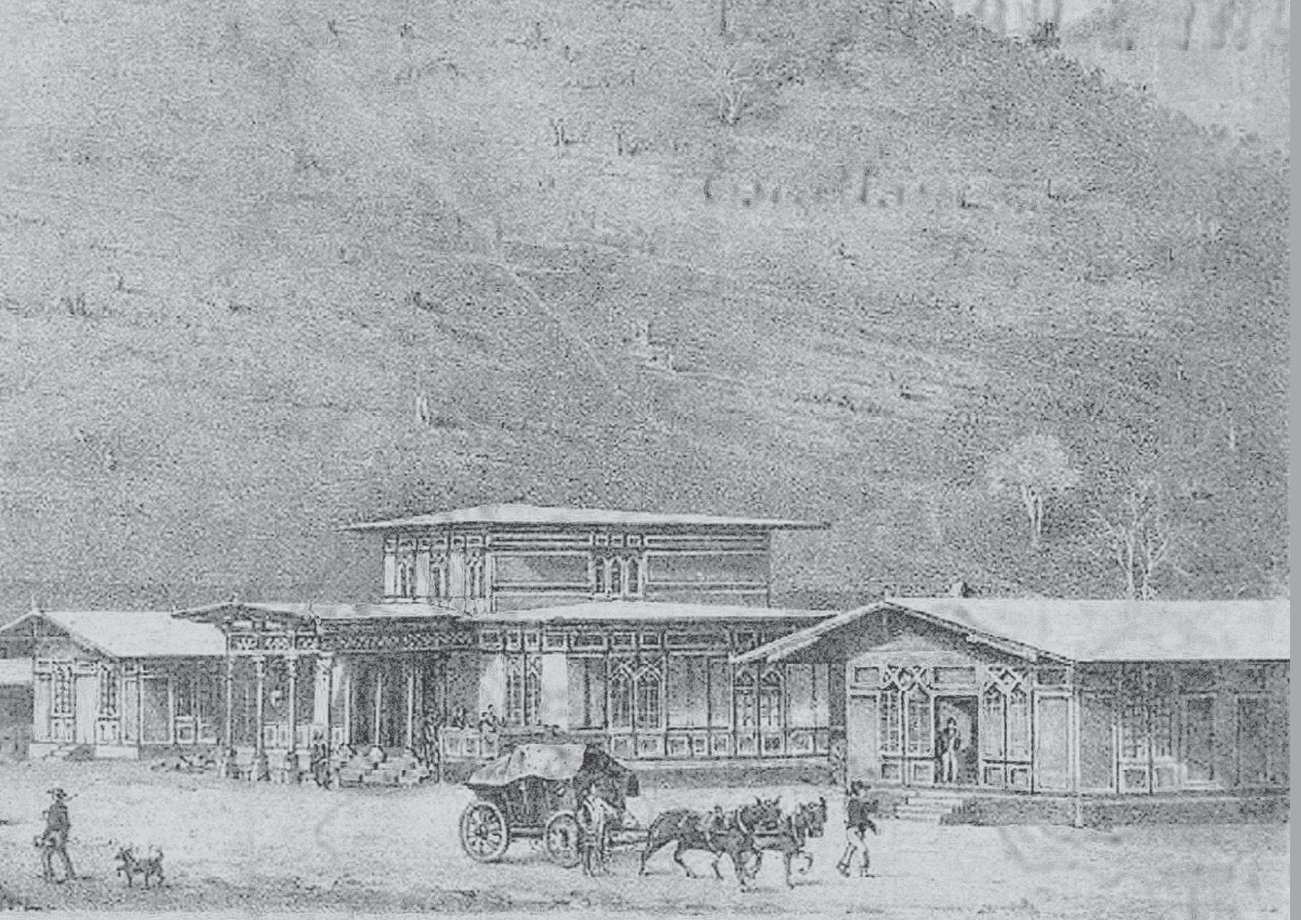
104. Distrito do município de Resende, no Rio de Janeiro, Campo Belo passou a denominar-se Itatiaia em 1943, tornando-se município independente, com o nome de Itatiaia, em 1988.

Sábado, 23.

Depois de pagar aos nossos camaradas, dos quais nos separamos muito satisfeitos uns com os outros, partimos de volta para o Rio no trem das onze horas, o único da linha. Como a estação ainda não está concluída, o embarque é feito a um quarto de légua da cidade.[105] A passagem é gratuita até Passa Vinte, a primeira estação. Há muita gente. O vale do Paraíba vai se estreitando até a Barra do Piraí. O rio está cheio até as bordas, e corre menos tumultuosamente – quase não se veem pedras em seu leito...

Às seis horas chegamos ao Rio. Devo confessar que, de minha parte, experimentei, ao chegar, uma verdadeira alegria, muito maior do que poderia imaginar. É como se eu estivesse chegando em casa. Não que eu me tenha desagradado durante nossa excursão; mas, a partir do momento em que nos vimos de volta a uma região tão fortemente povoada, devendo renunciar aos encantos do deserto, senti despertar em mim a necessidade de mergulhar novamente num centro completamente civilizado.

105. A Estação da EFDP, em Resende, foi inaugurada logo depois, em 1873, observando-se que a chegada da ferrovia foi decisiva para o fim da navegação no rio Paraíba.



Parahybuna. — Estação.

Índice Geral de Assuntos

A República, jornal (Rio de Janeiro) 83, 85
Abutres (Urubus) 70
Aclamação, campo (Rio de Janeiro) 59
África 28, 37, 132, 138-139
Agassiz, Jean Louis Rodolphe (zoólogo) 71
Água Limpa, ribeirão (afluente do rio das Mortes) (Minas Gerais) 131
Água, qualidade 65, 136
Alemanha 79, 102
Alfândega 55-56, 61
Alfândega, rua (Rio de Janeiro) 60
Alimentação 30, 56, 65, 90, 96,
Alpes (Alemanha, Áustria, Eslovênia, França, Hungria, Itália, Liechtenstein, Mônaco, Suíça) 107
Andaraí, bairro (Rio de Janeiro) 59, 61
Antiescravistas 140
Antônio Carlos, município (Minas Gerais) 120
Antuérpia (Flandres/Bélgica) 54, 70
Anúncios 74-75
Aquedutos (Rio de Janeiro) 65
Araucárias 144, 146
Ardenas, colinas (Bélgica, França, Luxemburgo) 105, 124
Armazéns 59, 62, 90
Arroba, medida 119
Arroz 66, 90, 93, 121, 136
Assembleia Nacional (Brasil) 76
Audiência particular (com o Imperador) 70
Baependi (Minas Gerais) 44, 128, 141-142
Bahia 79, 84, 98, 133
Bambu 79, 94, 104, 105, 107
Bananeira 78, 79
Baratas 68, 107
Barbacena (Minas Gerais) 44, 83, 116, 117, 120, 121, 124, 125, 130, 131, 137, 142, 144
Barra de Macacu (hoje Porto da Piedade) (Magé/Rio de Janeiro) 100
Barra do Piraí 83, 84, 147
Barreira (Guapimirim/Rio de Janeiro) 101, 108, 111
Barreira do Picu (hoje Pedra do Picu) (Itamonte/Minas Gerais) 44, 144
Barroso, vilarejo 125
Bazares 90
Bélgica 22, 26, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 54, 64, 70, 85, 93, 111, 125, 135
Boca Negra 103,108
Boletim de Notícias da Europa 132
Bolsa 61
Bonde 26, 42, 56, 58, 100
Bonds, etimologia (ver Tramway) 56, 59, 76
Bonjean 121
Borrachudo, mosquito 68
Botafogo,(Rio de Janeiro) 56, 59, 61, 62, 64, 73, 79, 97, 100
Brasil 22, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 36, 40, 42, 43, 44, 46, 49, 54, 70, 71, 72, 76, 79, 86, 92, 95, 98, 106, 111, 121, 123, 125, 133, 139
Bromeliáceas 78
Bulhões, cascata (Petrópolis/Rio de Janeiro) 112
Burmeister, Carl Hermann Conrad (naturalista) 123
Cachaça 62, 66, 98
Cachimbo 88
Cachoeira, vilarejo 83, 125
Cachorros selvagens 96
Cães 90, 91, 103, 132, 134
Café 30, 40, 44, 46, 60, 62, 80, 85, 88, 91, 92, 96, 97, 121, 122, 126, 133, 137, 142, 146
Calor 59, 69, 80, 93, 141
Cama, hospedagem 56, 68, 85, 91, 97, 106, 110, 111, 119, 121, 128, 136
Campo Belo (Minas Gerais) 146
Campos 46, 48, 74, 87, 107, 121, 124, 125, 133, 137, 142
Canoas, condutores de 55
Capela do Saco, distrito (antes Saco) (Carrancas/Minas Gerais) 135, 136
Capelle, Sr. e Sra. 56, 64, 66, 69
Capivara 91, 108, 116
Caráter anti-darwinista do Imperador 71
Carne fresca 93, 136
Carne seca 90
Carramanha (advogado) 133
Carrancas 135, 136, 137
Carrapatos 97
Carro-de-boi 98, 121, 126
Carvão 37, 62, 144
Casas, descrição 59, 61, 62, 90, 92, 93, 94, 98, 104, 111, 116, 122, 124, 125, 128, 131, 134, 136, 137, 141, 142, 144
Cassino Fluminense, baile (Petrópolis/Rio de Janeiro) 79
Cassino franco-brasileiro (Rio de Janeiro) 80
Castigos corporais 28, 139
Católicos 36, 38, 75, 76
Cavalos 39, 59, 78, 85, 94, 95, 96, 112, 117, 118, 120, 132, 134, 135, 136, 138, 143
Cerrado 68, 105, 144
Cerveja 62, 65, 66, 88, 90, 91, 93, 94, 128
Chá 133, 142
Chapéu d'Uvas, distrito (Juiz de Fora/Minas Gerais) 119, 146
Ciney (Valônia/Bélgica) 39, 125
Ciúmes do brasileiro 89
Cobra 98, 105
Coleópteras 96, 107
Colônia alemã 112, 116
Conde d'Eu (Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orleans) 79
Condições sanitárias 65
Condroz, região (Valônia/Bélgica) 124
Congo 28, 37, 138
Congresso de Geografia da Antuérpia (Bélgica) 70
Convento 123
Copsey (engenheiro inglês) 132, 133, 136
Corcovado 69, 107, 108
Coronel d'Escragnolles (fazendeiro) 103, 110
Correios 61, 101, 132
Corta-Vento (agricultor) 111
Cotovia 110
Crimes no Brasil 89
Crimes passionais 89
Cruzília (antes Encruzilhada) 137, 141
Curral Novo, povoado (Minas Gerais) 120
Cutia 68
D'Omalius d'Halloy, Jean Baptiste Julien (político e geólogo) 32, 39, 70, 125
D'Halloy, castelo (Valônia/Bélgica) 39, 40, 125
Dedo de Deus, pico (Rio de Janeiro) 104
Desengano, estação (hoje Juparanã) (Rio de Janeiro) 85
Desengano, ponte (Rio de Janeiro) 63, 85
Desmatamento 133, 146
Deveres religiosos 24, 137
Diligências 44, 46, 48, 93, 94, 95, 101, 113, 115, 117, 118
Direita, rua (Rio de Janeiro) 60
Doenças 40, 65, 87, 92, 112
Doutores, quantidade de 102
Elvas, distrito (Tiradentes/Minas Gerais) 130
Elvas, rio (afluente do rio das Mortes) (Minas Gerais) 129, 136
Emas 132
Encruzilhada (hoje Cruzília) 137, 141
Entomologia 32, 34, 64, 65, 91, 116, 124, 132
Entre Rios (hoje Três Rios) 83, 92, 93, 94, 96, 97, 113
Escola de Medicina (Rio de Janeiro) 102
Escorpiões 107, 110
Escravidão 27, 40, 42-43, 46, 49, 74-75, 95, 98, 100-101, 106, 128, 139
Espanha 119
Estrada de ferro (Entre Rios a Juiz de Fora) 95
Estrada de Ferro Dom Pedro II, ferrovia (hoje Estrada de Ferro Central do Brasil) 83, 84, 85, 92, 93, 96, 97, 113, 116
Estradas de ferro 46, 83, 84, 85, 86, 92, 93, 94, 96, 97, 113, 114, 115, 116, 126, 127, 142, 146
Estrangeiros 27, 29, 43-44, 55, 68, 95, 112, 116, 142
Estrela, serra (Portugal) 113
Farinha 66, 136
Fazendas 39, 40, 42, 44, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 103, 112, 125, 133, 134, 135, 137, 138, 141
Feijões 66, 90, 93, 136
Festa de Nossa Senhora da Glória 76
Festa do Rei de Portugal 80
Flores, rio (Rio de Janeiro) 86, 88
Flores do Paraíso, fazenda (Rio de Janeiro) 91
Florestas 68, 69, 79, 88, 89, 91, 94, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 113, 118, 130, 133, 136, 144
Fortuna especial do imperador 80
Frade, pico (Rio de Janeiro) 104
Francês, idioma 34, 36, 37, 48, 72, 75, 88, 90, 122, 133
Frio 97, 103, 110, 135
Gante (Flandres/Bélgica) 111
Gardner, George (botânico e médico) 106
Garrafão, pico (Minas Gerais) 104
Gávea, pico (Rio de Janeiro) 107
Gavião 138
Glaziou, Auguste François Marie (botânico e engenheiro civil) 71, 72, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 116, 145
Glória, colina (Rio de Janeiro) 61
Goiás 133, 145
Grande, rio (Minas Gerais, São Paulo) 124, 135, 136
Guaraná 133
Guerra do Paraguai 58, 87
Herva, distrito (Elvas) (Tiradentes/Minas Gerais) 130
Hesbaye (Flandres/Bélgica) 135
Hong Kong (China) 116
Hotel Barbacenense (Barbacena/Minas Gerais) 121
Hôtel d'Angleterre (Rio de Janeiro) 56, 64
Hotel da América (Juiz de Fora/Minas Gerais) 119
Hotel da Glória (Valença/Rio de Janeiro) 85
Hotel da Ponte (Santos Dumont/Minas Gerais) 120
Hotel da Vitória (Pouso Alto/Minas Gerais) 143
Hôtel des Étrangers (Rio de Janeiro) 56, 64, 67
Hotel Guilherme (Teresópolis/Rio de Janeiro) 102
Hotel Sanjoanense (São João del-Rei/Minas Gerais) 132
Hotel Três Pinheiros (Resende/Rio de Janeiro) 146
Hotel União (Juiz de Fora/Minas Gerais) 48, 116, 127
Hotel União Americana (Caxambu/Minas Gerais) 142
Igrejas, arquitetura dos jesuítas 62
Iluminação a gás 62
Imprensa 28, 44, 48, 72, 74
Índia 79, 116
Indígenas 70, 133
Indochina, península (Camboja, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia, Vietnã) 116
Inglaterra 29, 62, 106
Insetos 32, 34, 91, 110, 122, 132
Invernada 125, 130
Itaipu, lagoa (Niterói/Rio de Janeiro) 97, 98
Italianos 88, 89, 143
Itamarati, cascata (Petrópolis/Rio de Janeiro) 112
Itamonte, município (antes São José do Picu) (Itanhandu/Minas Gerais) 143, 144
Itanhandu 143, 144
Itatiaia, pico (Rio de Janeiro) 145
Jacaré 78
Jacarepaguá, lagoa (Rio de Janeiro) 78
Jacu (penélope) 69
Jaguará, fazenda (São João del-Rei/Minas Gerais) 133
Jardim Botânico 29, 68
Jardim Público, parque (hoje Passeio Público) 71
Jesuítas 62, 74
Jiboias 98
João Gomes, distrito (hoje Santos Dumont) (Barbacena/Minas Gerais) 120, 121
Jornal do Comércio (Rio de Janeiro) 95, 132
Juiz de Fora 44, 46, 48, 83, 92, 93, 94, 113, 116, 119, 126, 127, 128
Juparanã, estação (Rio de Janeiro) 85
Lagartos 105, 107
Lage, Mariano Procópio Ferreira (político) 46, 114, 116
Lama 118, 119, 125, 144, 145, 146
Laranjeiras, bairro (Rio de Janeiro) 61
Lavras 132
Léandre (matemático francês) 86, 87, 88, 96
Lenheiro, serra (São João del-Rei/Minas Gerais) 132
Lepage, Francisco José (farmacêutico) 123
Liais, Emmanuel (astrônomo e botânico) 65, 72, 121

Libélula 32, 33, 102, 105, 110, 132, 137
Liberdade de imprensa 44, 72
Limpeza 59, 61, 70, 102, 112, 122, 128, 132, 141, 142
Livre comércio 55
Lojas 30, 60, 61, 62, 75, 88, 90, 93, 94, 97, 118, 121, 137, 138, 145, 146
Lombrigas gigantescas 107
Lund, Peter Wilhelm (naturalista) 96
Macacos 69, 108
Macacu, barra (hoje Porto da Piedade) (Magé/Rio de Janeiro) 61
Macacu, rio (Rio de Janeiro) 101
Maçonaria 44, 74, 75
Magé 100, 101, 104, 108
Mantiqueira, serra (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) 121, 137, 142, 145
Mar, alto-mar 22, 54, 55, 59, 60, 64, 69, 76, 108, 111, 131
Martius, Carl Friedrich Philipp von (botânico e médico) 70
Mato Grosso 133
Mendicância 87, 95
Minas Gerais 15, 32, 34, 44, 46, 70-71, 74, 79, 83, 92-94, 96, 106, 111-145
Miriápodes, superclasse de artrópodes 105, 107
Missa 75, 137, 138
Monarquistas 122
Monotonia 22, 54, 61, 92, 106
Mont Blanc (Suíça) 100
Mont Cervin (Suíça) 100
Morte 89
Mortes, rio (Minas Gerais) 124, 128, 130, 131, 132, 136
Mosquitos 68
Mulas 48, 86, 87, 88, 94, 95, 96, 102, 117, 119, 120, 136, 138, 143, 146
Mulheres 30, 43, 79, 83, 89, 95, 98, 110, 123, 128, 134, 138, 139, 142
Mulheres, isolamento 30, 123
Mulheres, negligência 123
Museu 29, 33, 72, 94, 95, 106, 116
Navio 22, 54, 55, 64
Netto, Ladislau de Souza Mello (botânico) 72, 97, 98
Niterói 42, 64, 97, 98, 100
Nível intelectual, população 28, 42, 128, 140
Nível moral, população 28, 128, 140
Novo Friburgo, cordilheira (Rio de Janeiro) 107
Observatório 65
Oceano, travessia 23, 54, 55
Órgãos, serra (Rio de Janeiro) 69, 97, 99, 100, 101, 107, 113, 131, 133
Orquídeas 78, 103
Ouvidor, rua (Rio de Janeiro) 60
Ovos 93, 102
Paca 91
Padre d'Almeida 122
Padres, à paisana 122
Palmeiras 78, 79, 144
Pão 93, 121
Papel-moeda 26, 58
Paquequer, rio (Rio de Janeiro) 102
Paquetá (Rio de Janeiro) 76, 78, 100
Pará, rio (Minas Gerais) 124
Paraíba do Sul (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) 70, 74, 83-85, 92, 98, 123, 133, 145
Paraibuna, estação (Minas Gerais, Rio de Janeiro) 92, 94, 95, 115
Paraibuna, rio (Minas Gerais, Rio de Janeiro) 92, 93, 96, 113, 118
Paraná, bacia (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, São Paulo) 124, 145
Parasitas 80, 122
Paris (França) 33, 38, 39, 60, 72, 123
Partidos políticos 27, 36, 38, 44, 74-75, 122
Passa Vinte, estação (Minas Gerais) 147
Passeio Público, parque (antes Jardim Público) 71
Paul de Kock, Charles (romancista) 90
Paulo Afonso, queda 84
Pedra Açu 103, 106-108, 110
Pedra do Sino 110
Pedro II (Imperador do Brasil) 43, 44, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 79, 80, 95, 112, 139
Peixe 66, 90, 111
Peixe-boi 71
Peixe seco 90, 111
Penélope (jacu) 69
Pequim 116
Periquitos 91, 119
Pernambuco 40, 76, 84, 98, 133
Pérolas 110
Pesca 64, 66, 96, 102
Pescadores 66, 102, 111
Petrópolis 44, 46, 92, 94, 104, 107, 109, 111, 112, 113, 116, 128, 144
Piabanha, rio (Petrópolis/Rio de Janeiro) 113
Piano 93, 95
Picadas 91, 103, 104
Picu, barreira (hoje Pedra do Picu) (Itamonte/Minas Gerais) 44, 144
Picu, pedra (antes Barreira do Picu) (Itamonte/Minas Gerais) 143
Piedade, porto (antes Barra de Macacu) (Magé/Rio de Janeiro) 100, 101, 108, 111
Piratininga 97
Planárias terrestres 107
Planície 59, 62, 69, 97, 104, 107, 108, 111, 125, 133, 146
Pobreza 30, 95, 125, 131
Polícia 27, 64, 82, 97, 123, 135
Poncho 84, 101, 106, 120
Ponte do Saco (Minas Gerais) 136
População 27, 37, 43, 65, 66, 76, 112, 116, 118, 124, 128, 131, 143
Porco 88, 93
Porto Novo, bairro (antes Porto Novo do Cunha) (Além Paraíba/Minas Gerais) 83, 84, 96, 97
Porto Novo do Cunha, bairro (hoje Porto Novo) (Além Paraíba/Minas Gerais) 83, 84, 96, 97
Portugal 80, 119, 128
Pouso Alto 44, 143
Praias 22, 55, 62, 68, 73
Prata 58
Prata, bacia (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai, Uruguai) 44, 144
Preto, rio (Minas Gerais, Rio de Janeiro) 83, 86, 92, 94, 107, 113, 146
Princesa Isabel (Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriel Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança) 79
Príncipe de Neuwied (Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied) 79
Prisão 131
Pulgas 122
Quitanda, rua (Rio de Janeiro) 60
Ranchos 30, 90, 105, 106, 118, 119, 137, 141
Rãs 146
Raimundo da Cruz (fazendeiro) 97
Réis, moeda 58, 66, 78, 80, 88, 91, 97, 98, 116, 117, 121, 131, 136, 145
Religião 75, 76, 87
Religiosos com filhos 98
Renault, Lorrain de Sierck (engenheiro) 122
Republicanos 27, 32, 36, 37, 38, 44, 74, 83, 122
Resende 84, 117, 128, 144, 146, 147
Residência de verão do Imperador 112
Restinga 68
Rio de Janeiro 8, 26, 28, 30, 32, 34, 42-44, 46-49, 54-110, 116, 144-147
Rio Grande do Sul 133
Rio Preto, visconde 91
Rio Preto, viscondessa 91
Rochas graníticas 78, 85, 104, 105, 121
Rodrigo de Freitas, lagoa (Rio de Janeiro) 59, 68
Rússia 116
Saco, distrito (hoje Capela do Saco) (Carrancas/Minas Gerais) 135, 136
Salubridade 102, 112
Santa Cruz, bairro (Rio de Janeiro) 118
Santa Teresa, bairro (Rio de Janeiro) 88, 89, 95
Santana, campo (Rio de Janeiro) 59, 72
Santana do Deserto (Minas Gerais) 94
Santos 85
Santos Dumont (antes João Gomes) 120, 121
São Cristóvão, bairro (Rio de Janeiro) 59, 61, 62
São Cristóvão, palácio (Rio de Janeiro) 70
São Cristóvão, parque (Quinta da Boa Vista) (Rio de Janeiro) 72, 80
São Francisco, rio (Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Sergipe) 72, 84
São João (São João del-Rei) 132
São João del-Rei 44, 128, 130, 131, 133
São José do Picu, distrito (hoje Itamonte) (Itanhandu/Minas Gerais) 143, 144
São José, serra (Minas Gerais) 132
São Paulo 44, 70, 74, 83, 85, 92, 98, 123, 133, 145
São Sebastião da Vitória (antes Vitória) 133
Sapos 105, 106, 107
Sarcoumbaia (Sapucaia) 97
Separação entre Estado e Igreja 76
Serraria, povoado (Santana do Deserto/Minas Gerais) 94
Sibéria 116
Sino, pedra (hoje Pedra do Sino de Itatiaia) (Minas Gerais) 110
Soberbo, rio (Rio de Janeiro) 101
Sociedade Botânica de Bordeaux 71
Sociedades 34, 71, 75
Spix, Johann Baptist von (naturalista) 70
Sufrágio 28, 37, 141
Tabaco de Wervik 93
Teatros 30, 80, 82
Temperatura 65, 106, 113, 144
Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias 79
Teresilhas (ver Três Ilhas) 92, 93, 94, 95
Teresópolis 101, 102, 103, 104, 110, 111
Tijuca, (Rio de Janeiro) 59, 68, 69, 78, 107
Tijuco (afluente do Água Limpa) (Minas Gerais) 131
Tinguá, serra (Rio de Janeiro) 84
Tocantins, bacia (Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Tocantins) 145
Traituba, fazenda (Minas Gerais) 137, 138, 141
Tramway, bonde (ver Bonds) 56, 59, 76
Três Ilhas, povoado (Minas Gerais) 92, 93, 94, 95
Três Rios (antes Entre Rios) 83, 93, 96
Trieux, das Ardenas (Bélgica, França, Luxemburgo) 124
Trieux, do Condroz (Valônia/Bélgica) 124
Tropeiro 30, 117, 118, 119, 120, 128, 141, 142
Ultramontanismo 44, 74, 75, 76
União e Indústria, companhia (Minas Gerais, Rio de Janeiro) 44, 92, 94, 95, 113, 116
União e Indústria, estrada (Minas Gerais, Rio de Janeiro) 46, 48, 83, 92, 94, 95, 113
União Valenciana, ferrovia (Rio de Janeiro) 85
Universidade de Liége (Valônia/Bélgica) 33, 40, 66, 123
Urubus (abutres)) 70, 76
Vacas, ordenha 129
Valença 85, 86, 87, 88, 91, 92, 95, 96, 118
Van Beneden, Édouard Joseph Louis-Marie (professor, zoologista) 33, 34, 44, 45, 47, 54, 66, 69, 70, 71, 76, 78, 98, 102, 103, 111, 117, 118, 119, 121, 122, 129, 132, 133, 135, 138, 141, 143
Van Volxem, Camille (entomologista) 34, 44, 54, 65, 71, 72, 83, 91, 93, 95, 98, 103, 117, 119, 120, 121, 122, 132, 135, 136, 143
Varíola, epidemia 87
Velhas, rio (Minas Gerais) 84
Velloso, José Mariano da Conceição (frei) 70
Venda, loja 30, 60, 61, 62, 75, 88, 90, 93, 94, 97, 118, 121, 137, 138, 145, 146
Vilas 61, 62, 86, 98, 102, 118, 125, 131, 133, 135, 141, 143, 146
Vinho 56, 62, 128
Viração, morro (Niterói/Rio de Janeiro) 97
Visconde do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos) 75, 76
Vitela 129
Vitória, distrito (hoje São Sebastião da Vitória) (São João del-Rei/Minas Gerais) 133
Vivienne, rua (Paris/França) 60

Iconografia

RELAÇÃO E CRÉDITOS DAS IMAGENS

Figura 1 – [Folha de rosto da edição de 1875 de *Notes d'un voyage au Brésil:* extrait de la Revue de Belgique]
Título: Notes d'un voyage au Brésil par [...]. Extrait de la Revue de Belgique
Autoria: Walthère de Sélys-Longchamps, 1846-1912
Descrição: Folha de rosto da obra de W. de S. Longchamps, em língua francesa
Detalhes: Bruxelas: Librairie C. Muquardt, Merzbach & Falk, Éditeurs, 1875; 102 p., em papel 24,9 x 16,1 cm
Link: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7505
Custódia: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin / USP

Figura 2 – Walthère de Sélys-Longchamps, Liége (Bélgica), 1846; Les Planches ou Territet (Suíça), 1912
Título: Walthère de Sélys-Longchamps (1846-1912)
Autoria: Paul Brien, 1894-1975
Descrição: Imagem do barão e viajante Walthère de Sélys-Longchamps, que viveu por 65 anos.
Detalhes: 1 fotog.: monocrom., preto e branco
Link: https://www.bestor.be/wiki/index.php/Selys_Longchamps,_Marc_Aur%C3%A8le_Gracchus_baron_de_(1875-1963) / https://academieroyale.be/academie/documents/DESELYSLONGCHAMPSMarcAureleGracchus8725.pdf
Custódia: Projeto BESTOR (Belgian Technology Online Resources) / Academia Real de Belas-Artes de Bruxelas

Figura 3 – Castelo de Sélys-Longchamps, Liége, Bélgica – [c. 1805-1815]
Título: Le Tulipier de l'Empereur, authentiek luxeverblijf in Borgworm, België
Autoria: N/C
Descrição: Gravura que mostra o castelo de Sélys-Longchamps, ou Le Tulipier de l'Empereur, e seu jardim frontal.
Detalhes: 1 grav.
Link: https://labelauboisdormant.be/2015/02/23/un-brin-dhistoire-au-chateau-de-longchamps/
Custódia: Label: Au bois dormant / Château de Sélys-Longchamps

Figura 4 – Michel Edmond de Sélys-Longchamps (1813-1900) – [c. 1840]
Título: Michel Edmond de Sélys-Longchamps
Autoria: Jean Joseph Eleonora Antoine Ansiaux, 1764-1840
Descrição: Pintura a óleo, possivelmente do político e entomologista Michel Edmond de Sélys-Longchamps em meio a natureza.
Detalhes: 1 pint.: óleo
Link: https://de-academic.com/dic.nsf/dewiki/953621
Custódia: Domínio público / Universidade de Liége

Figura 5 – Édouard Van Beneden (1846-1910)
Título: Professeur Van Beneden
Autoria: Deschiens
Descrição: Gravura de Édouard Van Beneden, professor na Universidade de Liége, Doctor Honoris Causa de [?], de Oxford, de Edimburgo, de Cambridge e de Leipzig, membro correspondente do Instituto da França e membro das Academias de Berlim, Viena, São Petersburgo, Roma etc.
Detalhes: 1 fotogr.: monocrom., sépia.
Link: https://prabook.com/web/edouard.van_beneden/3757031#gallery
Custódia: Prabook / World Biographical Encyclopedia

Figura 6 – *Sotalia brasiliensis,* espécie de boto identificada por Édouard Van Beneden na baía de Guanabara, Rio de Janeiro – 1875
Título: Mémoire sur un Dauphin nouveau de la Baie de Rio de Janeiro, désigné sous le nom de Sotalia brasiliensis
Autoria: Édouard Van Beneden
Descrição: Ilustração científica feita por Van Beneden em 1875, descrevendo uma espécie brasileira de boto.Presente em: *Mémoires de l'Académie Royale de Sciences Belgique*, Bruxelles, v. 41, n. 1, p. 1-44, 1875.Link: https://biostor.org/reference/146551
Custódia: Biodiversity Heritage Library / Academia Real de Belas-Artes de Bruxelas

Figura 7 – Porto do Rio de Janeiro – 1871
Título: Saída de S.S.M.M. o Imperador e a Imperatriz do Brasil do porto do Rio de Janeiro no dia 25 de maio de 1871 / Eº de Martins, prix 1871; A. lith.
Autoria: Angelo Agostini, 1843-1910
Presente em: Suplemento da Vida Fluminense
Descrição: Cena marinha registrando a partida do Imperador Dom Pedro II e sua mulher, a imperatriz Teresa Cristina na embarcação Douro cercada por outras menores – a saber, Egmont, Gladiator, Bristol, Barca Ferry, Barca Fluminense, Lima Barros e Brasil – com destino a Europa, de onde regressou em 30 de março de 1872.
Detalhes: 1 grav.: litograv., preto e branco; 27,5 x 41,5 cm, em papel 35,8 x 54,8 cm
Link: https://atom-mhn.museus.gov.br/index.php/saida-de-s-s-m-m-o-imperador-e-a-imperatriz-do-brasil-do-porto-do-rio-de-janeiro-no-dia-25-de-maio-de-1871
Custódia: Museu Histórico Nacional (Brasil)

Figura 8 – Ponte do Desengano sobre o rio Paraíba, Rio de Janeiro – 1858
Título: Estrada de Ferro de D. Pedro II – Ponte de Desengano sobre o rio Paraíba
Autoria: Carlos Linde, ca. 1830-1873 – Imperial Instituto Artístico
Descrição: Vista geral da ponte de Desengano sobre o rio Paraíba, por onde viria a passar o trem.
Detalhes: 1 grav.: litograv., preto e branco; 70 x 54 cm
Link: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=61331
Custódia: Arquivo Público Mineiro (Coleção de Litogravuras)

Figura 9 – Hôtel des Étrangers, com o Pão de Açúcar ao fundo – [c. 1865]
Título: Hôtel des Étrangers – Pão de Açúcar – Rio de Janeiro
Autoria: Georges Leuzinger, 1813-1892
Descrição: Vista diurna da praça José de Alencar (antes Largo do Catete) para o Pão de Açúcar.
Detalhes: 1 fotog.: monocrom., sépia; 19,3 x 25,2 cm
Link: http://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4430
Custódia: Biblioteca Brasiliana / Instituto Moreira Salles (Coleção Leibniz - Institut für Länderkunde, Leipzig)

Figura 10 – Praia de Botafogo, Rio de Janeiro – 1862
Título: Praia de Botafogo
Autoria: Augusto Stahl, 1828-1877
Descrição: Vista diurna da orla da praia de Botafogo.
Detalhes: 1 fotog.: monocrom., sépia; sp: 20,2 x 24,8 cm / ss: 26,5 x 35,1 cm / st: 26,6 x 35,2 cm
Link: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2148
Custódia: Biblioteca Brasiliana / Instituto Moreira Salles (Coleção Gilberto Ferrez)

Figura 11 – Dom Pedro II, Imperador do Brasil – 1875
Título: Imperador do Brasil
Autoria: Joaquim Insley Pacheco, 1830-1912
Descrição: Um retrato vertical de Pedro II, Imperador do Brasil, entre seus 49 e 50 anos.
Detalhes: 1 fotog.: monocrom., sépia; 9,3 x 5,6 cm
Link: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4457
Custódia: Biblioteca Brasiliana / Instituto Moreira Salles (Coleção Leibniz - Institut für Länderkunde, Leipzig)

Figura 12 – Vendedora de frutas, Rio de Janeiro – [c. 1869]
Título: Vendedora de frutas no Rio de Janeiro
Autoria: Henschel e Benque [Alberto Henschel, 1827-1882; Franz Benque, 1841-1821]
Descrição: Retrato vertical de uma mulher negra sob um guarda-sol e cercada de frutas e plantas.
Detalhes: 1 fotog.: monocrom., sépia; 13,2 x 9,6 cm
Link: http://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4508
Custódia: Biblioteca Brasiliana / Instituto Moreira Salles (Coleção Leibniz - Institut für Länderkunde, Leipzig)

Figura 13 – Serra dos Órgãos e suas florestas, Rio de Janeiro – [c. 1869]
Título: Floresta que sombreia as encostas das montanhas da Serra dos Órgãos, na Província do Rio de Janeiro [Silva Montium Serra dos Orgãos Declivia Obumbrans in Prov. Rio de Janeiro]
Autoria: Carl Friedrich Philipp von Martius, 1794-1868 (a partir de Georges Leuzinger)
Descrição: Quatro figuras humanas, um cachorro e um cavalo ao centro, cercados pela vegetação da serra dos Órgãos, que ao fundo revela o Dedo de Deus.
Detalhes: 1 grav.: litograv., preto e sépia; 29,4 x 45,2 cm
Link: https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19156/silva-montium-serra-dos-orgaos-declivia-obumbrans-in-prov-rio-de-janeiro
Custódia: Biblioteca Brasiliana / Instituto Moreira Salles

Figura 14 – Petrópolis, Rio de Janeiro – 1872
Título: Petropolis. – Vista geral.
Autoria: Revert Henry Klumb, ca. 1826-ca. 1886
Descrição: Gravura representando a vista panorâmica de Petrópolis. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33644
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 15 – Planta e perfil longitudinal da estrada da Companhia União e Indústria – 1872
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Representação cartográfica da malha ferroviária planejada pela Cia. União e Indústria. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33851
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 16 – Comendador Mariano Procópio Ferreira Lage, 1821-1872 – 1872
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Busto do diretor da Cia. União e Indústria, Mariano Procópio. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33736
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 17 – Estação Paraibuna da Estrada União e Indústria – 1872
Título: Parahybuna. – Estação.
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Busto do diretor da Cia. União e Indústria, Mariano Procópio. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33833
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 18 – Diligência da Companhia União e Indústria e vista da pedra da Paraibuna – 1872
Título: Pedra da Parahybuna.
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Gravura revela um caminho de terra por onde passa uma carroça, cercada de árvores e pela pedra da Paraibuna, em Comendador Levy Gasparian, município fluminense situado na divisa com Minas Gerais. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33785
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 19 – Estação de Julioca da Estrada União e Indústria, com plantação de café ao fundo – 1872
Título: Julioca. – Estação.
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Gravura revela pequenas construções com uma cena entre dois homens e um cachorro, ao fundo há um morro coberto por plantações. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33771
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 20 – Carro de boi e vista da Colônia Pedro II, em Juiz de Fora – 1872
Título: Juiz de Fóra. – Colonia Pedro II.
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Gravura revela um caminho de terra por onde passa um carro de boi, cercado por três homens e seguido por um pequeno povoado ao fundo, a Colônia Pedro II – também chamada Colônia Alemã. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33843
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 21 – Ponte das Garças sobre o Paraíba, Estrada União e Indústria – 1872
Título: Ponte das Garças sobre o Parahyba.
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Gravura revelando a ponte das Garças, sobre o rio Paraíba, no município fluminense de Três Rios. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33776
Custódia: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 22 – Estação Juiz de Fora e hotel União da Estrada União e Indústria – 1872
Autoria: Revert Henry Klumb
Descrição: Cena da cidade de Juiz de Fora, expondo a estação da cidade e o hotel União. Ilustra o livro *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora, de Revert Henry Klumb.
Detalhes: 1 grav.: il., preto e branco
Link: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=33841

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

FJP
FUNDAÇÃO
JOÃO PINHEIRO